A Vida Intelectual

A. D. Sertillanges

Índice

CAPÍTULO I - A vocação intelectual

I – O intelectual é um consagrado.

Falar de vocação equivale a designar os que pretendem fazer do trabalho intelectual a sua vida, ou porque dispõem de vagar para se entregarem ao estudo, ou porque, no meio de ocupações profissionais, reservam para si, como feliz suplemento e recompensa, o profundo desenvolvimento do espírito. Digo profundo, para descartar a ideia de tintura superficial. Uma vocação não se satisfaz com leituras vagas nem com pequenos trabalhos dispersos. Requer penetração continuidade e esforço metódico, no intuito duma plenitude que responda ao apelo do Espírito e aos recursos que lhe aprouve comunicar-nos.

Este apelo não se deve conjecturar. Quem se aventura a um caminho, que não pode trilhar, com pé firme, conte de antemão com decepções. O trabalho pesa sobre todos e, após a primeira formação sempre custosa, seria loucura deixar descambar o espírito na primitiva indigência. Uma coisa é a conservação pacífica do que se adquiriu, e outra coisa é retomar pela base uma instrução puramente provisória e que se considera simples ponto de partida.

Este último estado de espírito é o de um chamado. Implica uma resolução grave, porque a vida de estudo, sendo austera, impõe duros encargos. Paga, e abundantemente; mas exige uma entrada de capital de que poucos são capazes. Os atletas da inteligência, Como os atletas do desporto, têm de prever privações, longos treinos e tenacidade por vezes sobre-humana. Precisam de se dar de alma e coração à conquista da verdade, visto que a verdade só presta serviços a quem a serve.

Tal orientação deve ser precedida de maduro e longo exame. A vocação intelectual é como as demais vocações: está inscrita nos nossos instintos, nas nossas capacidades, em um não sei que entusiasmo interior sujeito ao exame da razão. As nossas disposições são como as propriedades químicas que determinam, para cada corpo, as combinações em que pode entrar. Não é coisa que se dê. Vem do céu e da natureza primeira. O ponto está em ser dócil a Deus e a si próprio, depois de ter escutado estas duas vozes.

Assim compreendida, a máxima de Disraeli: <<Fazei o que vos agrada, contanto que isso verdadeiramente vos agrade>>, encerra profundo sentido. O gosto, que se encontra cm correlação com as tendências íntimas e com as aptidões, é esplêndido juiz. S. Tomás, afirmando que o prazer qualifica as funções e pode servir para classificar os homens, deve naturalmente concluir que o prazer também pode trair as nossas vocações. Mas é mister esquadrinhar até às profundidades em que o gosto e o ardor espontâneo se encontram com os dons e a providência de Deus.

O estudo duma vocação intelectual comporta, além da vantagem incalculável de o homem se realizar plenamente a si próprio, um interesse geral a que ninguém pode renunciar.

A humanidade cristã compõe-se de personalidades diversas, e nenhuma destas pode abdicar daquela sem empobrecer o grupo e privar o eterno Cristo de parte do seu reino. Jesus Cristo reina pelo seu desdobramento. A vida de qualquer dos seus <<membros>> é um instante qualificado da sua duração; qualquer caso humano e cristão é um caso incomunicável, único e, por conseguinte, necessário, da extensão do <<corpo espiritual>>. Se sois porta-luz, não escondais, debaixo do alqueire, o brilho pequeno ou grande que de vós se espera na casa do Pai de família. Amai a verdade e os seus frutos de vida, para bem vosso e dos outros; consagrai ao estudo e à sua utilização o principal do vosso tempo e do vosso coração.

Todos os caminhos, excepto um, são maus para vós, visto que todos se apartam da direcção onde se espera e se requer a vossa acção. Não sejais infiel a Deus, nem a vossos irmãos, nem a vós próprios, rejeitando um apelo sagrado.

Isto supõe que se abraça a vida intelectual com intenções desinteresseiras e não por ambição ou vã gloríola. Os guisos da publicidade só tentam os espíritos fúteis. A ambição, que quisesse subordinar a si a verdade eterna, ofendê-la-ia. Brincar com as questões que dominam a vida e a morte, com a natureza misteriosa, talhar-se um destino literário e filosófico à custa da

verdade ou fora da dependência da verdade, constitui um sacrilégio. Tais intentos, sobretudo o primeiro, não conseguiriam manter o investigador; depressa o esforço esmoreceria e a vaidade haveria de entreter-se com bagatelas, sem curar das realidades.

Mas isto supõe igualmente que se junta, à aceitação do fim, a aceitação dos meios, sem o que não se deve tomar a sério a obediência à vocação. Quantos há que desejariam saber! Uma vaga aspiração impele as multidões para horizontes que a maior parte admira de longe, como o doente de gota admira, desde a planície, as neves eternas que cobrem o cimo das montanhas. Obter sem gastar, eis o desejo universal; mas desejo de corações cobardes e de cérebros enfermos. O universo não acorre ao primeiro sussurro e para que a luz de Deus baixe a vossas lâmpadas, é necessário que as vossas almas a peçam instantemente.

Sois um consagrado: tendes de querer o que a verdade quer; consenti, por causa dela, em vos mobilizardes, em vos fixardes nos seus domínios, em vos organizardes e, porque vos falta a experiência, em vos firmardes na experiência alheia.

<<Ah, se a juventude soubesse!...>> Mais do que ninguém, precisam os jovens deste aviso. A ciência é conhecimento pelas causes; mas activamente, quanto à sua produção, é criação pelas causas. É preciso conhecer e adoptar as causas do saber, depois coaduná-las e não adiar o cuidado de lançar os alicerces até ao momento de assentar o telhado.

Que belas culturas se podiam empreender nos primeiros anos de liberdade após os estudos, revolvida ainda de fresco a gleba intelectual com as sementes confiadas ao solo! É esse um tempo que não volta mais, o tempo de que se há-de viver mais tarde. Qual ele tiver sido, tal será o homem, porque não há maneira de arrepiar o caminho andado. Se viverdes superficialmente, sofrereis o castigo de ter descurado, em seu tempo, o porvir que vive sempre de esperança. Pense cada qual nisto na hora em que o pensar pode servir.

Quantos jovens, que nutrem a pretensão de vir a ser trabalhadores, malbaratam miseravelmente os dias, as forças, a seiva intelectual! ou não trabalham, quando lhes sobra tempo de o fazer, ou trabalham mal, caprichosamente, sem saberem o que são, nem para onde querem ir, nem como se anda. Cursos, leituras, frequentações, dosagem do trabalho e do descanso, da solidão e da acção, arte de extrair e de utilizar os elementos adquiridos, realizações provisórias que anunciam o trabalho próximo, virtudes a alcançar e a desenvolver, nada se prevê, nada será satisfeito.

No entanto, em igualdade de recursos, que diferença entre o que sabe e prevê e o que corre à aventura! <<O génio é longa paciência>>, mas paciência organizada, inteligente. Não se requerem faculdades extraordinárias para realizar uma obra; basta uma média superior; o resto, fornece-o a energia e a arte de a aplicar. Sucede aqui o que sucede a um operário honrado, poupado e fiel ao trabalho: chega ao termo, quando muitas vezes o inventor fracassa por causa de irritações e pressas.

O que digo aplica-se a todos, dum modo especial aos que só sabem dispor duma parte da vida, da mais fraca, para se entregarem aos trabalhos da inteligência. Mais do que os outros, devem estes ser consagrados. Terão de amontoar, em reduzido espaço, o que lhes não é dado distribuir em vasta extensão. O ascetismo especial e a virtude heróica do trabalhador intelectual deverão ser, para eles, o pão de cada dia. Se, porém, consentirem nesta dupla oferta de si próprios, não desanimem.

Se para produzir não faz falta o génio, menos falta ainda faz a plena liberdade, tanto mais que esta tem armadilhas, e para as vencer pode concorrer imenso o estar adstrito a rigorosas obrigações. Uma corrente apertada entre margens estreitas irromperá mais longe. A disciplina do ofício é forte escola que aproveita aos lazeres estudiosos. O homem, quando constrangido, concentra-se mais, aprende a avaliar o tempo, refugia-se com ardor nas horas raras em que, satisfeito o dever, se torna a encontrar o ideal e se goza da calma da acção escolhida, após a acção imposta pela dura existência.

O trabalhador que no esforço novo encontra a recompensa do esforço antigo, que dele faz o seu tesouro, é de ordinário um apaixonado; não há meio de o desapegar do que assim é consagrado pelo sacrifício. O seu andar, na aparência mais lento, dispõe de recursos para ir por diante. Pobre tartaruga laboriosa, não perde o tempo em ninharias, porfia, e ao fim de poucos anos, ultrapassa a lebre indolente, cuja marcha desimpedida lhe causava inveja, enquanto se arrastava lentamente.

Pensai o mesmo do trabalhador isolado, sem dotes intelectuais, nem facilidade de frequentações que o estimulem, enterrado nalgum canto de província onde parece condenado

a estagnar-se, longe das ricas bibliotecas, dos cursos brilhantes, do público vibrante, possuindo-se unicamente a si e obrigado a tudo haurir deste fundo inalienável.
Não desanime. Se tem tudo contra si, guarde-se a si próprio, e que isso lhe baste. Um coração ardente dispõe de maiores probabilidades de vencer, embora em pleno deserto, do que um estúrdio do Bairro latino que não sabe aproveitar as facilidades que tem à mão. Também aqui, da dificuldade pode brotar a força. Sobre a montanha, só nos especamos nas passagens difíceis; nos caminhos planos avançamos folgados, e a folga, não vigiada, depressa se toma funesta.
O querer vale mais do que tudo: querer ser alguém; chegar a ser alguma coisa; ser já, pelo desejo, esse alguém qualificado pelo ideal. O resto sempre se alcança. Livros, há-os em toda a parte; além disso, poucos bastam. Frequentações, estímulos, encontramo-los em espírito na solidão: as grandes seres estão lá, presentes a quem os invoca, e por detrás do pensador ardente erguem-se os grandes séculos. Os que têm a facilidade de assistir a cursos, ou os não seguem ou os seguem mal, se, em caso de necessidade, não tiverem em si recursos para deles prescindirem. Quanto ao público, por vezes anima-vos, ordinàriamente perturba-vos e dispersa-vos. Não vos arrisqueis a perder uma fortuna por uma colher de mel coado. Mais vale a solidão apaixonada, onde qualquer semente rende cem por um e um simples raio de sol doura os frutos do outono.
Quando S. Tomás de Aquino se dirigia a Paris e descobriu ao longo a cidade, disse ao irmão que o acompanhava: <<Irmão, de bom grado trocaria tudo isto pelo comentário de S. João Crisóstomo sobre S. Mateus>>. A quem vive destes sentimentos pouco importa o lugar onde está ou os meios de que dispõe; esse é um eleito do espírito e, como tal, só lhe resta perseverar e entregar-se à vida consoante o Plano divino.
Escuta-me, ó jovem que compreendes esta linguagem e a quem os heróis da inteligência parece chamarem misteriosamente, mas que receias encontrar-te desprovido.
Tens duas horas por dia? Podes obrigar-te a reservá-las ciosamente, a empregá-las com ardor e, depois, destinado também de antemão ao Reino de Deus, podes beber o cálice de sabor esquisito e amargo, que estas páginas quereriam dar-te a prova? Se a tua resposta é afirmativa, tem confiança, mais do que isso repousa na certeza.
Obrigado a ganhar a vida, ganhá-la-ás sem lhe sacrificar, como tantas vezes acontece, a liberdade da alma. Entregue a ti, sentir-te-ás atirado com maior violência para os teus nobres fins. A maior parte dos grandes homens exerceu um ofício. Na opinião de muitos, as duas horas, que peço, bastam para talhar um destino intelectual. Aprende a administrar esse pouco tempo; mergulha todos os dias no manancial que, dessedentando, aumenta a sede.
Queres contribuir com a tua quota para perpetuar a sabedoria entre os homens, para recolher a herança dos séculos, para fornecer ao presente as regras do espírito, para descobrir os factos e as causas, para orientar os olhos inconstantes na direcção das causas primeiras e os, corações na dos fins supremos, para reavivar a chama que se apaga e organizar a propaganda da verdade e do bem? É esse um quinhão que vale, sem dúvida, sacrifícios suplementares e o cultivo duma paixão absorvente.
O estudo e a prática daquilo que o P. Gratry chama a Lógica viva, isto é, o desenvolvimento do nosso espírito, ou verbo humano, pelo contacto directo ou indirecto com o Espírito e o Verbo divino, este estudo grave e esta prática perseverante franquear-te-ão a entrada no santuário admirável. Hás-de pertencer ao número dos que crescem, adquirem e se preparam para os dons magníficos. Se Deus quiser, também tu encontrarás lugar, um dia, na assembleia dos espíritos nobres.

II – O intelectual não é um isolado.

O trabalhador cristão, em virtude da sua vocação intelectual de consagrado, não deve isolar-se. Seja qual for a sua situação, julguem-no abandonado ou retirado materialmente, não deve deixar-se tentar pelo individualismo, imagem deformada da personalidade crista. Se a solidão vivifica, o isolamento paraliza e esteriliza. À força de ser alma, cessa-se de ser homem, diria Vitor Hugo. O isolamento é inumano; porque trabalhar humanamente é trabalhar com o sentimento do homem, das suas necessidades, das suas grandezas, da solidariedade que nos liga numa vida estreitamente comum.

O trabalhador cristão deveria viver constantemente no universal, na história. Porque vive com Jesus Cristo, não pode separar dele nem os tempos nem os homens. A vida real é vida num, vida de família imensa com a caridade por lei: se o estudo pretende ser acto de vida, e não arte pela arte ou monopólio do abstracto, deve reger-se por esta lei de unidade cordial. <<Oramos diante do Crucifixo>>, diz Gratry – devemos também trabalhar aí – mas a verdadeira cruz não está isolada da terra>>.
O verdadeiro cristão terá sem cessar diante dos olhos a imagem do globo onde está plantada a cruz, onde os pobres seres humanos erram e sofrem, e onde o sangue redentor procura encontrá-los através de meandros sem conta. A luz, que possui, reveste-o dum sacerdócio; a luz que pretende adquirir, é promessa implícita e dom. Toda a verdade é prática; a mais abstracta na aparência, a mais elevada é também a prática. Toda a verdade é vida, orientação, caminho em ordem alcançar o fim humano. Por isso Jesus Cristo reuniu numa só afirmação: Eu som o Caminho, a Verdade e a Vida.
Trabalhai, pois, sempre, em espírito de utilização, como recomenda o Evangelho. Deixai sussurrar em volta o género humano; distingui nele estes e aqueles, indivíduos ou grupos, cuja indigência conheceis; descobri o que pode arrancá-los à noite, enobrecê-los, o que de perto ou de longe os salva. Só as verdades redentoras são Santas e as palavras do Apóstolo – <<a vontade de Deus é que sejais santos>> - aplicam-se ao nosso trabalho como a tudo o mais.
Jesus Cristo precisa do nosso espírito, como precisava, enquanto viveu na terra, do seu próprio espírito humano. Ele retirou-se, nós continuamo-lo: eis a nossa honra incomensurável. Somos os seus <<membros>>, portanto o seu espírito em participação, portanto os seus cooperadores. Opera por nós, fora e pelo seu espírito inspirador, dentro, como, em vida, operava exteriormente pela palavra, e no íntimo das almas pela graça. Sendo o nosso trabalho necessário para esta acção, trabalhemos como Jesus meditava, haurindo, como Ele, nos mananciais do Pai, com o intuito de difundir.

III – O intelectual pertence ao seu tempo.

Em seguida, pensai que, se todos os tempos são iguais perante Deus, se a sua eternidade é centro irradiante, a igual distância do qual correm todos os pontos da circunferência do tempo, não sucede o mesmo na relação dos tempos connosco, que habitamos a circunferência. Estamos aqui, na vasta roda, não noutra parte. Foi Deus que nos colocou aí. Qualquer momento da duração nos diz respeito e qualquer século é nosso próximo, do mesmo modo que qualquer homem; esta palavra – próximo – é termo relativo, que a providencial sabedoria determina para cada qual e que cada qual, na sua sabedoria restrita, deve igualmente determinar.
Eis-me aqui, homem do século XX, contemporâneo dum drama permanente, testemunha de confusões como porventura o mundo nunca presenciou desde que os montes surgiram e os mares foram atirados para seus antros. Que fazer por este século arquejante? Mais do que nunca, o pensamento espera pelos homens e os homens pelo pensamento. O mundo corre perigo por falta de máximas de vida. Encontramo-nos num comboio que desfila a toda a velocidade, e não há sinalização, nem agulheiros. O planeta não sabe para onde vai, a sua lei abandona-o: quem lhe restituirá o seu sol?
O que digo não visa a estreitar o campo da investigação intelectual, nem a confiná-lo no estudo exclusivamente religioso. O decurso do livro o mostrará. Já disse que toda a verdade é prática, que toda a verdade salva. Mas indico um espírito, e este espírito exclui qualquer forma de diletantismo.
Exclui também certa tendência arqueológica, certo amor do passado que se desinteressa das dores actuais, certa estima do passado que parece ignorar a presença universal de Deus. Nem todos os tempos valem o mesmo, mas todos os tempos são tempos cristãos, e há um que para nós e praticamente os ultrapassa a todos: o nosso. Para ele são os nossos recursos nativos, as nossas forças de hoje e as de amanhã, e por conseguinte os esforços que lhes devem corresponder. Não nos assemelhemos aos que dão sempre a impressão de pegar às borlas do caixão nos funerais do passado. Utilizemos, como vivos, o valor dos mortos. A verdade é sempre nova. Todas as virtudes antigas querem reflorescer, exactamente como a erva da

madrugada beijada pelo orvalho. Deus não envelhece. É mister ajudá-lo a renovar, não os passados enterrados, nem as crónicas extintas, mas a eterna face da terra.
Este é o espírito do intelectual católico, esta a sua vocação. Quanto mais depressa a determinar pelo descobrimento do género de estudos a que se deve consagrar, tanto melhor.
Atentai agora nas virtudes que Deus lhe pede.

CAPÍTULO II - As virtudes do intelectual Cristão

I - As virtudes comuns.

A virtude contém, em certo modo, a intelectualidade em potência, uma vez que, levando-nos ao nosso fim, que é intelectual equivale ao supremo saber.
Muitas conclusões se podem daqui deduzir; podemos até deduzir tudo, porque a esta primazia da ordem moral prende-se a dependência relativa da verdade, do belo, da harmonia, da unidade, até do ser, a respeito da moralidade que deste modo contrai parentesco com o primeiro princípio. Prefiro, porém, seguir caminho mais modesto.
As qualidades de carácter desempenham, em todas as coisas, papel preponderante. O intelecto não passa de instrumento, e o seu manejo é que lhe determina os efeitos. Para bem reger a inteligência, requerem-se evidentemente outras qualidades além da inteligência. Um espírito recto declara instintivamente que a superioridade em qualquer género inclui uma dose de superioridade espiritual. Para julgar com acerto, é preciso ser grande.
Provocaria certo escândalo o atribuir a um valdevinos uma importante invenção. Ficaria com isso magoada a candura dum homem simples. Escandalizamo-nos duma dissociação que ofenda a harmonia humana. Ninguém acredita nos joalheiros que vendem pérolas e não as usam. Parece um paradoxo está junto dum manancial sublime e não aproveitar a sua natureza moral. Gozar do poder da inteligência e convertê-lo em força isolada, afigura-se-nos jogo perigoso, porque toda a força isolada, no seio dum todo equilibrado, torna-se vítima dele.
Ora, se o carácter fraqueja, é natural que venha a ressentir-se o senso das grandes verdades. O espírito que, por falta de inspecção, não volta a encontrar o seu nível, despenha-se em perigosos declives, e um pequeno erro ao princípio acaba por ser grande. A força lógica poderá precipitar mais fundo aquele, cuja alma deixou o discernimento sem salvaguardas. Daí tantas quedas retumbantes, e tantos erros às vezes geniais, em mestres desorientados.
A vida é unidade; seria para espantar que se lograsse executar uma função ao máximo, descurando a outra, e que o viver as ideias não ajudasse a percebê-las.
Donde provém esta unidade da vida? Do amor. <<Dize-me o que amas, dir-te-ei o que és>>. O amor, em nós, é o começo de tudo, e este ponto de partida do conhecimento e da prática não pode deixar de tornar solidários, em cem medida, os rectos caminhos de um e da outra.
A verdade vem ao encontro dos que a amam, dos que lhe não resistem, e este amor pressupõe a virtude. Pelo que, a despeito de possíveis taras, o génio, que no trabalho é já virtuoso, para ser santo só precisaria de ser mais plenamente o que é.
A verdade medra na mesma terra que o bem; as raízes duma e doutro comunicam entre si. Desligados desta raiz comum e, por conseguinte, menos ligados à sua terra, ambos vêm a sofrer: ou a alma se torna anémica ou o espírito se estiola. Pelo contrário, alimentando a verdade, ilumina-se a consciência; fomentando o bem, guia-se o saber.
Praticando a verdade que se conhece, merece-se a que se ignora. Merecemo-la também com um mérito que é a sua própria recompensa; porque todas as verdades são interdependentes, e sendo a homenagem do facto, de todas, a mais decisiva, quando a rendemos à verdade da vida, abeiramo-nos das claridades supremas e das dependências. Embarcando no afluente, chega-se ao rio e, pelo rio, ao mar.
Apertemos mais esta importante doutrina, tão importante que só para a relembrar teria sido oportuna a composição deste livrinho.
A virtude é saúde da alma. Ora, quem se atreve a asseverar que a saúde nada tem de comum

com a visão? Perguntai-o ao oculista. Um prático inteligente não se detém a medir a curvatura do cristalino e a escolher combinações de lentes, nem se limita a aconselhar colírios ou banhos locais, mas preocupa-se com o estado geral do enfermo, com a dentição, com o regime de vida, com o bom ou mau funcionamento das vísceras. Não vos admireis se este médico dum só órgão vos interroga acerca da vossa virtude.
A visão espiritual não é menos exigente.
Julgais que pensamos só com a inteligência? Seremos acaso puro feixe de poderes, donde retiramos o instrumento apto para isto ou para aquilo? Pensamos <<com toda a alma>>, declarava Platão. Nós vamos muito mais longe e dizemos: pensamos com todo o ser. O conhecimento interessa tudo em nós, desde a ideia vital até à composição química da mais pequenina célula. As desordens mentais, os estudos delirantes, as alucinações, as astenias e as hiperestenias, as inadaptações ao real, de qualquer espécie que sejam, provam claramente que não só o espírito pensa, mas o homem todo.
Como querereis pensar bem com a alma doente, com o coração trabalhado pelos vícios, solicitado pelas paixões, desorientado por amores violentos ou culpados? Há um estado clarividente e um estado cego da alma, dizia Gratry, um estado são e conseguintemente sensato, e um estado insensato. <<O exercício das virtudes morais, afirma por sua vez S. Tomás de Aquino, das virtudes que refreiam as paixões, importa sobremaneira para a aquisição da ciência[1].
Plenamente de acordo! Ora analisai. De que depende, antes de mais nada, o esforço da ciência? Da atenção, que fixa o Campo da investigação nos concentra nele e apoia todas as nossas forças nesse sentido; em seguida do juízo, que recolhe os frutos da investigação. Ora as paixões e os vícios distraem a atenção, dispersam-na, desviam-na e alcançam o juízo por rodeios de que Aristóteles e outros muitos após ele perscrutaram os meandros.
Todos os psicólogos contemporâneos estão de acordo neste particular; a evidência não permite dúvidas. A <<psicologia dos sentimentos>> governa a prática, mas também, em grande parte, o pensamento. A ciência depende das orientações passionais e morais. Apaziguar-nos é desembaraçar em nós o senso do universal; rectificar-nos, é desobstruir o senso da verdade.
Continuai a analisar. Quais são os inimigos do saber? Evidentemente a ininteligência: e, por isso, o que dizemos dos vícios, das virtudes e do seu papel na ciência, pressupõe sujeitos no restante iguais. Mas, à parte a loucura, que inimigos temeis? Não pensais na preguiça, sepulcro dos melhores dons? Na sensualidade, que enfraquece e prostra o corpo, enegrece a imaginação, embota a inteligência, dissipa a memória? No orgulho, que ora deslumbra ora entenebrece, que nos arrasta para o nosso próprio senso a ponto de nos fazer perder o senso universal? Na inveja que recusa obstinadamente uma claridade vizinha? Na irritação que rejeita as críticas e se apega ao erro?
Livre destes obstáculos, o homem de estudo elevar-se-á mais ou menos, segundo as suas posses e o ambiente em que vive, mas alcançará o nível do seu próprio génio, do seu próprio destino.
Todas as taras mencionadas estão mais ou menos ligadas umas às outras; cortam-se, ramificam-se, e todas são para o amor do bem ou para o seu desprezo o que para a nascente são os fios de água que se entrecortam. A pureza do pensamento exige a pureza da alma: eis uma verdade geral inconcussa. Oxalá o neófito da ciência se impregne dela.
Subamos mais alto, e, já que falamos de mananciais, não esqueçamos o primeiro. Ensina a mais segura metafísica que a verdade e o bem não somente estão ligados mas também são idênticos pelos cimos.
Para falar com exactidão, cumpre dizer que o bem, de que falamos, não é propriamente o bem moral; directamente é o desejável, mas um rodeio leva dum ao outro.
O bem moral não é senão o desejável medido pela razão e proposto à vontade como fim. Os fins dependem todos dum fim último. E é este fim último que encontra a verdade e com ela se identifica. Uni estas proposições, e vereis que o bem moral se não é inteiramente idêntico à verdade, dela depende, através dos fins do querer. Portanto há entre ambos um laço frouxo ou apertado, mas inquebrantável.
Não nos aproximamos da verdade pelo que em nós há de individual, mas participando no universal. Este universal, a um tempo verdade e bem, não o podemos honrar como verdade,

---

[1] VII Physic.,lib.6.

unir-nos intimamente a ele, descobrir-lhe os rastos e sofrer a sua influência poderosa, sem o reconhecer e sem o servir igualmente como bem.
Subi a grande pirâmide pelos degraus que representam tão exactamente a ascensão da verdade: se subirdes pelo ângulo norte, não chegareis ao cume sem vos aproximardes do ângulo sul. Manter-vos a distância, é ficar nos níveis baixos; afastar-vos, é ir de través e tornar a descer. Assim o génio da verdade tende para o bem: se dele se afasta, é à custa da sua ascensão para os cimos.
Bem-aventurados os corações puros, disse o Senhor, porque verão a Deus. <<Guarda a pureza de consciência>>, recomenda S. Tomás ao estudante; <<não cesses de imitar o procedimento dos santos e dos homens de bem>>. A obediência da alma à fonte inefável, as suas disposições filiais e amantes abrem-se à invasão das claridades como à dos ardores e das rectidões. A verdade, amada e realizada como vida, revela-se como princípio; vemos segundo o que somos; participamos na verdade participando no Espírito segundo o qual ele existe. As grandes intuições pessoais, as luzes penetrantes vêm, à igualdade de valor, do aperfeiçoamento moral, do desapego de si e das banalidades rotineiras, da humanidade, da simplicidade, da disciplina dos sentidos e da imaginação, do empenho em alcançar os fins sublimes.
Não se trata aqui de ostentar destreza, nem de fazer brilhar as próprias faculdades, como jóias; queremos comunicar como o foco de luz e de vida; abeiramo-nos deste centro na sua unidade, tal qual é; adoramo-lo, e renunciamos ao que se lhe opõe, para que a sua glória nos inunde. Não será, porventura, um pouco isto o que quer dizer a célebre máxima: <<Os grandes pensamentos brotam do coração>>?

II - A virtude própria do intelectual.

Eis-nos certos de que a virtude, em geral, é necessária à ciência e que, quanto maior rectidão moral nela empregarmos, tanto mais fecundo será o estudo. No entretanto, há uma virtude própria do intelectual, e convém insistir nela, embora no decurso destas páginas a encontremos frequentemente. A virtude própria do homem de estudo é, evidentemente, a estudiosidade. Ninguém se apresse a qualificar de simplória esta afirmação, pois que os mestres no assunto incluíram debaixo desse rótulo muitas coisas, mas excluíram de lá muitas outras[1].
S. Tomás subordinava a estudiosidade a temperança, para indicar que o saber, em si, é sempre bem-vindo, mas que a constituição da vida exige que temperemos, isto é, que adaptemos às circunstâncias e liguemos aos outros deveres o apetite de conhecer, que facilmente sai dos justos limites.
Quando digo sai, entendo o termo nos dois sentidos. No reino da estudiosidade, Opõem-se dois defeitos: a negligência e a vã curiosidade. Deixemos agora a primeira: se o leitor a não detestar no momento de fechar este livro, é que se terá enfastiado durante o caminho ou então que fizemos muito mal a travessia. Não digo, porém, o mesmo da curiosidade. Esta pode tirar lucro dos instintos e viciá-los no momento em que pretende satisfazê-los.
Já mencionamos as pretensões ambiciosas que desorientam a vocação intelectual. Sem ir tio longe, a ambição pode alterar a estudiosidade e os seus efeitos úteis. Um acto de ambição a propósito da ciência já não é acto de ciência, e quem o pratica não merece o nome de intelectual. E qualquer outro intuito menos confessável, que o estudioso se proponha, merece o mesmo veredicto.
Por outra parte, o estudo, mesmo quando desinteressado e recto, nem sempre é oportuno; e se o não é, o sujeito da ciência esquece-se do mister de homem. E um intelectual, que não é homem, que será?
Existem outros deveres humanos além do estudo. O conhecimento, tomado em absoluto, constitui sem dúvida o nosso bem supremo; mas o que saboreamos aqui subordina-se muitas vezes a outros valores que são os equivalentes daqueles sob os auspícios do mérito.
O pároco de aldeia que vive para os paroquianos, o prático que desdenha da ciência para

---

(1) Cf.S.Tomás, Suma Teológica. IIª II ae, q. 167.

prestar socorros urgentes, o filho de família que aprende um ofício para ajudar os seus e renuncia desse modo a uma cultura liberal, não profanam o génio interior; rendem homenagem àquela verdade que se identifica com o Bem. Procedendo de modo diferente, ofenderiam a verdade e a virtude, visto que, por um desvio, oporiam a Verdade viva a si própria.
Muitos curiosos na ciência não receiam sacrificar-lhe os mais estritos deveres: não são sábios, são diletantes, ou então abandonam o estudo que corresponde às suas obrigações, para se entregarem ao estudo que os lisonjeia nos seus desejos. Afinal, a depreciação e a mesma.
Quem visa mais alto do que pode e se expõe a errar, quem deita a perder faculdades reais a fim de adquirir faculdades ilusórias, é igualmente curioso no sentido antigo. Dois dos dezasseis conselhos de S. Tomás em matéria de estudo dirigem-se a esses tais: <<*Altiora te ne quaesieres*, não busques mais do que podes>>, <<*Volo ut per riuulos, non statim, in mare eligas introire*, resolve-te a entrar no mar pelos regatos e não directamente>>. Preciosos conselhos, tão úteis para a ciência como para a virtude, pelo equilíbrio que comunicam ao homem.
Não sobrecarregueis o solo, nem eleveis o edifício mais alto do que os alicerces o permitem, ou antes de os alicerces estarem consolidados: de contrário tudo desabaria.
Quem sois? Qual a vossa situação? Quais os vossos fundamentos intelectuais? Eis o que deve determinar as vossas empresas no domínio da ciência. Se quiserdes colher os frutos, plantai a árvore: eis, em resumo, o conteúdo do conselho de S. Tomás. O sábio começa pelo princípio e só dá novo passo depois de ter consolidado o precedente. Por este motivo, os autodidactas apresentam tantas deficiências. Ninguém pode contar só consigo para começar pelo princípio. Associando-nos a um grupo em meio do caminho, evitamos a dificuldade dos primeiros passos.
Por outro lado, o que é verdade de cada um no respeitante ao espaço percorrido do seu próprio desenvolvimento, é igualmente verdade de cada um com relação aos outros. Não devemos estimar-nos acima do que valemos, mas sim julgar-nos. Aceitar-nos tais quais somos, é obedecer a Deus e preparar vitórias certas. A natureza nunca vai além do que pode. Tudo nela se mede com precisão sem esforço vão nem avaliações mentirosas. Cada ser opera segundo a sua quantidade e a sua qualidade, de acordo com a sua natureza e a sua força, e depois permanece em paz. Só o homem vive de pretensões e de tristeza.
Grande ciência e grande virtude é o homem julgar-se rectamente e ser o que realmente é. Assiste-vos uma missão que só vós podeis cumprir e que deveis cumprir com perfeição, em vez de tentardes violentar a fortuna. Os destinos não se podem mudar à discrição. Perde-se quem quer subir como quem quer descer. Caminhai sempre para a frente em harmonia com o que sois, levando a Deus por guia.
S. Tomás ajunta, a estas necessárias medidas de prudência, o cuidado de não deter a curiosidade nos objectos do mundo com detrimento do objecto supremo. Tiraremos daí uma importante consequência para a organização do trabalho[1]; mas, acima de tudo, salientaremos que o estudo deve ceder o lugar ao culto, à oração, à meditação directa das coisas de Deus. Ele é um reflexo do ofício divino; busca e honra os <<rastos>> criadores ou antes as <<imagens>>, consoante perscruta a natureza ou a humanidade; mas, em seu tempo, deve preferir a frequentação directa; de contrário, faltará a um dever capital e além disso os vestígios da imagem de Deus nas coisas criadas só servirão de afastar para longe daquele a quem atestam.
Estudar de sorte que se descure a oração e se não pratique o recolhimento, nem se leia a palavra sagrada, nem a dos santos, nem a das grandes almas, de sorte que o homem se esqueça de si e, inteiramente concentrado nos objectos de estudo, não faça caso do hóspede interior, é abuso e ilusão. Supor que desse modo aumentarão os progressos ou a produção; equivale a dizer que o regato levará maior quantidade de água se o manancial estancar.
A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas. No real tudo ascende para o divino, tudo dele depende, porque tudo dele procede. Na efígie do real em nós, notam-se as mesmas dependências, a não ser que tenhamos transformado as relações da verdade.

---

(1) Cf. Abaixo o cap. V, O Campo do Trabalho; A ciência comparada.

III - O espírito de oração.

Estas disposições ficarão incólumes se, independentemente da piedade, que deve preceder o estudo, se cultivar, no trabalho, o espírito de oração.
É ainda S.Tomás que recomenda ao apaixonado da ciência: <<*Orationi uacare non desinas*, nunca deixes de orar>>, e Van Helmont assim explica este preceito: <<Todo o estudo é estudo da eternidade>>.
A ciência é conhecimento pelas causas, repetimos sem cessar. Os pormenores não são nada: os factos também não; o que importa são as dependências, as comunicações de influência, as ligações, as trocas que constituem a vida da natureza. Ora, atrás de todas as dependências, há a dependência primeira; no âmago de todas as ligações, o supremo Laço; no cimo das comunicações, a Fonte; debaixo das trocas, o Dom; sob a sístole e a diástole do mundo, o Coração, o imenso Coração do Ser. Não será porventura necessário que o espírito se conforme incessantemente com ele e nunca perca o contacto do que é assim o todo de todas as coisas e por conseguinte de toda a ciência?
A inteligência só cumpre plenamente a sua missão exercendo uma função religiosa, isto é, rendendo culto à suprema verdade através da verdade reduzida e dispersa.
Cada verdade é um fragmento que mostra por todos os lados as suas ligações; a Verdade em si é uma, e a Verdade é Deus.
Cada verdade é um reflexo: atrás do reflexo, e a dar-lhe o valor, está a Luz. Cada ser é testemunha; cada facto, um segredo divino: para além está o objecto da revelação, o herói do testemunho. Toda a verdade se destaca no Infinito como num fundo de perspectiva; parece-se com ele; pertence-lhe. Pode uma verdade particular ocupar a cena, as imensidades estão mais longe. Podíamos dizer: uma verdade particular é apenas símbolo, símbolo real, Sacramento do absoluto; ela figura, e ela é, mas não por si mesma; não se basta a si própria; vive do que recebe e, entregue à sua inconsistência, morreria.
Portanto, para a alma inteiramente desperta, toda a verdade é lugar de entrevista, aonde o Pensamento supremo convida o nosso pensamento: faltaremos ao encontro sublime?
A vida do real não se confina no que se vê, no que se analisa pela ciência. O real tem vida oculta, como Jesus, a qual é também vida em Deus; é como que Vida de Deus; é revelação da sua sabedoria pelas leis, do seu poder pelos efeitos, da sua bondade pelas utilidades, da sua tendência para se difundir pelas trocas e pelo crescimento: convém venerar e amar esta espécie de incarnação ao contacto daquele que se encarna. Desligar este <<corpo de Deus>> do seu Espírito, é abusar dele, como é abusar de Cristo ver nele puramente o homem.
A incarnação de Cristo termina na comunhão, em que se não dissocia o corpo, o sangue, a alma e a divindade do Salvador: a espécie de incarnação de Deus no ser, da Verdade eterna em cada caso da verdade, deve também terminar num êxtase celeste, em vez das nossas distraídas investigações e das nossas banais admirações.
Decidamo-nos a trabalhar à sombra das grandes leis e ao abrigo da Lei suprema. Nem o conhecimento, nem qualquer outra manifestação da vida se deve separar das suas raízes na alma e no real, onde o Deus do coração e o Deus dos céus se revelam e se juntam. Cumpre estabelecer a unidade entre os nossos actos (compreendendo o acto de aprender) e os nossos pensamentos e as nossas realidades primeiras. Em suma, tenhamos connosco toda a alma, toda a natureza, toda a duração e a própria Divindade.
Para obter este espírito de oração na ciência, não é mister entregar-se o homem a encantações misteriosas. Não se requerem esforços extrínsecos. Sem dúvida, a invocação de Deus e a sua intervenção especial têm aqui o seu lugar. S. Tomás orava sempre antes de ditar ou de pregar e compusera para esse efeito uma oração admirável[1]: o menino da ciência, que balbucia, busca muito naturalmente, no olhar divino, a palavra que lhe falta. Mas na própria ciência, na ciência cristã, encontra-se o escabelo que, elevando-nos Para Deus, nos permitirá voltar ao estudo com o espírito mais esclarecido e, por assim dizer, com os dons do profeta. Tudo o que instrui leva a Deus por caminho coberto. Toda a verdade autêntica é, de si, eterna, e a, eternidade, que ela possui, orienta para aquela de que é a revelação. Através da natureza e da alma, para onde nos podemos encaminhar senão para o manancial de ambos? Quem lá não chega, é que se desviou no caminho. O espírito inspirado e recto atravessa dum salto os

---

(1) Cf.Les Prières de Saint Thomas d'Aquin, Paris, Librairie de l'Art Catholique.

intermediários, e a toda a interrogação que se ergue dentro de si, quaisquer que sejam as respostas particulares que dê, uma voz secreta responde: Deus!
Por conseguinte, basta que, por outro lado, deixemos ao espírito o seu voo e, por outro, a sua atenção para que, entre o objecto dum estudo particular e o da contemplação religiosa, se estabeleça um vaivém em proveito de ambos. Por um movimento rápido e muitas vezes inconsciente, passamos do Vestígio ou da Imagem a Deus, e daí, ressaltando com novas forças, retornamos aos vestígios do divino Viageiro. O que aí se descobre é então comentado, magnificado; vê-se aí um episódio dum imenso acontecimento espiritual; mesmo ocupando-se duma ninharia, o homem sente-se cliente de verdades, diante das quais as montanhas são efémeras; o Ser infinito e a duração infinita cercam-vos, e o vosso estudo é autêntico <<estudo da eternidade>>.

IV - A disciplina do corpo.

Como já dissemos, a doutrina do composto humano opõe-se à dissociação das funções espirituais e das funções corporais, ainda as mais estranhas ao pensamento puro. S. Tomás subscreve este pensamento irónico de Aristóteles: << É tão ridículo dizer: só a alma compreende, como dizer: só ela constrói ou tece>>[1]; e sustenta estas proposições na aparência materialista: <<As diversas disposições dos homens nas obras da alma dependem das diversas disposições de seus corpos>>[2]. <<À boa compleição do corpo corresponde a nobreza da alma>>[3].
Não admira. O pensamento nasce, em nós, depois de demoradas preparações em que toda a máquina corporal entra em acção. A base de tudo é a química celular; as mais obscuras sensações preparam a experiência: esta é o produto do trabalho, dos sentidos que elaboram lentamente as suas aquisições e as fixam pela memória. O fenómeno intelectual produz-se no meio de fenómenos fisiológicos, em continuidade com eles e debaixo da sua dependência. Ninguém pensa, mesmo que só utilize uma ideia adquirida, sem evocar uma série de imagens, de emoções, de sensações, que são os adubos com que se fermenta a ideia.
Quando queremos despertar nalguém um pensamento, servimo-nos apenas dum meio: produzir nele, pela palavra ou por sinais, estados de sensibilidade e de imaginação, de emoção, de memória, nos quais ele descubra a nossa ideia e a possa fazer sua. As almas não comunicam senão pelo corpo. Do mesmo modo, a alma de cada qual não comunica com a verdade e consigo própria senão pelo corpo, de sorte que a mudança pela qual passamos da ignorância à ciência se deve atribuir segundo S. Tomás, directamente ao corpo e só <<por acidente>> à parte intelectual[4].
Esta doutrina, que o Santo Doutor desenvolve a cada passo, tão essencial e providencialmente moderna, deve gerar a convicção de que para pensar, sobretudo para pensar com ardor e sabedoria durante uma vida inteira, é indispensável sujeitar ao pensamento não só a alma e as suas diversas potências, mas também o corpo e todas as suas funções orgânicas? Tudo, num intelectual, deve ser intelectual. O complexo físico e mental, a substância homem estão ao serviço desta vida especial que por certos aspectos parece tão pouco humana: não lhe ponham embargos! Tornemo-nos harmonia, que dê em resultado a conquista da verdade.
Ora, há aí duas coisas a encarar sem respeito humano, embora a primeira costume assustar os espirituais de juízo pouco firme.
Primeiramente, não vos envergonheis de cuidar da saúde.
Génios houve de saúde lamentável, e se Deus permite que assim suceda convosco, não discutamos. Mas se a culpa é vossa, então isso seria tentar a Deus e caso de grande culpabilidade. Tu que és aluno dos génios estás seguro de possuir, como eles, bastante vigor

---

(1) Quaest.XIX de Veritate, art. I, arg. I.
(2) De Mrmoria, lect.I.
(3) In II de Anima, lect.19.
(4) Quaest.XXVI de Veritate, art.3, ad 12 um.

para triunfar na luta incessante da alma contra a fraqueza da carne? Nada nos diz que os génios não tenham visto as suas taras fisiológicas desviarem ou reduzirem-lhes os talentos. Muitas anomalias intelectuais, mesmo entre os mais bem dotados, talvez se expliquem deste modo, bem como a fraca produção de alguns.

Em igualdade de dons, a doença é grave inferioridade: diminui o rendimento; entrava a liberdade no momento das suas delicadas funções; desvia a atenção; pode falsear o juízo pelos efeitos de imaginação e de emotividade que o sofrimento provoca. Uma enfermidade de estômago muda o carácter do homem e o carácter muda os pensamentos. Se Leopardi não tivesse sido o aborto que foi, quase decerto o não contaríamos no número dos pessimistas.

Tratando-se duma vida elevada, deveis preocupar-vos, ao mesmo tempo que com o pensamento, com todas as suas substruções orgânicas. <<Alma sã no corpo são>>: eis o ideal de sempre. O homem de pensamento tem uma, fisiologia especial; precisa de velar por ela e de não recear consultar o homem da arte[1].

Em todo o caso, segui as prescrições correntes. A boa higiene é, para vós, uma virtude por assim dizer intelectual. Os nossos modernos, por vezes tão pobres de filosofia, são ricos de higiene; pois bem, não a desdenheis, porque ela enriquecerá a vossa filosofia.

Tanto quanto possível, vivei ao ar livre. A atenção, nervo da ciência, está em estreita correlação com a respiração e, para a saúde em geral, a abundância de oxigénio é condição primeira. Janelas abertas ou entreabertas dia e noite quando a prudência o permite, período frequente de respirações fundas, sobretudo combinadas com movimentos que as amplifiquem e as tornem normais, passeios que se entremeiem com o trabalho e com ele se combinem, consoante a tradição grega: eis aí outras tantas práticas esplêndidas.

É importante trabalhar em posição que desembarace os pulmões e não comprima as vísceras. É bom interromper, de quando em quando, o estudo aplicado para respirar profundamente, para fazer dois ou três movimentos rítmicos que distendem o corpo e o impedem, por assim dizer, de se enrugar. Está demonstrado que são de grande eficácia largas aspirações praticadas de pé e elevando-nos na ponta dos pés, com a janela aberta. Não descureis nada, para evitar a congestão e o estiolamento dos órgãos.

Consagrai todos os dias algum tempo a exercícios corporais. Lembrai-vos da observação dum médico inglês: <<Quem não encontra tempo para fazer ginástica, há-de encontrá-lo para estar doente>>. Se não podeis exercitar-vos ao ar livre, não faltam métodos excelentes que suprem essa deficiência. O de J.-P. Muller, é um dos mais inteligentes; mas existem outros[1].

O trabalho manual suave e distractivo é igualmente precioso para o espírito e para o corpo. Os antepassados sabiam-no muito bem; mas o nosso século zomba da natureza. Por isso a natureza vinga-se. Reservai-vos todos os anos, e no decurso do ano, férias para descansar a sério. Não quero dizer que vos abstenhais de todo o trabalho, pois isso afrouxaria faculdades naturalmente activas, mas sim que predomine, nesses períodos de tempo, o repouso, o ar livre e o exercício em plena natureza.

Cuidai da alimentação. Uma alimentação leve, simples, moderada em quantidade e em qualidade, permitir-vos-á trabalhar com mais prontidão e liberdade. O pensador não passa a vida em sessões de digestão.

Cuidai mais ainda do sono: não seja demasiado nem escasso. Demasiado, embrutece e entorpece, espessa o sangue e o pensamento; escasso, expõe-vos a prolongar e a sobrepor perigosamente as excitações do trabalho. Observai-vos; no que respeita ao sono, como ao alimento, encontrai a justa medida que vos convém e proponde não sair dela. Não se pode marcar aqui lei comum.

Em suma, o cuidado do corpo, instrumento da alma, é, para o intelectual, virtude e prova de sabedoria. S.Tomás reconhece isso mesmo e classifica esta sabedoria do corpo entre os elementos que concorrem para a felicidade temporal, incentive da outra[1]. Não vos torneis raquíticos, malogrados possivelmente futuros idiotas, velhos antes do tempo, portanto ecónomos insensatos do talento que o Mestre lhes confiou.

Mas o cuidado do corpo comporta outros elementos. Já falamos das paixões e dos vícios como de formidáveis inimigos do espírito. Pensávamos então nos seus efeitos psicológicos, nas perturbações que trazem ao juízo e à criação do espírito, que, chegados a certo grau,

---

[1] Cf.Réveillé Parise, Physiologie et Hygiène des hommes livrés aux travaux de l'espirit, Paris, 1881.

[1] J.P. Muller, O meu sistema, trad. Port., Lisboa, Bertrand.

[1] Contra Gentes. III, Cap. 141.

transformam em potência de trevas. Actualmente referimo-nos os seus efeitos corporais, que indirectamente se convertem em doenças da alma.
Quem é preguiçoso, guloso, escravo do travesseiro e da mesa, quem abusa do vinho, do álcool, do tabaco, quem se compraz em excitações malsãs, em hábitos que a um tempo debilitam e enervam, em pecados talvez perdoados periodicamente, mas cujos efeitos permanecem, como praticará a higiene que vimos ser necessária?
O amigo do prazer é inimigo do seu corpo e depressa se torna inimigo da sua alma. A mortificação dos sentidos é requerida para o pensamento e só ela nos pode colocar naquele estado clarividente de que falava Gratry. Se obedecerdes à carne, estais em caminho de ser carne, quando deveríeis ser todo espírito.
Por que motivo se chama S. Tomás o doutor angélico? Será unicamente pelo génio alado? Não, é porque nele tudo se subordinava ao pensamento genial e santo, porque a sua carne, oriunda das margens tirrenas, se revestira da brancura do Carmelo e do Hermo; porque, sóbrio e casto, pronto para o ardor e afastado de excessos, era todo ele uma alma, <<uma inteligência servida por órgãos>>, segundo a célebre definição.
A disciplina e a mortificação do corpo, juntas aos cuidados necessários, de que, por sua conta, constituem a melhor parte: tal é, trabalhadores cristãos, e vós sobretudo, jovens, uma das mais preciosas salva- guardas do porvir.

CAPÍTULO III - A organização da vida

I – Simplificar.

A fim de que, em vós, tudo se oriente para o trabalho, não basta organizar por dentro, organizar-vos por dentro, precisar a vocação e administrar as forças: precisais também de dispor a vida, quanto ao ambiente, obrigações, vizinhanças, cenário.
Uma palavra que tudo resume: simplificai. Tendes de levar a cabo uma viagem difícil: não vos sobrecarregueis de bagagens, pois pode acontecer que não sejais inteiramente senhor delas, e nesse caso de que serviria legiferar?   Erro! Na mesma situação exterior, um espírito de simplificação pode muito, e o que não se consegue afastar por fora pode-se afastar da alma.
Não atrelarás o jumento com o boi, prescreve a Lei: o trabalho pacífico e comedido não deve associar-se aos conflitos caprichosos e ruidosos duma vida puramente exterior. Um certo ascetismo constitui ainda, sob este aspecto, o dever do pensamento. Religiosa ou laica, científica, artística, literária, a contemplação não se compagina com as comodidades demasiado onerosas, nem com as complicações. <<Os grandes homens dormem em camas pequenas>>, observa Henrique Lavedan. É preciso pagar, por amor do génio, a taxa do luxo. Dez por cento deste privilégio não o arruinarão: não é ele quem paga, são antes os defeitos, em todo o caso as tentações, mas o juro só duplicará.
Para dar hospitalidade à ciência, não se requerem móveis raros, nem criadagem numerosa. Muita paz, um pouco de bom gosto, algumas comodidades que sirvam de poupar o tempo, é quanto basta.
Reduzi o teor de vida. Recepções, saídas que arrastam novas obrigações, cerimónias de vizinhança, todo esse ritual complicado duma vida artificial que tantos mundanos amaldiçoam cm segredo, não são coisas próprias dum trabalhador. A vida mundana é fatal para a ciência. A ideia e a ostentação, a ideia e a dissipação são inimigos mortais. Não se representa o génio sentado à mesa a jantar.
Não vos deixeis tomar por essa engrenagem que pouco a pouco toma o tempo, as preocupações, as disponibilidades, as forças. Os preconceitos não são os vossos ditadores. Guiai-vos por vós próprios; obedecei a convicções, não a ritos, e as convicções dum intelectual devem sempre referir-se ao fim que tem em Vista.
Vocação é consagração. O intelectual é um consagrado, não vá portanto dispersar-se em futilidades exigentes. Lance todos os seus recursos ao fogo da inspiração, como Bernardo Palissy sacrificava os seus móveis. O trabalho e as suas condições, eis o que importa. Os

gastos e os cuidados disseminados por ninharias seriam muito melhor utilizados em formar uma biblioteca, em reservar uma viagem instrutiva, umas férias tranquilas, audições musicais que refrescam a inspiração, etc.

O que favorece a vossa obra é sempre oportuno; o que a entrava e dificulta deve ser excluído, porque, além dos inconvenientes imediatos, sois assim levados a procurar o lucro e desorientais os vossos esforços. O Sacerdote tem com que viver do serviço do altar e o homem de estudo do seu trabalho; mas assim como ao se diz missa por dinheiro, também não se deve, por causa do dinheiro, pensar e produzir.

Se pertenceis ao número dos que têm de ganhar a vida fora do trabalho da sua predilecção, como haveis de preservar as magras horas de que dispondes, se a vida se sobrecarrega? É caso para reduzir ao mínimo a matéria, para aliviar e libertar o espírito.

A este respeito, a mulher dum intelectual tem uma missão que talvez seja bom assinalar, tão frequentemente ela a esquece e, em vez de ser a Beatriz, só sabe ser o periquito tagarela e dissipador.

A mulher deve desposar a carreira do marido; o centro da gravidade da família é sempre o trabalho do pai. Aí está a vida produtiva, portanto também o essencial do dever. Mas isto é tanto mais verdadeiro quanto mais nobre e laboriosa for a carreira abraçada. A vida comum tem aqui por centro um cimo; a mulher deve instalar-se nele, em vez de procurar distrair dele o pensamento do homem. Arrastá-lo para bagatelas alheias às suas aspirações, é o desviar o marido destas duas vidas que mutuamente se contradizem. Pense nisso a filha de Eva e não dê razão, senão com direito, ao divisius est de S. Paulo. Se o homem casado está <<dividido>> de algum modo, que esteja também duplicado. Deu-lhe Deus uma auxiliar semelhante a si: que ela se não torne outra. As divisões ocasionadas pela incompreensão da alma irmã são fatais à produção; introduzem no espírito uma inquietação que o corrói; não lhe fica ardor nem alegria, e como é que a ave voaria sem asas, a ave e a alma sem o seu canto?

Por conseguinte, a guarda do lar não deve ser o génio mau, mas sim a musa do mesmo lar. Desposou uma vocação, logo deve ter igualmente a vocação. Que importa realizar por si ou pelo marido? Ela deve no entanto realizar, uma vez que é uma só carne com o que realiza. Sem precisar de ser intelectual, menos ainda mulher de letras, pode produzir muito ajudando o marido a produzir, obrigando-o a velar sobre si, a dar o máximo de trabalho, levantando-o nas horas inevitáveis das quedas, animando-o nos dissabores sem lhos acentuar com demasiada insistência, acalmando-lhe as penas, sendo a sua recompense após o trabalho.

Ao deixar o trabalho, o homem e como que um ferido; precisa de conforto e de calma: não o violentem; animem-no; aquietem-no; interessem-se pelo que faz; dupliquem-no no momento em que se encontra como que diminuído por um gesto talvez excessivo; numa palavra, sejam para com ele mãe, e este forte, que é pura fraqueza, sentirá o vigor orientar-se para novos tormentos.

Quanto às criança, esta suave complicação deve servir para renovar o ânimo mais do que para o privar dos seus recursos. Tomam muito de vós, esses pequeninos, e para que serviriam eles, se vos não moessem a paciência de tempos a tempos? Mas dão tanto ou mais carinho do que o que vos tomam; podem alterar a vossa inspiração misturando-a de alegria; reflectem-vos amorosamente a natureza e o homem, e defendem-vos assim do abstracto; reconduzem-vos ao real, a esse real cujo comentário seus olhos interrogadores esperam de vós. Suas frontes puras pregam-vos a integridade, irmã do saber; e a facilidade em acreditar, em esperar, em sonhar grandes planos e em aguardar tudo da paternidade que os guia, não será também para vós, pensadores, uma elevação e um motivo de esperar? Vêde a imagem de Deus e um sinal dos nossos destinos imortais nessa imagem do porvir.

Os que renunciaram à família para se consagrarem inteiramente a uma obra e àquele que a inspira, têm o direito de se regozijar por isso, apreciando as liberdades que este sacrifício lhes outorga. Esses pensarão em seus irmãos carregados de cuidados, repetindo de si para consigo a palavra sorridente de Lacordaire a propósito de Ozanam: <<Não soube evitar uma armadilha: o matrimónio>>. Mas o trabalhador envolvido neste laço pode e deve fazer dele uma força, um motivo de ardor e uma das formas do seu ideal.

II – Guardar a solidão.

O ponto essencial a salvar na organização da vida e em vista do qual tudo o mais se adopta, é o arranjo exterior e interior da solidão. S. Tomás está tão persuadido disso que, dos dezasseis conselhos que a ao intelectual, sete são consagrados às relações e ao retiro. <<Quero que sejas lento em falar e lento em ir à sala de visitas>>. <<Nunca te intrometas na vida alheia>>. <<Mostra-te amável para com todos>>, mas <<não sejais muito familiar com ninguém, porque a demasiada familiaridade gera o desprezo e dá matéria a muitas distracções>>. <<Não te ocupes das palavras nem das acções seculares>>. <<Evita acima de tudo as voltas inúteis>>. <<Ama a cela, se quiseres ser introduzido na adega>>.
A adega, de que se fala aqui, por alusão ao Cântico dos Cânticos e ao comentário de S. Bernardo, é o secreto abrigo da verdade, cujo odor atrai de longe a Esposa, isto é, a alma ardente; é o domicílio da inspiração o lar do entusiasmo, do génio, da invenção, da investigação, é o teatro das folias do espírito e da sua moderada embriaguez.
Para entrar nessa morada, é preciso deixar as banalidades e praticar o retiro, simbolizado na cela monástica. <<Nas celas como ao longo dos grandes corredores, escreve Paulo Adam (Dieu, pág. 67), o silêncio parece uma pessoa magnífica, vestida da brancura das paredes e que vigia>>. Sobre que vigia senão sobre a oração e o trabalho?
Portanto, sede lentos em falar e em ir aonde se fala, porque as muitas palavras obrigam o espírito a escoar-se como água; pagai, pela cortesia para com todos, o direito de não frequentar verdadeiramente senão alguns cujo comércio vos seja de proveito; evitai, mesmo com esses, a excessiva familiaridade que abaixa e desorienta; não corrais após as notícias que ocupam o espírito em vão; não vos imiscuais em acções e palavras seculares, isto é, será alcance moral ou intelectual; evitai os passos inúteis que consomem as horas e favorecem a vadiagem dos pensamentos. Tais são as condições do recolhimento sagrado. Só assim nos aproximamos dos segredos reais que constituem a felicidade da Esposa; só deste modo nos manteremos em respeito diante da verdade.
O retiro é laboratório do espírito; suas asas, a solidão interior e o silêncio. As grandes obras foram preparadas no deserto, até mesmo a redenção do mundo. Os precursores, os continuadores, o Mestre observaram ou devem observar a mesma lei. Profetas, apóstolos, pregadores, mártires, pioneiros da ciência, inspirados de todas as artes, simples homens ou Homem-Deus, todos pagam o tributo ao isolamento, A vida silenciosa, à noite.
Na noite astral e na sua vacuidade solene afeiçoou Deus o universo: quem quiser saborear as alegrias criadoras, não se apresse a pronunciar o Fiat lux, nem sobretudo passe revista a todos os animais do mundo; nas sombras propicias, à imitação do Criador, tome o tempo de dispor a matéria dos astros.
Os mais belos cantos da natureza ressoam de noite. O rouxinol, o sapo de voz cristalina, o grilo, cantam na sombra. O galo proclama o dia, não espera por ele. Todos os anunciadores, todos os poetas, e também os investigadores e pescadores de verdades esparsas têm de mergulhar na grande vacuidade que é plenitude.
Nenhum homem superior tentou fugir a essa lei. Dizia Lacordaire que no seu quarto, entre a sua alma e Deus, se rasgara <<Horizonte mais vasto do que o mundo>> e que aí procurava <<as asas do repouso>>. Emerson proclamava-se <<selvagem>>. Descartes encerrava-se no seu <<fogão>>. Platão consumia <<mais azeite na lâmpada do que vinho na taça>>. Bossuet levantava-se de noite para encontrar o génio do silêncio e da inspiração; os sublimes pensamentos não lhe acudiam senão no afastamento dos ruídos e dos cuidados fúteis. E os Poetas, não têm eles a impressão de só traduzir no verso as misteriosas revelações do silêncio que escutam consoante a fórmula de Gabriel d'Annunzio, como um <<hino sem voz>>?
O que vale deve erguer uma barreira entre si e o que não vale. A vida banal, e os ludribia de que falava Santo Agostinho, os jogos e as querelas de crianças que um beijo acalma, devem cessar com o beijo da musa, com as carícias embriagantes e calmantes da verdade.
<<A que vieste>>, perguntava a si próprio S. Bernardo no claustro: ad quid venisti? E tu, pensador, a que vieste a esta vida fora da vida corrente, a esta vida de consagração, de concentração, por conseguinte de solidão? Não foi por escolha? Não preferiste a verdade à mentira quotidiana duma vida que se dispersa, mesmo aos cuidados superiores, mas secundários, da acção? Não sejas, pois, infiel ao teu culto, deixando-te assenhorear de novo

pelo que livremente abandonaste.
Para que o Espírito nos leve para as solidões interiores, como levou Jesus para o deserto, precisamos de lhe dar os nossos espíritos. Sem retiro não há inspiração. Mas à volta da lâmpada todos os astros do pensamento se congregam, como num firmamento.
Quando a calma do silêncio nos invade e o fogo sagrado crepita sozinho, longe do borborinho das estradas, e quando a paz, tranquilidade da ordem, estabelece a ordem dos pensamentos, dos sentimentos, das investigações, estais na alma disposição de aprender, podeis juntar, depois criar; estais estritamente no princípio da acção; não é o momento de acolher misérias, nem de ir vivendo enquanto o tempo corre, nem de trocar o céu por bagatelas.
A solidão permite-vos o contacto convosco, contacto necessário, se quiserdes realizar-vos e não ser o papagaio de fórmulas aprendidas, mas sim o profeta do Deus interior que fala a cada qual uma linguagem única.
Voltaremos a esta ideia duma instrução especial a cada um, duma formação que é educação, isto é, desdobramento da alma, alma única e que não teve nem terá igual nos séculos, porque Deus não se repete. Mas para sair assim de si próprio, é indispensável viver consigo, muito perto, na solidão.
Dizia o autor da Imitação: <<Sempre que fui ter com os homens, voltei de lá menos homem>>. Levai mais longe a ideia e corrigi: voltei de lá menos homem do que sou, menos eu próprio. Perdemo-nos no meio da multidão, a não ser que nos mantenhamos firmes, mas primeiro devemos criar esta amarra. Na multidão ignoramo-nos, inteiramente atravancados por um eu estranho, que é multidão.
<<Como te chamas? – Legião>>: eis a resposta do espírito disperso e dissipado na vida exterior.
Os higienistas recomendam para o corpo o banho de água, o banho de ar e o banho interior de água pura: eu de bom grado ajuntaria o banho do silêncio, a fim de tonificar o organismo espiritual, de acentuar a própria personalidade e de lhe comunicar o sentimento activo, como o atleta sente os músculos e prepara o jogo deles pelos movimentos interiores que lhes dão vida.
Disse Ravignan: <<A solidão é a pátria dos fortes, o silêncio sua oração>>, oração à Verdade, força de cooperação com a sua influência, no recolhimento prolongado, frequentemente retomado, a horas determinadas, como para uma entrevista que pouco e pouco se converterá em continuidade, em vida estreitamente comum! Não podemos, diz S. Tomás, contemplar todo o tempo; mas aquele que só vive para a contemplação que para ela orienta tudo o mais, e a retoma logo que pode, dá-lhe uma espécie de continuidade, a continuidade que lhe é possível dar sobre a terra.
De envolta com ela vira a suavidade, porque <<a cela bem guardada torna-se suave: cella continnuata dulcescit>>. Ora a suavidade da contemplação é a parte da sua eficácia. O prazer, explica S. Tomás, apoia a alma sobre o seu objecto, como se fosse instrumento para apertar; reforça a atenção e desdobra as potências de aquisição que seriam comprimidas pela tristeza ou pelo aborrecimento. Quando a verdade se apossa de vós e a penugem das suas asas desliza debaixo da vossa alma para a erguer em gestos harmoniosos, eis o momento de vos erguerdes com ela e de vos librardes, enquanto ela vos alça às regiões elevadas.

III – Cooperar com os seus iguais.

Nem por isso sereis o isolado que condenamos: não estareis longe dos vossos irmãos pelo facto de ter abandonado o ruído que fazem e que vos separa deles espiritualmente, impedindo assim a verdadeira fraternidade.
Para o intelectual, o próximo é o ser que precisa de verdade, como o próximo do bom Samaritano era o ferido da estrada de Jericó. Antes de dar a verdade, adquira-a e não dissipeis o grão das vossas sementeiras.
Se as palavras da imitação são verdadeiras, longe dos homens sereis mais homens e estareis mais com os homens. Para conhecer a humanidade e para a servir, é preciso entrar em si, onde todos os objectos entram em contacto e donde extraem a força de verdade e a potência

de amor.
Não há maneira de se unir ao que quer que seja senão na liberdade interior. Deixar-se monopolizar, puxar para aqui e para ali, quer se trate das coisas quer de pessoas, é trabalhar para desunir. Longe dos olhos, perto do coração.
Jesus mostra-nos bem como se pode viver vida interior e ao mesmo tempo dar-se aos outros, ser todo para os homens e viver todo em Deus. Viveu Ele na solidão; tratava com a multidão só com uma alma de silêncio, de que a sua palavra é como que a porta estreita para as trocas da divina caridade. E que soberana eficácia, neste contacto que reservava tudo, excepto o ponto preciso pelo qual Deus podia passar e as almas juntar-se a Ele!
Não deveria haver lugar aí, entre Deus e a multidão, senão para o Homem-Deus e para o homem de Deus, para o homem de verdade e de dom. Aquele que se crê unido a Deus, sem estar unido a seus irmãos, é mentiroso, afirma o apóstolo; não passa de falso místico e, intelectualmente, de falso pensador; mas o que está unido aos homens e à natureza sem estar unido com Deus no seu íntimo, sem ser cliente do silêncio e da solidão, é apenas vassalo dum reino de morte.
Todas as nossas explicações demonstram claramente que a solidão, cujo elogio tecemos, é valor que se deve temperar com valores conexos, que o completem e utilizem. Não advogamos embalde a solidão o sacrifício do convívio e da simpatia dos nossos irmãos vale uma compensação. Não temos direito senão ao esplêndido isolamento. Ora este será tanto mais rico e fecundo quanto a vizinhança superior, procurada no retiro, for favorecida por frequentações escolhidas e medidas com sabedoria.
A frequentação primeira do intelectual, a que o qualificará, sem prejuízo das suas necessidades e deveres de homem, é a frequentação dos seus iguais. Digo frequentação, prefiriria dizer cooperação, porque, frequentar sem cooperar não é fazer obra intelectual. Mas uma tal conjunção dos espíritos é muito rara, neste tempo de individualismo e anarquia social. Já o deplorava o P. Gratry; sonhava ele com Port-Royal e queria fazer do Oratório <<um Port-Royal sem cisma>>. <<Quantos trabalhos nos poderíamos poupar, dizia, se soubéssemos unir-nos ou auxiliar-nos mutuamente! Se em número de seis ou sete, com o mesmo pensamento, procedêssemos por ensino mútuo, e nos tornássemos recíproca e alternativamente aluno e mestre; se mesmo, por não sei que concurso de circunstâncias felizes, pudéssemos viver juntos; se, além dos cursos da tarde e dos estudos sobre os cursos, falássemos à noitinha, mesmo à mesa, sobre todos estes belos assuntos, de modo a aprender mais pela conversa e por infiltração do que pelos próprios cursos[1]>>!
As oficinas de outrora, e sobretudo as oficinas de arte eram amizades, famílias: a oficina de hoje é masmorra, ou então meeting. Não haverá maneira de ver, debaixo da impressão da necessidade que mais e mais se experimenta à nossa volta, a oficina familiar ampliada, aberta para fora e não menos concentrada que anteriormente? Seria esse o momento de conceber e de fundar a oficina intelectual, associação de trabalhadores, por igual entusiastas e aplicados, livremente reunidos, vivendo na simplicidade, na igualdade, sem que nenhum deles pretenda impor-se, embora possuindo reconhecida superioridade de que o grupo se possa aproveitar. Longe de competições e de orgulhos, buscando apenas a verdade, os amigos assim reunidos seriam, se assim me atrevo a exprimir, multiplicados uns pelos outros, e a alma comum provaria uma riqueza que em nenhuma parte parece ter explicação suficiente.
Para trabalhar só, é preciso ter alma forte. Constituir em si só a sua sociedade intelectual, o seu ânimo, o seu apoio, encontrar num pobre querer isolado tanta força quanta pode existir numa massa em movimento ou na dura necessidade, que heroísmo! Primeiro sente-se entusiasmo, depois com a chegada das dificuldades, o demónio da preguiça sugere: para que tanta maçada? Então enfraquece-se a visão do fim; os frutos estão demasiado longínquos ou aparecem amargos; sentimos vagamente que nos enganamos. É certo que o apoio de outrem, as trocas de impressões, o exemplo seria de admirável eficácia contra este spleen; supririam, em muitos, essa potência de imaginação e constância de virtude que só alguns possuem e que no entanto são necessárias para não desistir da prossecução dum grande fim.
Nos conventos em que os religiosos não se falam, nem se visitam, a influência duma fileira de celas laboriosas anima e activa cada asceta; estes alvéolos, na aparência isolados, formam um cortiço; o silêncio é colectivo e o trabalho conjunto; o acordo das almas não dá fé dos muros da clausura; um mesmo espírito adeja na atmosfera e a harmonia dos pensamentos ergue-se

[1] Les Sources, Primeira parte, cap. VI.

como motivo de sinfonia que a vaga geral dos sons leva e prolonga. Quando em seguida intervêm as trocas de impressões, o concerto enriquece-se; cada qual exprime e escuta, aprende e ensina, recebe e dá, e talvez este último aspecto da cooperação seja o mais cobiçado.

A amizade é maiêutica que extrai de nós os mais ricos e íntimos recursos; desdobra as asas dos sonhos e dos obscuros pensamentos; inspecciona os juízos, experimenta as ideias novas, entretém o ardor e inflama o entusiasmo.

Há exemplos disso hoje nos grupos de jovens e nas revistas de novos, onde adeptos convictos assumem uma missão e se consagram a uma concepção. Os Cabiers de la Quinzaine nasceram deste voto, a Amité de France, a Revue de jeunes, as Revistas de Juvisy e de Saulchoir cada dia se compenetram mais e mais deste espírito. Nem sempre aí se vive em comunidade, mas trabalha-se com o mesmo coração e concertam-se, corrigem-se, defendem-se e excitam-se uns aos outros num ambiente, cujo essencial é fornecido por um pensamento iniciador e por uma grande tradição.

Se puderes, tentai agregar-vos a uma fraternidade deste género; se preciso for, constituí-a.

Em todo o caso, mesmo no isolamento maternal, buscai em espírito a sociedade dos amigos da verdade. Alistai-vos em suas fileiras, sentai-vos fraternalmente com eles e com todos os investigadores, com todos os produtores que a cristandade reúne. A comunicação dos Santos, não é falanstério, é unidade. <<A carne sozinha – de nada serve>>; o espírito, só, pode alguma coisa. A unanimidade não consiste tanto em viver juntamente numa morada ou num determinado grupo, quanto em esforçar-se, cada qual, com o sentimento de que outros se esforçam, em se concentrar quando outros se concentram, de modo que se leve por diante uma tarefa, orientada por um só principio de vida e de actividade, e que as peças do relógio, às quais cada trabalhador em seu quarto se aplica exclusivamente, tenham Deus como relojoeiro.

IV – Cultivar as relações necessárias.

Disse que a solidão do pensador não implica a exclusão dos seus deveres nem o olvido das suas necessidades. Há relações necessárias que fazem parte da vida do intelectual, uma vez que não separamos o intelectual do homem. Compete-vos ligá-las à intelectualidade, de sorte que não a embaracem, mas a sirvam.

Isto é sempre possível. Nunca malbaratado o tempo que se consagra ao dever ou à necessidade real; o cuidado, que se lhe dispensa, faz parte da vocação, e só a contrariaria, se a considerássemos abstractamente, à parte da Providência.

<<Não se deve acreditar, escreve Maine de Biran no seu Diário, que o único e melhor emprego do tempo consiste num trabalho de espírito regrado, persistente e tranquilo. Sempre que se procede bem, conforme a situação actual, faz-se bom uso da vida.>>

Decerto não pensais que a vossa obra valha mais do que vós, nem que um suplemento de possibilidades intelectuais possa prevalecer sobre o acabamento do vosso ser. Fazei o que deveis e o que for preciso: se a vossa humanidade o exigir, ela saberá arranjar-se. O bem, irmão da verdade, ajudará a sua irmã. Estar onde se deve estar, fazer aí o que se deve fazer, é preparar a contemplação, alimentá-la e deixar a Deus por Deus, dizia S. Bernardo.

É doloroso sacrificar belas horas em frequentações e assuntos inferiores ao ideal; como, porém, o curso deste mundo é feito para se aliar à virtude, lembremo-nos que a virtude – intelectual ou moral – retirará daí vantagem. Em certos dias, a intelectualidade alcançará o seu ganho unicamente através da moralidade, apesar das suas concessões virtuosas; noutras circunstâncias, alcançá-lo-á por si só.

Porque, não o esqueçais, nas frequentações, mesmo correntes, também vós tendes algo que respigar. A demasiada solidão empobrece. Escrevia recentemente alguém: <<A dificuldade dos romancistas hodiernos afigura-se-me esta: se não frequentam o mundo, os seus livros são ilisíveis, e se o frequentam, falta-lhes tempo para escrever>>. É a ânsia da medida que se encontra por toda a parte! Mas, romancista ou não, sentis que não vos podeis enclausurar inteiramente. Nem os próprios monges o fazem. É mister guardar, por causa do trabalho, o sentimento da alma comum e da vida. E como é que vós o possuireis, se, privado de

comunicação com os humanos, encarásseis apenas uma humanidade aérea?
O homem nimiamente isolado torna-se tímido, abstracto, um pouco bizarro; cambaleia no real como o marinheiro quando põe o pé em terra; falta-lhe o senso do destino; dá a impressão de vos olhar como se fosseis uma <<proposição>> a inserir num silogismo ou um caso a notar um calepino.
Há na riqueza infinita do real tesouros que vos podem instruir; basta que a frequentemos em espírito de contemplação, e que não a desertemos. E não será porventura o homem o que nela há de mais importante o homem centro de tudo, fim último de tudo, espelho de tudo e que convida o pensador a permanente confrontação?
É preciso que, na medida em que nos for dado escolher, disponhamos as coisas de maneira a convizinhar o mais possível com pessoas superiores. A esposa dum intelectual deve também velar por isto. Não abra a qualquer as portas de casa; que o seu tacto seja como crivo; à sociedade da alta roda prefira a das almas nobres; aos pretensos homens de génio prefira gente de peso, instruída e de juízo sólido, visto que no mundo tanto mais se passa por um homem de génio quanto mais se matou a inteligência. Sobretudo não vá ela, por leviandade ou vaidade, por qualquer interesse reles, introduzir o marido na companhia de insensatos.
Que digo? Se até os insensatos concorrem para nos servir e completar a nossa experiência! Não os busqueis: há-os em demasia! Mas, se os encontrardes, utilizai-os intelectualmente, cristãmente, pelo exercício das virtudes de que eles são os clientes.
A sociedade é livro para ler, embora livro banal. A solidão é obra-prima; mas recordai-vos do que dizia Leibniz, a saber, que sempre retirava utilidade, até da leitura dos piores livros. Nunca pensais só, como nunca pensais só com a inteligência. Esta associa-se às demais faculdades, a alma associa-se ao corpo, a pessoa associa-se às suas relações; o ser pensante é tudo isto: componde-o o melhor que puderdes, mas de sorte que as próprias taras, e as enfermidades, se convertam em valores, por meio de qualquer indústria feliz da grandeza de alma.
No trato com o próximo, portai-vos de maneira que o espírito e o coração dominem sempre o vosso caso; desse modo não sereis invadido nem contaminado, se o ambiente, que vos rodeia, for medíocre e se for nobre, reforçará em vós os efeitos da solidão, o amor à verdade e aos seus ensinamentos.
Deveríamos lidar com o mundo externo como os anjos, que tocam sem ser tocados, que dão sem perderem nada do que possuem, porque pertencem a outro mundo.
Sendo moderados nas conversas, permanecereis recolhidos e lograreis a sabedoria indispensável para o intercâmbio das ideias com o próximo. Falar para dizer o que se deve dizer, para exprimir um sentimento oportuno ou uma ideia fútil depois disso calar-se, eis o segredo de o intelectual se guardar ao mesmo tempo que se comunica. Não existe outro meio de dar autoridade à palavra. A palavra pesa, quando por debaixo dela se pressente o silêncio, quando esconde e deixa adivinhar, por trás dos sons, um tesouro que vai dispensando com medida sem pressa nem agitação. O silêncio é o conteúdo secreto das palavras importantes. O valor duma alma mede-se pela riqueza do que ela não diz.

V – Conservar a dose necessária de acção.

O que dissemos das frequentações aplica-se, sem grandes retoques, à acção. Convém dosear sempre a vida interna e a externa, o silêncio e o ruído.
A vocação intelectual estritamente tomada, é o contrário da acção; a vida contemplativa e a vida activa estiveram sempre opostas, como oriundas de pensamentos e de aspirações contrárias. A contemplação recolhe, a acção gasta; uma chama pela luz, a outra ambiciona dar.
Dum modo geral temos de nos resignar a dividir as tarefas, contentes, cada qual de louvar o que não fazemos, de amar os frutos da actividade alheia e de os saborear, graças à comunhão das almas. No entanto, a vida real não permite distribuição tão estrita.
O dever pode forçar-nos à acção, como há pouco dizíamos que nos forçava a frequentar a sociedade. A acção regulada pela consciência prepara-a para as regras da verdade, dispõe-na para o recolhimento, une-a à Providência, que é também fonte de verdade. O pensamento e a acção têm um Pai comum.
Em seguida, impõe-se a todo o pensador a necessidade de reservar parte do tempo e do coração para a vida activa, por pequena que seja. O monge trabalha manualmente ou dedica-se a obras de zelo; o médico tem a, clínica, o hospital; o artista, as exposições, a sociedade, as excursões, as conferências; o escritor é solicitado de tantos lados que dificilmente conseguirá esquivar-se e meter ombros a qualquer empresa.
Tudo isto é recomendável. Porque, se, no mundo, cada coisa tem a sua medida, a vida interior não escapa a esta lei. Requere ela que a acção se limite e ceda o passo à solidão, porque a acção exterior agita a alma, enquanto o silêncio a acalma; mas o silêncio exagerado causa também agitação: o refluxo do homem todo para a cabeça desorienta e dá tonturas; daí a necessidade de diversão para a vida cerebral a necessidade do calmante da acção.
Há razões fisiológicas, em que me não vou embrenhar agora; nelas se apoiam e a elas se reduzem as razões psicológicas, uma vez que a alma, enquanto distinta do corpo, não está sujeita a cansaço. Mas o composto animado cansa-se descansando, como se cansa gastando; requere um equilíbrio, cujo centro de gravidade se possa aliás deslocar do corpo para a alma e vice-versa. O corpo, que se imobiliza demasiado, atrofia-se e enerva-se; a alma que o imita, estiola-se e, pouco a pouco, arruina-se. À força de cultivar o silêncio, corre-se o risco de chegar ao silêncio de morte.
Por outro lado, a vida intelectual precisa do alimento dos factos. Encontramo-los nos livros. Contudo é bem frágil a ciência puramente livresca. Sofre do defeito de ser abstracta; perde contacto com a realidade e, por conseguinte, oferecer ao juízo matéria demasiado quintessenciada, quase ilusória. <<És um balão preso à terra, dizia a si próprio Amiel, não deixes gastar-se a corda que te prende>>.
S.Tomás consagra um artigo da Suma a provar a necessidade de nos firmamos no real que o real é o fim último do juízo e o fim deve iluminar ao longo do caminho[1].
As ideias estão nos factos, não vivem em si mesmas, como supôs Platão: esta concepção filosófica tem consequências práticas. O homem do pensamento precisa de se manter na vizinhança do que é, para que o espírito não vacile. Que outra coisa é o sonho senão pensamento que não quer? O sonho inconsciente é o escolho do pensamento puro; precisamos de nos desviar dele como duma causa de impotência e de queda. O pensamento apoia-se nos factos como o pé se firma no solo, como o aleijado nas muletas. Portanto, a dose de acção recomendada ao pensador terá a vantagem de lhe estabilizar o espírito e de o enriquecer. Quantas experiências a vida nos propõe cada dia! Não lhes ligamos atenção, mas o pensador profundo recolhe-as e compõe com elas o seu tesouro; os seus quadros espirituais ir-se-ão completado paulatinamente, e as suas ideias gerais, controladas por uma parte, serão além disso ilustradas por documentação viva.
A ideia, em nós, privada dos seus elementos empíricos, dos fantasmas, não passa de concerto vazio, que nem sequer é percebido. A amplidão e força do pensamento dependem da riqueza dos fantasmas. Ora a acção encontra, no seu caminho, elementos assimiláveis e <<talhadas da vida>> que serão a figurção das suas ideias abstractas. Encontra-se até em número mais

(1) Iª,q.84,art.8.

avultado do que esperava, porque o real é uma espécie de infinito que nenhuma análise ou suputação racional pode esgotar.
O artista, colocado diante duma árvore, traçará muitos esboços dela, sem que lhe ocorra a ideia de reproduzir inteiramente o que a natureza exprime; diante dum esboço de árvore, mesmo até diante da árvore dum Cláudio Lorrain ou dum Corot, quando tiver conscienciosamente o modelo, nada mais lhe resta fazer.
O individual é inefável, diziam os antigos filósofos. O individual é o real em oposição aos temas do espírito. Mergulhando no real pela acção, encontramos nele formas novas, como o artista, executando, alimenta, realça e acaba a sua concepção.
Enfim, o instrutor, que é a acção, é ao mesmo tempo professor de energia, cujas lições não serão inúteis a um solitário. Pelos incentives e resistências, pelas dificuldades, pelos reveses, pelos êxitos, pelo aborrecimento e cansaço que obriga a vencer, pelas contradições que suscita e pelas necessidades novas que cria, a acção estimula e retempera as forças, sacode a preguiça fundamental e a orgulhosa quietação, tão hostis ao pensamento como às realizações.
As virtudes de fora virão assim em auxílio às de dentro, a investigação activa ajudará o recolhimento, a colheita preparará o mel. O pensamento, alternativamente mergulhado nos dois abismos, o do real e o do ideal fortificado por uma vontade aguerrida, iluminado e advertido pelas razões do coração postas em jogo pela acção, será instrumento de pesquisa e árbitro de verdade diferente duma razão alcandorada sobre a árvore porfiriana.
Gostaria de ver o homem de estudo envolvido nalguma empresa pouco custosa, a que dedicasse um tempo bem delimitado, sem ceder a arrebatamentos, no entanto, interessando-se, de alma e coração, pelos resultados que não devem ser para ele como os toros que alguns vão serrar para sobre eles repousarem a cabeça. Agir sem se dar totalmente à acção não é agir como homem, nem daí poderá derivar o repouso do homem, nem a sua instrução, nem a sua formação. Pelo quê, se ainda as não tendes, procurai causas que vos apaixonem pelo seu valor intrínseco, obras de luz, de levantamento, de preservação, de progresso, ligas de bem público, sociedades de defesa e de acção social, empresas que exigem, de quem a elas se dá, senão a vida inteira, ao menos a doação total do ser.
Aplicai-vos a isso nas horas em que a inspiração vos outorga e até vos impõe um feriado, que também lhe é proveitoso a ela. Em seguida, voltareis à inspiração, e o céu, onde ela vos introduz, ser-vos-á tanto mais agradável quanto mais tiverdes experimentado, ao mesmo tempo que os seus tesouros, os perigos, o lodo e as asperezas da terra.

VI – Manter o silêncio interior.

Se me não engano, tudo isto resulta que a solidão útil, o silêncio, o retiro do pensador são realidades mitigadas, animadas por um espírito de exigência estrita. Se, de facto, o intelectual é um consagrado e se não há possibilidade de servir a dois senhores, a acção e as frequentações devem ser condicionadas e doseadas pelo retiro, pelo silêncio e pela solidão interior.
Por conseguinte, o que importa é o espirito de silêncio. Costuma-se dizer que a solidão é mãe dos obras. Mas exacto seria dizer: o estado de solidão. Tão verdade isto é que, em rigor, podemos conceber uma vida intelectual fundada num trabalho de duas horas por dia, o que não quer dizer que, salvas essas duas horas, possamos em seguida proceder como se elas não existissem. Essas duas horas são dedicadas à concentração; independentemente delas, requere-se a consagração de toda a vida.
Um intelectual deve ser intelectual todo o tempo. O que S. Paulo sugere ao cristão: quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de o Deus, deve aplicar-se ao cristão que busca a luz. A glória de Deus é, para ele, a verdade: deve pensar nela em toda a parte, dobrar-se a ela em tudo. A solidão, que lhe é recomendada, não consiste tanto na solidão de lugar como na solidão de recolhimento; é mais elevação do que afastamento; consiste cm isolar-se pelo alto, graças ao dom de si às coisas superiores e mediante a fuga das leviandades, das divagações, da mobilidade e de todos os caprichos da vontade; realiza o conuersatio nostra in caelis do apóstolo, estabelecendo a nossa morada e o nosso comércio no céu dos espíritos.

Ficar em si e entregar-se à garrulice interior, às sacudidelas dos desejos, à exaltação do orgulho, ao fluxo de pensamentos que introduzem em nós um mundo externo absorvente e cheio de discórdia, será isto a solidão? Há uma falsa solidão, como há uma falsa paz. Pelo contrário, sair e agir por dever, por prudência ou pelo cuidado de tomar descanso, cuja necessidade voltaremos a advogar mais abaixo, pode ser uma solidão superior, que alimenta e tonifica a alma em vez de a apoucar.
O que S. Agostinho chama a <<pureza da solidão>>, em toda a parte se pode manter, mas a sua impureza basta para manchar a própria casa. <<Podes viver numa cidade, escreveu Platão, isolado como o pastor na choça sobre uma colina>>. Tende a inspiração interior, a discrição, o amor daquilo a que vos dedicastes, tende convosco o Deus da verdade e, embora sozinhos, estareis em pleno universo.

CAPÍTULO IV - O tempo do trabalho

I - O trabalho permanente

Qualificámos de muitas maneiras o labor intelectual; apertemos agora mais as suas diversas condições. Primeiramente, o tempo que o pensador lhe consagra.
O estudo foi cognominado oração à verdade. Mas, segundo o Evangelho, a oração deve ser ininterrupta: <<É preciso orar sempre, sem desfalecer>> (Lc. I8, I). É certo que este texto benignamente interpretado significaria que não devemos deixar passar dia, semana, longo espaço de tempo sem nos dirigirmos a Deus. Mas os nossos doutores não restringem a tão pouco o sentido destas palavras; tomam-nas à letra e delas extraem profundos ensinamentos.
A oração exprime o desejo; o seu valor provém da aspiração interior do seu conteúdo e da sua força. Suprimi o desejo e a oração deixa de existir; alterai-o, e a oração muda; fortificai ou atenuai o seu ardor, e a oração toma voo ou perde as asas. Pelo contrário, suprimi a expressão mas deixai o desejo, que a oração, sob muitos respeitos, ficará intacta. A criança que não, diz palavra, mas fixa o olhar ardente no brinquedo de uma vitrina, e que em seguida olha para a mãe, não formulou porventura a mais comovente oração? Embora nada tivesse visto, não é verdade que o desejo do jogo, inato na criança como a sede de agir, é já para os seus uma oração permanente que eles atendem?
É preciso orar sempre equivale a afirmar: é preciso desejar sempre as coisas eternas, as coisas do tempo que as servem, o pão quotidiano de toda a natureza e de toda a oportunidade, a vida em todas as suas amplidões, terrestres e celestes.
Aplicando este comentário à oração activa do estudo, entrais numa ordem de consideração extremamente preciosa. O pensador é um consagrado; mas só é pensador em actividade durante muito poucas horas. Dizia Carlyle: <<Não creio que um literato tenha consagrado à literatura a quinta parte do seu tempo>>. Uma vez que a maior parte da vida assim se mantém em nível ou em baixo, é necessário que o homem das alturas desça à planície e se incline: que lucro imenso, se conseguir não se dobrar todo inteiro!
Ora, se a oração pode durar todo o tempo, visto ser um desejo e o desejo permanecer, por que razão não há-de o estudo durar todo o tempo, se também ele é desejo e apelo à verdade?
O desejo de saber define a inteligência como potência de vida. Instintivamente queremos conhecer do mesmo modo que pedimos pão. Se os mais dos homens se deixam prender por desejos errôneos, o pensador é obsidiado pelo desejo de saber; porque o não utilizará, aproveitando-o como se aproveita um curso de água para mover uma turbina?
Será isso possível? Sim, é; a experiência e a psicologia o ensinam. O cérebro trabalha sem remissão; as turbinas, que reclamo, existem, giram, arrastando em suas voltas um sistema de rodas donde se escapam as ideias como as centelhas dum dínamo em pleno rendimento. Os processos nervosos encadeiam-se em série continua e não param do mesmo modo que os movimentos do coração ou dos pulmões. Que falta para aproveitar, em favor da verdade, esta vida permanente? Só a disciplina. É preciso que os dínamos estejam ligados às turbinas, as turbinas à corrente de água, é preciso que o desejo de conhecer accione regularmente, e não por intermitências, o funcionamento cerebral, consciente ou inconsciente.
A maior parte da actividade nervosa de nada serve, pela simples razão de não ser captada. A falar a verdade, nunca o será totalmente, porque o nosso poder sobre ela é relativo, e, se tentarmos forçar o rendimento, arriscamo-nos a quebrar a máquina. Mas para obter o possível, basta relativamente pouca dessa actividade, desde que saibamos cultivar o hábito. Este, bem montado, opera como segunda natureza. Têm aqui lugar os nossos conselhos práticos.
<<Empenha-te em encerrar no cofre do espírito tudo quanto puderes, como quem pretende encher um vaso>>, recomenda S. Tomás ao homem de estudo. Mais abaixo voltaremos a esta comparação, que pode dar aso a equívocos aqui trata-se do cuidado em adquirir, não da maneira. O que importa ao homem de verdade é compreender que a verdade está em toda a

parte, como corrente contínua capaz de accionar a alma, mas que ele deixa passar em vão.
<<A sabedoria clama nas ruas, diz a Bíblia; eleva a voz nas Praças Públicas; prega à entrada dos lugares ruidosos, às portas da cidade: até quando, ó ignorantes, amareis a ignorância?... Convertei-vos... Que sobre vós espalharei o meu espírito... Estendo a mão e ninguém me dá atenção>> (Prov. I, 10-24). Este apelo incessante de verdade, se fosse escutado, alargaria o espírito e enriquecê-lo-ia mais do que muitas sessões laboriosas. Estas são necessárias; mas a luz que ai se concentra expdir-se-ia até iluminar quase toda a vida; estabelecer-se-ia uma corrente que atrairia para a limpada os resultados do pensamento difuso, e de lá reverteria para este mesmo pensamento, a fim de lhe comunicar orientação e fecundidade.
Que sucede quando quereis mobilar um quarto? A principio, nem sequer pensáveis nos móveis. Circuláveis pelas ruas de Paris, onde abundam as lojas de antiquários, mas não reparáveis nelas. Desconhecíeis as tendências da moda, o valor provável de tal ou tal achado, a especialidade de tal bairro, os preços, etc. Mas, uma vez estimulado o espírito pelo desejo, tudo vos impressiona, tudo vos retém; dir-se-ia que Paris é um visto armazém e no espaço de oito dias ficais ao par do que não lograríeis conhecer durante a vida inteira.
Ora a verdade está mais espalhada que os móveis: clama nas ruas e não nos desampara se a não desamparamos. As ideias estão nos factos; estão também nas conversações, nos acasos, nos espectáculos, nas visitas e nos devaneios, nas leituras, por banais que sejam. Tudo contém tesouros, porque tudo está em tudo, e algumas leis da vida ou da natureza governa o mais.
Newton não teria descoberto a gravitação, se a atenção ao real o não tivesse advertido e disposto a reparar que as maçãs caem como os universos. As leis da gravitação dos espíritos, as leis sociológicas, filosóficas, morais, artísticas, não têm menos aplicação em toda a parte. Qualquer facto pode gerar um sublime pensamento. Em toda a contemplação, mesmo na duma mosca ou duma nuvem que passa, há oportunidade de reflexões sem-fim. Toda a captação de luz pode conduzir ao sol; todo o caminho aberto é corredor para Deus.
Ora, todas estas riquezas as podemos captar, estando presentes. Olhando tudo com espírito de inspiração, veremos em toda a pare lições, profecias da verdade ou confirmações, pródromos e consequências. Mas as mais das vezes estamos ausentes, nós ou a nossa atenção. <<Toda a gente olha o que eu olho, mas ninguém vê o que eu vejo>>, dizia Lamartine diante do mar encapelado. Habituai-vos, pois, a estar presentes a este jogo do universo material e moral. Aprendei a olhar; confrontai o que se vos oferece com as ideias que vos são familiares ou secretas. Numa cidade não vejais somente casas, mas vida humana e história. Que um museu vos não mostre apenas quadros, mas escolas de arte e de vida, concepções do destino e da natureza, orientações sucessivas ou diversas da técnica, do pensamento inspirador, dos sentimentos. Que uma oficina vos não fale apenas de ferro e de madeira, mas da condição humana, do trabalho, da economia antiga e moderna, das relações entre as classes. Que as viagens vos ensinem a conhecer a humanidade; que as paisagens evoquem a vossos olhos as grandes leis do mundo; que as estrelas vos falem das durações incomensuráveis; que as pedras do caminho sejam para vós o resíduo da formação da terra; que a vista duma família se associe em vós à das gerações, e que a menor frequentação vos informe sobre a alta concepção do homem. Se não souberdes olhar assim, tomar-vos-eis banal, se já o não sois. O pensador é filtro onde a passagem da verdade deixa o melhor da sua substância.
Aprendei a escutar, e escutai, primeiro, quem quer que seja. Se na praça se aprende a língua materna, como pretendia Malherbe, também na praça, isto é, na vida corrente se pode aprender a língua do espírito. Nas mais simples conversas circulam verdades sem conta. A mais pequena palavra escutada com atenção pode ser oráculo. Há ocasiões em que um camponês mostra maior sabedoria que um filósofo. Todos os homens se encontram no íntimo de si próprios, sempre que lá refluem, e se uma profunda impressão, se um regresso instintivo ou virtuoso à simplicidade original afastar os convencionalismos e as paixões que ordinariamente nos escondem a nossos olhos e aos dos outros, ouve-se um discurso divino todas as vezes que um homem fala.
Em cada homem está o homem todo, e daí podemos retirar uma profunda iniciação. Se fosseis romancistas, quanta riqueza aí recolheríeis! O maior romancista forma-se no limiar das portas, o mais pequeno na Universidade ou nos salões. Só que, em vez de se imiscuir, o grande observador reserva-se, vive para si, sobe, e, a mais insignificante vida afigura-se-lhe soberbo

espectáculo.
Ora, o que o romancista busca pode servir a todos, porque todos precisam desta experiência intensa. O pensador só é verdadeiramente pensador, se encontrar, no mais pequeno impulso de fora, a ocasião dum entusiasmo ardente. O seu carácter consiste em conservar, pela vida fora, a curiosidade da infância, a vivacidade de impressão, a tendência para ver tudo sob o ângulo do mistério, a feliz faculdade de encontrar em toda a parte surpresas fecundas.
No entanto, atenção, sobretudo se tendes a dita de tratar com alguém que sabe e que pensa. É pena que os homens de escol sejam tão pouco úteis aos que os rodeiam! Praticamente assemelham-nos aos simples de espírito; toma-se o que têm de comum e não o que têm de raro. Há neles um tesouro, mas brinca-se com a chave sem o abrir. Às vezes sorrimo-nos do seu acanhamento, das pequenas excentricidades de pessoas abstractas, e nisso não há mal; o ridículo é tomar ares de superioridade, que esquecem o valor dos outros.
Os grandes valores estão assaz disseminados para deixemos sem uso. Empregam-se a si próprios e toda a gente se utiliza deles sem o saber; mas sabendo-o, recebe deles instrução e impulso capazes de decidirem, às vezes, duma vida inteira. Quantos que foram santos, generais, exploradores, sábios, artistas, por terem encontrado uma personalidade eminente e ouvido o som duma alma! Esse apelo mudo ecoou neles através de toda a existência; era una clamor que os impelia para a frente; levava-os uma onda invisível. A palavra de um grande homem, como a de Deus, é, por vezes, criadora.
Mas os grandes homens só são grandes após a morte. Em vida, quase ninguém repara neles. Talvez haja a vosso lado quem valha um Descartes e não lhe prestais atenção, não o interrogais, discutis com ele só por discutir, cortais-lhe a palavra para proferir bagatelas. E, se a despeito da sua potente grandeza de espírito, não revela tão potente envergadura, nem por isso consintais que ele sepulte ou gaste em silêncio a sua riqueza.
Observando e escutando - não falo da leitura, porque lá voltaremos – assimilareis e adaptareis às vossas necessidades o que houverdes adquirido. As grandes descobertas são apenas reflexões sobre factos comuns a todos. Quantas vezes passamos sem nada ver, até que um dia o homem de génio observa os laços existentes entre o que ignoramos e o que vemos constantemente. Que é a ciência senão a lenta e sucessiva cura da nossa cegueira? É verdade que a observação precisa de ser preparada por estudos e soluções anteriores. Encontramos o que procuramos. Só é dado àquele que tem. Por isso eu falava dum vaivém entre as luzes interiores e as exteriores. O espírito deve manter-se em perpétua disposição de reflectir, como em perpétua disposição de ver, de ouvir, de apontar à presa que passa, como bom caçador.
Precisando mais, dizemos que esta atenção de espírito pode aproveitar não só à nossa cultura geral, mas à nossa especialidade, ao nosso estudo actual, ao trabalho em gestação. Levai convosco os vossos problemas. O cavalo de aluguer entra na cocheira após a corrida; mas o corcel em liberdade respira sempre à vontade.
Encontrando-se a verdade em toda a parte e estando todas as coisas ligadas entre si, por que não havemos de estudar cada questão relacionando-a com as demais? Tudo deve alimentar a nossa especialidade. Tudo deve testemunhar pró ou contra as nossas teses. O universo é em grande parte, obra nossa. O pintor só vê, a sua volta, formas, cores, movimentos, expressões; o arquitecto equilibra massas; o músico percebe ritmos e sons; o poeta, motivos de metáforas; o pensador, ideias em acto.
Nessas atitudes não há particularismos estreitos; questão de método. Não podemos abarcar tudo. Reserva-se o interesse para a livre observação, consagramos, a uma pesquisa particular, a atenção de sobrecelente, e, <<pensando sempre nisso>>, como Newton, recolhemos elementos para uma obra.
O segredo está em ter sempre pensamento em expectativa. O espírito do homem é um ruminante. O animal olha ao longe, mastiga lentamente, colhe aqui um tufo, ali uma vergôntea, toma o prado à sua conta, e também o Horizonte, compondo com aquele o leite, e com este a sua alma obscura.
Ensinam-nos a viver na presença de Deus; por que não viver também na presença da verdade? A verdade é como que a divindade especial do pensador. Tal verdade particular ou tal objecto de estudo podem estar de contínuo presentes ao espírito. Será sensato, será normal deixar o investigador no gabinete de trabalho, ter assim duas almas: a do trabalhador e a do homem folgado que circula? Tal dualismo é inatural, pois leva a crer que buscamos o bem por oficio e não por nobre paixão.

Há tempo para tudo, diz a Bíblia, e concordo que não se pode evitar a divisão; mas se de facto pensamos todo o tempo, por que não utilizaremos o pensamento em benefício do que nos inquieta?
Dir-se-á que semelhante tensão é incompatível com a saúde cerebral e com as condições da vida? De acordo; mas também não se trata de tensão, nem mesmo, ordinariamente, de vontade actual. Falei de hábito; falemos, se quiserdes, de subconsciência. O espírito tem o poder de funcionar sem nós, por pouco que preparemos a faina e tracemos ao de leve o esforço dos canais por onde correrão os seus veios obscuros.
Radicado em nós o desejo de saber e ateada a paixão da verdade, concentrada a atenção consciente sobre os factos da vida próprios para entreter o fogo e satisfazer o desejo, o espírito assemelha-se a um galgo pronto para a caça. A tarefa já lhe não custa; obedece a uma nova natureza. Pensais tão facilmente numa direcção, como outrora ao acaso.
Esta direcção é, sem dúvida, só aproximada e seria absurda uma tensão excessiva; mas convirá recusar o que se pode, arguindo com o que se não pode? Tendes um aí um imenso recurso; empregai-lo, introduzindo pouco de disciplina num trabalho cerebral que sé efectua, mas sem vós e de maneira anárquica. Regulai esse trabalho, de sorte que o cérebro seja, também ele, um intelectual.
Mostrar-vos-á a experiência que isto não cansa, que, pelo contrário, poupa muitas canseiras; porque as descobertas feitas assim ao acaso, sem as buscarmos, simplesmente porque nos resolvemos e decidimos a não ser cegos, estas invenções, muitas vezes mais felizes porque mais espontâneas, incutem ânimo ao investigador, conservam-no alerta e bem disposto; ele espera com delícia a hora de retiro para fixar e desenvolver o resultado das pesquisas.
Alcança-se muitas vezes, deste modo, a ligação difícil a saída que embalde se procurara à mesa de trabalho. O que não tinha relação com o trabalho conduz a alguma coisa que constitui o fundo do mesmo trabalho. A ciência laboriosa recebe daí nova luz; o homem sabe para onde vai e brevemente um lucro inesperado virá coroar os esforços envidados.
Este processo de acaso responde às contingências cerebrais e ao trabalho obscuro da associação das ideias. Muitas leis se verificam aí, sem que haja lei para a sua aplicação a uma ou a outra a tal ou a tal hora, e tudo isto se combina sem nossa intervenção – quer dizer, sem que a vontade intervenha, só debaixo da impressão do desejo que é a alma do pensador e que o qualifica, como o jogo qualifica a infância, como o amor qualifica a mulher – isto não é o excesso de carga que se supõe.
Cansa-se porventura a mulher que, durante o passeio, se detém a espiar as homenagens dos transeuntes, ou a rapariga à cata de ocasião de rir, ou o rapaz à espreita da oportunidade de brincar? O espírito que espreita a verdade por amor, não por constrangimento, por tendência a principio instintiva, depois cultivada, mas amorosa e apaixonadamente, também não sofrerá mais por isso. Diverte-se, caça, entrega-se a um desporto útil e inebriante, longe do esforço concreto e voluntário das horas de concentração. Deste modo o sábio passeia, por todos os tempos e em todas as estradas, um espírito maduro para aquisições que o vulgo descura. A seus olhos, a mais humilde ocupação é o prolongamento da mais sublime; as visitas de cerimónia são inquéritos felizes, os passeios explorações, as suas audições e respostas mudas um dialogo que mantém, nele, a verdade de acordo consigo própria. Por toda a parte o seu universo interior se confronta com o outro, a sua vida com a Vida, o seu trabalho com o incessante trabalho dos seres, e ao sair do estreito espaço em que o seu estudo se concentra, sente a impressão, não de abandonar a verdade, mas de lhe abrir a porta de par em par, a fim de a inundo drenar para ele toda a verdade que se gasta nos seus potentes folguedos.

II - O trabalho nocturno

Recomenda insistentemente o P. Gratry que não excluamos do trabalho permanente as horas de letargia e de trevas. Quer que trabalhemos de noite. Conselho este que se apoia na psicologia e na experiência.
O sono é repouso; é a abdicação do querer consciente que não pensa em viver nem se propõe um fim, mas que se entrega, em parte, à natureza geral. Não é símbolo vão a atitude do dormente, deitado, perto da terra, como se dissesse à natureza; <<Retoma-me; durante

bastante tempo me obstinei contra as tuas potências; combati de pé, o teu determinismo nivelador; ao nivelamento de forças, que é a lei deste mundo perecedouro, opus o sobressalto da vida: rendo-me agora, até que chegue a hora de tomar à luta>>. Suspensa deste modo a vida ardente, tendo a correia de transmissão do motor humano passado da liberdade individual à liberdade das forças cósmicas, resulta daí novo funcionamento com leis próprias, que segue caminhos ignorados da clara consciência e realiza combinações estranhas à perspicácia das vontades e dos caprichos. Voltam a agrupar-se as forças interiores; os pensamentos classificam-se e desbastam-se; a energia abandonada pela acção dispende-se pacificamente. Utilizar este trabalho sem lhe perturbar os ritmos é, para o pensador, nova riqueza.

Não se trata de velar; pelo contrário, o noctâmbulo é mau trabalhador; já, neste particular, exigimos o obediência à higiene geral, que deve redobrar de pretensões sobre o homem de estudo. Mas o próprio sono é trabalhador, associado do labor diurno; podemos domesticar-lhe as forças, utilizar-lhe as leis, aproveitar a filtração e clarificação que se opera no silêncio da noite.

Durante o sono, completa-se e encadeia-se o trabalho cerebral começado e a ideia encetada que um incidente interno ou externo impedira de desabrochar inteiramente: não percais esta ocasião de lucro; recolhei essa claridade que vos pode servir de ajuda, antes que ela torne a mergulhar na noite mental.

Como consegui-lo? Há ocasiões em que se não requerem industrias particulares. Ao despertar, encontra-se preparada e registada a colaboração do sono.

O trabalho da véspera aparece-nos numa claridade mais distinta; uma vida nova, uma região virgem se abre diante de vós; surgem relações de ideias, de factos, de expressões, uma comparação feliz, uma imagem sugestiva, um trecho ou um plano inteiro. Tudo ai se encontra em perfeita lucidez; só falta utilizar, em seu tempo, o que o deus do sono se dignou efectuar por vós.

De ordinário, porém, as coisas seguem rumo diverso. A natureza não esta às nossas ordens; segue o seu caminho. O seu curso arrasta pepitas de ouro; a nós compete recolher e impedir de se afundar na areia o que estas ondas opulentas transportam.

Muito frequentemente, uma insónia de minutos, talvez de um segundo, é rasgada de clarões: fixemo-los. Confiá-los ao cérebro em repouso é riscar a água; muito provavelmente no dia imediato nem sequer se dá pelo rasto dum vago incidente.

Procedei melhor. Tende à mão um caderno de papel ou uma caixa de verbetes. Tomai nota, sem que isso vos tolha o sono, sem acender a luz, se possível for; depois, mergulhai de novo nas sombras. Aliviar-vos assim do pensamento será talvez favorecer o sono em vez de o perturbar. Se disserdes: <<lembrar-me-ei, quero-o>>, este tacto de vontade perturba mais o sono do que o rabiscar uma nota à pressa. Lembrai-vos de que o sono é repouso do querer.

Noutras ocasiões, as claridades acodem de madrugada, logo ao despertar. Abris os olhos e dir-se-ia que também o olhar interior se abre e ilumina para um mundo novo. A terra rodou; os céus da inteligência já não apresentam o mesmo aspecto; brilham novas constelações. Fixai esse espectáculo inédito e não tardeis um instante em gravar as linhas mestras; indicai os traços expressivos, os contornos; isto basta para determinar os pormenores, quando tiverdes o lazer de voltar a contemplá-lo.

Cada pensador conta na sua experiência factos de lucidez matinal por vezes surpreendentes, quase diríamos milagrosos. Quantos tratados completos que deste modo brotaram em plena luz, após longa e custosa série de estudos complicados, em que o autor como que se sentia perdido numa floresta, sem clareiras nem perspectivas!

Muitas invenções também se realizaram assim. Elementos esparsos no espírito, experiências antigas ou conhecimentos, na aparência de interesse nulo, se associaram, e questões se resolveram, por si sós, pela classificação espontânea das imagens mentais que representavam a ideia da sua solução.

Agarrai depressa no caderno de notas, quando se vos proporcionar semelhante felicidade. Hauri, enquanto a ideia está presente; extraí, não junteis nada da vossa lavra. Sem intervenção perturbadora, com uma atenção sujeita à natureza do trabalho que tendes entre mãos, ide puxando brandamente pela corrente que se constituiu, desenrolai os elos, as correntes acessórias que deles partem, marcai as proporções, as dependências, sem vos importardes com o estilo – refiro-me a estilo requintado – pois pode muito bem acontecer que desse modo se desenrolem preciosos elementos de estilo. Quando a gaveta está vazia e se vos

afigurou que de lá retirastes a corrente dos pensamentos novos, cessai de escrever, mas, durante um tempo, fixai a vista nessa riqueza: pode suceder que ela aumente, que se formem novos elos na corrente, e que esses se multipliquem e subdividam. Tudo isto é tão precioso que não deveis deitar a perder uma só parcela: é trabalho que poupais para de dia. A noite, esplêndida colaboradora, deu-vos sem esforço da vossa parte, um dia de vinte e quatro horas completas, talvez semanas, as exigidas para engastar, com dispêndio de esforço voluntário, a jóia preciosa com que ela vos brindou.
Contudo, não basta o cuidado de colher. O sono, que trabalha sozinho, trabalha sobre matéria preexistente; não cria coisa alguma; hábil em combinar e em simplificar, em levar a termo, só opera sobre os dados da experiência e o labor diurno. Precisa, pois, de que lhe preparem a tarefa. Contar com ele é, antes de tudo, contar consigo.
Os monges, antes de se recolherem à cama, têm o piedoso costume, tão antigo como a piedade, de depor, à laia de semente, nos sulcos da noite, o ponto de meditação. Esperam eles, ao despertar, encontrar a semente amolecida, penetrada pela humidade da terra e talvez germinada: mais prontamente crescerá ao sol da reflexão e da graça.
Sem renunciar a esta prática, que seria bom generalizar entre os cristãos, podemos ajuntar-lhe a semeadura da noite pelo trabalho. A terra humana é rica: duas sementes convizinharão nela sem conflito. Antes de adormecer, retornai a questão que vos preocupa, a ideia lenta ou renitente em desdobrar as suas virtualidades, e confiai-a a Deus e à alma. Não façais esforço que retarde o sono, mas acalmai neste pensamento: o universo trabalha para mim; o determinismo é escravo da liberdade e, enquanto descanso, ele rodará a sua mó; posso adiar o esforço: os céus rolam e, rolando, movem no meu cérebro as rodas delicadas que eu porventura teria desgastado; eu durmo, a natureza vela, Deus vela e, amanhã, recolherei um pouco do trabalho efectuado por ambos.
Nesta calma disposição, descansareis plenamente, mais do que na inquietação do dia de manhã desprovido de auxílio, mais, sobretudo, do que na volta, tão frequente à noitinha, dos aborrecimentos do dia, inimigos que uma semi-consciência aumenta, que envenenam a noite e que de manhãzinha lá estão para vos propinar amarga poção.
Do mesmo modo que o trabalho suave e regular harmoniza o dia, assim o trabalho inconsciente da noite pode derramar nele a paz e afastar as divagações, as insanidades esgotadoras ou pecadoras, os pesadelos. Levai muito de mansinho uma criança pela mão e vereis como a sua turbulência acalma.
Não preconizamos a estafa, a confusão do dia e da noite. Não, é preciso dormir; é indispensável o sono reparador. Dizemos apenas que a noite, como noite, pode trabalhar por si, que é <<boa conselheira>>; que o sono, como sono, é artista útil; que o repouso, como repouso, é também força. Aproveitemos estes auxílios, consoante a natureza deles e não violentando-os. O repouso não é morte; é vida, e toda a vida produz frutos. Podendo colhê-los, não deixeis aos pássaros nocturnos o fruto do sono.

III – A madrugada e os serões.

Do que acabamos de dizer ressalta a importância extrema, para o trabalhador como para o homem religioso, das horas matutinas e das vespertinas. Não se podem preparar, vigiar, concluir com alma atenta as horas de repouso, abandonando ao acaso o que com elas convizinha.
A manhã é sagrada. De manhã, a alma refrescada considera a vida como dum píncaro, onde ela se lhe mostra inteiramente. O destino está ai; recomeça a faina; é o momento de a julgar uma vez mais e de confirmar, por um acto expresso, a nossa tripla vocação de homens, de cristãos e de intelectuais.
<<Filipe, lembra-te que és homem>>: estas palavras do escravo macedónio a seu senhor são-nos repetidas pelo dia, quando, ferindo-nos os olhos, ele evoca as luzes da alma; <<homem>>, não em geral, mas qualificado por um caso preciso, homem que está em face de Deus, como um facto singular, único, e, por pequeno que seja, o único capaz de ocupar o seu lugar.
E este homem, ao sair das horas de inconsciência, renovado e como que renascido, não vai ele

encarar o conjunto da vida num olhar rápido, marcar o ponto onde se encontra, compor o dia que começa e partir assim animado, com o espírito iluminado, para nova arrancada?
Tal será o esforço combinado do primeiro despertar, da oração matutina, da meditação, e sobretudo da missa, se há possibilidade de a ouvir ou a dita de a celebrar.
O primeiro despertar deve ser um Sursum corda! Recitar uma fórmula cristã neste momento é excelente prática; dizê-la em voz alta é melhor ainda, porque, os psicólogos sabem-no muito bem, a voz sugestiona-nos e dá-nos a impressão de ser outro eu, um escravo que não pode ser posto de parte, que se identifica connosco, e cuja voz soa com esquisito império de quem simultâneamente é o que é e outro muito diferente.
Ensinamos as criança a <<dar a Deus o coração>>; o intelectual, criança neste particular, deve além disso dar o coração à verdade, lembrar-se de que é servo dela, repudiar os inimigos internos da mesma verdade, amar os inimigos de fora, a fim de os trazer a si, e consentir nos esforços que a verdade exige para esse dia.
Em seguida, a oração. O P. Gratry aconselha o intelectual a recitar *Prima*, que terá, como correspondente à noite, *Completas*: com efeito, nada mais belo, nada mais eficaz, nada mais animador. A maior parte das orações litúrgicas são obras-primas, amplas e suaves como o nascer e o poente dum astro. Tentai: vereis como falo verdade... Aí está a verdadeira vida, toda a natureza, e o trabalho será, desse modo, preparado como viagem pela abertura duma janela inundada de sol.
Qualquer que ela seja a oração do intelectual deve sublinhar de passagem o que é do seu caso, retirar dai utilidade e compor o bom propósito que o trabalho cristão realizará. Acto de fé nas altas verdades que sustêm a ciência; acto de esperança no socorro divino para a luz como para a virtude; acto de amor para com Aquele que é infinitamente amável e para com aqueles que o nosso estudo quer levar para Ele; o *Pai Nosso* para pedir, com o pão de cada dia, o alimento da inteligência; a *Ave-Maria*, dirigida à Mulher revestida de sol, vitoriosa do erro e do mal. Nestas e noutras muitas fórmulas, encontra-se o intelectual a si próprio, evoca a sua faina e, sem isolar a sua especialidade do conjunto da vida cristã, pode lucrar do que está previsto para ele e providencialmente deposto no tesouro comum.
A meditação é tão essencial ao pensador, que não vale a pena encomiá-la. Preconizamos o *espírito de oração*: onde poderá ele nutrir-se melhor do que nas contemplações matinais, quando o espírito repousado, ainda não preso pelas preocupações do dia, levado, erguido nas asas da oração, sobe facilmente aos mananciais da verdade que o estudo dificilmente capta?
Se tendes a possibilidade de ouvir missa ou de a celebrar, não vos deixareis empolgar pelas sublimidades que ela encerra? Não vereis acaso, do alto do Calvário, de novo erguido, da sala onde se renova o banquete de despedida, a humanidade agrupar-se em volta de vós, esta humanidade com a qual nunca deveis perder o contacto, esta vida iluminada pelas palavras do Salvador, esta indigência que a sua riqueza socorre e que vós deveis juntamente com Ele socorrer, iluminar e salvar pela parte que vos toca, salvando-vos a vós próprios?
A missa põe-nos verdadeiramente em estado de eternidade, em espírito de igreja universal, e, no *Ite missa est*, ficais dispostos a ver uma *missão*, um envio do vosso zelo à desnudez da terra ignorante e louca.
A madrugada impregnada deste orvalho, refrescada e vivificada por estas brisas espirituais, não pode deixar de ser fecunda; acometê-la-eis com denodo; o dia gastará as provisões de luz da aurora; a noite virá antes do esgotamento das claridades, como o ano se encerra deixando sementes nos celeiros para o ano futuro.
O fim do dia! Não sabemos de ordinário santificá-lo, apaziguá-lo, prepará-lo para o sono verdadeiramente reparador. Malbaratamo-lo, poluímo-lo, desorientamo-lo!
Vêde como o aproveitam os que se entregam ao prazer! Não insistamos nisso, que não vem ao caso. Mas atendemos nos que se dizem trabalhadores: homens de negócio, industriais, funcionários públicos, comerciantes – falo dos mais deles. À noitinha, ei-los <<livres do freio>>, sem pensarem em coisa alguma, deixando vogar o espírito na dissipação que, dizem, repousa, jantando, fumando, jogando, tagarelando ruidosamente, correndo para o teatro ou para os cafés-concerto, bocejando no cinema, e depois indo deitar-se <<descansados>>.
Descansado, sim, como o violino cujas cordas se tivessem distendido totalmente. Que trabalhos no dia seguinte, para tornar a afiná-las!
Conheço industriais que descansam, lendo Pascal, Montaigne, Ronsard. Repimpados numa preguiceira, bem iluminados e bem quentes, com a família em redor calada ou cochichando,

eles, depois de maçados, vivem. Essa hora pertence-lhes: é a hora do homem, depois que o especialista esbarrou com a cabeça ou com o coração contra mil obstáculos.
O intelectual, embora não precise desta compensação, precisa dessa calma. O seu serão deve ser um recolhimento, o seu jantar uma refeição leve, o seu jogo o pôr em ordem o trabalho diurno e o preparar o trabalho do dia seguinte. Precisa de *Completas* – desta vez tomo a palavra no sentido figurado – que completem e que inaugurem; porque o complemento dum trabalho contínuo, como nós o requeremos, é tanto um princípio como um termo. Ninguém fecha senão para tornar a abrir. O fim do dia é o órgão de ligação entre os cortes diurnos cujo total forma uma vida. De manhãzinha, é preciso começar logo a viver: para isso disponhamo-nos à noitinha e preparemos a noite que, a seu modo, solda, sem nós, os labores conscientes.
Pense o que pensar a ilusão apaixonada e interesseira daqueles que no homem pretendem reservar a parte do valdevinos, a dissipação não é repouso, é esgotamento. O repouso não pode consistir na disseminação das forças. O repouso é retrocesso para longe do esforço, no sentido das suas fontes; é uma restauração, não um louco gastar.
Bem sei que gastar é, por vezes, adquirir; haja vista o desporto, a recreação, e nós não só toleramos, mas até exigimos este repouso activo. Não é esse, porém, o ofício normal do fim do dia. Para esse tempo há dois repousos, um espiritual, outro físico: o repouso em Deus e o repouso na natureza maternal. Ora, o primeiro, é a oração que o dá; o segundo, o repouso do corpo, deve conduzir ao repouso da noite, já que o precede.
À noitinha, devemos entregar-nos aos ritmos suaves, de que a respiração nocturna é o modelo. Deixar que se exerçam em nós os determinismos fáceis, que os hábitos substituam as iniciativas, que o ramerrão familiar tome o lugar do esforço da actividade ardente, numa palavra cessar de querer, dum certo modo, para inaugurar a renúncia da noite: eis a sabedoria. E a sabedoria reconhecer-se-á na estrutura desta vida atenuada, desta semi-actividade que se acalma. A família terá nisso a sua parte; uma conversa suave selará a união das almas; trocar-se-ão as impressões recebidas e os projectos formados; confirmar-se-ão os planos e os fins; consolar-se-á a velhice do dia; reinará a harmonia e ter-se-á celebrado uma digna vigília da festa que cada novo dia representa para o cristão.
O homem, que dorme, toma, muitas vezes, sem dar por isso, a posição que teve outrora no ventre materno. È um símbolo. O repouso volta à origem: origem da vida, origem da inspiração; retempera-se; o dobrar-se, de noite, tem essa significação. Ora, retemperar-se não é agitar-se; é como que refugiar-se, é procurar para a seiva humana, pela concentração pacífica, aumento de vigor, é restaurar em nós a vida orgânica e a vida sagrada, por um feliz repouso, pela oração, pelo silêncio e pelo sono.

IV - Os instantes de plenitude.

Vamos agora tratar do que já não é preparação, prolongamento, folga utilitária, repouso em vista do trabalho, mas trabalho propriamente dito e tempo consagrado à concentração estudiosa, ao esforço pleno. Pelo quê, apelidaremos estes cumes da vida intelectual encarada na sua duração: os instantes de plenitude.
Quase todo este livro visa a determinar a maneira de empregar este tempo; portanto, agora, insistimos apenas no modo de o poupar, de o centrar, de o preservar, de defender a <<cela interior>> contra a invasão que a ameaça.
Sendo os momentos da vida valores muito desiguais, e obedecendo, em cada um de nós, a repartição destes valores a leis diversas, não podemos estabelecer regra absoluta; mas cumpre insistir neste particular. Estudai-vos; tende em consideração a vida, o que ela permite, favorece ou interdiz, o que ela propõe para as horas ardentes.
Como distribuí-las? De manhã ou de tarde? Parte de manhã e parte de tarde? Só vós podeis decidir porque só vós conheceis as vossas obrigações e a vossa natureza, donde depende a estrutura imposta aos vossos dias.
Quando se dispõe de poucas horas e estas se podem situar livremente, parece que a manhã deve ter a preferência. A noite reparou as forças; a oração deu asas; reina a paz e o enxame das distracções não zumbe ainda em torno de vós. Podem, contudo surgir contra-indicações. Se o sono for difícil, o tempo matinal será angustioso e entorpecido. Noutros casos, falta a

solidão; tomam-se então as escassas horas do isolamento, consoante elas se apresentam.

Seja como for, depois de feita a escolha, convirá poupar os instantes escolhidos e poupar-se a si próprio, a fim de os explorar integralmente. Será preciso tudo prever para que nada venha obstruir, dissipar, reduzir ou enfraquecer tão preciosa duração. Se quereis que cia seja plena, começai por excluir as preparações longínquas; tomais todas as disposições úteis; sabei o que quereis fazer e a maneira de o fazer; juntai os materiais, as notas, os livros; não vos incomodeis com ninharias.

Além disso, para que esse tempo se conserve intacto e verdadeiramente livre, levantai-vos da cama com prontidão, a hora exacta; tomai refeições frugais; fugi das conversas vãs, das visitas inúteis; limitai a correspondência ao estrito necessário; lede os jornais com moderação. Estas restrições, que apontamos como amparo da vida de estudo, aplicam-se sobretudo ao que constitui o centro dela.

Tudo assim disposto e previsto, estareis preparados para a acção; podereis aplicar-vos a fundo, observar-vos e levar por diante o vosso intento; a atenção não será distraída nem o esforço dividido. Evitai, mais que tudo, o trabalho a meias. Não imiteis aqueles que permanecem horas e horas sentados à secretária com atenção remissa. É preferível encurtar o tempo e tratá-lo em profundidade, pois só assim o valorizareis.

Fazei alguma coisa ou não façais nada. Executai ardentemente o que decidis fazer, com afinco, de sorte que a actividade seja uma série de actos continuados com tenacidade. O trabalho a meias, que é repouso a meias, não favorece o estudo nem o descanso.

Chamai então a inspiração. A deusa nem sempre acudirá, mas sempre se deixa comover pelos esforços sinceros. Não quero com isto dizer que vos estafeis, mas sim que vos orienteis, que viseis ao alvo e afasteis do campo visual, como o atirador, tudo o que não for o ponto de mira. Renovai o <<espírito de oração>>; permanecei em estado de eternidade, com o coração submetido à verdade, com o espírito sujeito às grandes leis, com a imaginação aberta como asa, de sorte que todo o vosso ser sinta pairar sobre si as estrelas silenciosas, mesmo de dia, pois mesmo então elas não abandonam o seu lugar. A vossos pés lá muito em baixo, agitam-se ruídos da vida. Não os distinguireis. Ouvireis apenas o canto das esferas que, no sonho de Cipião, simbolizam a harmonia das forças criadoras.

Abrir-se assim à verdade, abstrair de tudo o mais e, se me é licito dizer, tomar um bilhete para o outro mundo, eis o verdadeiro trabalho, do qual afirmamos que bastam duas horas por dia para levar a cabo uma obra. É pouco, mas, cumpridas todas as condições, esse pouco basta e vale muito mais do que as pretensas quinze horas de que tantos paroleiros se jactam.

Certos algozes do trabalho alcançaram de facto estas cifras astronómicas; são casos para qualificar de feliz monstruosidade, quando ao de ruidosa loucura. Os trabalhadores normais apreciam mais duas a seis horas capazes de se aproveitarem de modo durável e fecundo. A questão principal não é essa, mas sim o emprego do tempo, o espírito que preside a esse emprego.

Quem conhece o valor do tempo, sempre o encontra em abundância; não podendo alongá-lo, eleva-o, e primeiramente não o encurta. O tempo é espesso como o ouro; mais vale a medalha forte, bem cunhada e de liga pura, do que a folha dilatada pela arte do batedor. Muitos contentam-se com as aparências, com veleidades trapalhonas, zumbem sempre e nunca realizam trabalho algum.

Note-se que a sessão de trabalho profundo não pode ser mais uniforme do que a vida intelectual no seu conjunto. Tem, proporcionalmente, as mesmas fases; treina-se pouco a pouco, às vezes custosamente, chega ao máximo, depois cansa-se. É preciso ser o Josué desta tarde para prosseguir a batalha sempre demasiado curta.

Voltaremos a falar das condições desta claridade protegida; por ora, limito-me a indicar uma só: defender tenazmente a solidão. Se tendes obrigações, dai-lhes, em tempo normal, o que lhes compete; se tendes amigos, combinai encontros oportunos; se a gente importuna vos solicita, fechai-lhes a porta com bons modos.

É urgente que, nas horas sagradas, não só vos não incomodem, mas que saibais também a maneira de não consentir que vos incomodem; que uma segurança completa vos defenda, para que a aplicação seja fecunda.

Nunca será exagerado o luxo de severas precauções. Ponde à porta Cérbero. Qualquer exigência de fora implica o sacrifício do que está dentro e pode custar, ao espírito, a perda de

preciosos encontros. <<Quando os semi-deuses se vão, chegam os deuses>>[1].
Falei da solidão completa, como de ambiente favorável ao trabalho. Cumpre acrescentar que a expressão não se deve tomar materialmente. Há presenças que duplicam a quietação, em vez de a dissiparem. Tende junto de vós um trabalhador activo, um amigo absorvido nalgum pensamento ou ocupação harmoniosa, uma alma de escol que compreenda a vossa obra que se una com ela, e apoie o vosso esforço com silenciosa ternura e ardor por vós comunicado: isso não é distracção, é ajuda.
Em certos dias, nas bibliotecas públicas, penetra-vos e cerca-vos uma atmosfera de recolhimento. Subjuga-vos uma impressão religiosa: não ousaríeis distrair-vos, nem seríeis capazes de descair. Quanto mais rodeados estiverdes de adoradores que rendam à verdade culto em espírito e em verdade, mais sós estareis, diante do único só, tanto mais fácil e agradável será a contemplação.
Lar onde no escritório do marido se vê a mesa ou o açafate de costura da esposa, onde o amor adeja em silêncio, deixando flutuar as asas ao vento dos nobres sonhos e da inspiração, é imagem do trabalho. Na unidade da vida inaugurada pelo matrimónio cristão, há lugar para a unidade de pensamento e de recolhimento. Quanto mais juntas estiverem as almas irmãs, tanto mais defendidas estarão contra o ruído exterior.
Bem compreendida e bem preparada, a solidão precisa de ser diligentemente resguardada. Não se prestem ouvidos a ninguém, nem a amigos indiscretos, nem a parentes inconscientes nem a transeuntes, nem mesmo à caridade. Não se pode ter caridade para com tudo ao mesmo tempo. Pertenceis à verdade: vá para ela o vosso culto. Exceptuando os casos que se não discutem, nada deve suplantar a vocação.
O tempo dum pensador, empregado conscienciosamente, é, em todo o rigor, caridade universal. Não o apreciamos doutra maneira. O homem da verdade pertence ao género humano como a própria verdade: não há que temer egoísmos, quando nos isolamos em benefício desta universal benfeitora dos homens.
Industriai-vos de modo que vos absolvam de boamente aqueles a quem abandonais e a quem por vezes também incomodais. Comprai a solidão; pagai as vossas liberdades, com delicadeza e boas maneiras. O ideal está em tornar o vosso retiro mais proveitoso a todos que o vosso concurso. Em todo o caso, evitai que esse retiro lhes seja pesado. Mãos à obra, e que a independência relativa tenha como contrapeso a dependência absoluta, logo que surjam os deveres.

---

(1) R.W.Emerson, Poems.

CAPÍTULO V - O campo do trabalho

I – A ciência comparada.

É difícil dar um conselho determinado sobre o que convém aprender, e menos ainda sobre a dosagem dos elementos admitidos num plano de trabalho. S. Tomás não fala disso nos *Dezasseis Preceitos*. É questão de vocação pessoal, em correlação com o fim a alcançar. Contudo, é possível dar breves indicações que sirvam de ponto de partida a úteis reflexões.
Não tomamos a questão na sua origem primeira; falamos para pessoas que já ultrapassaram a idade escolar e se propõem organizar ou completar estudos profundos.
Vêm aqui a propósito as interessantes observações do P. Gratry sobre a *Ciência Comparada*. A maneira Como as desenvolve será talvez um pouco antiquada, no entanto merecem ser seriamente ponderadas pelos intelectuais de nossos dias.
Entendemos por ciência comparada o alargamento das especialidades pela aproximação das disciplinas conexas e a subordinação das mesmas e do seu conjunto à filosofia geral e à teologia.
Embora cultivemos uma especialidade, não é prudente, nem fecundo, confinar-nos nela exclusivamente.
Equivaleria a pôr antolhos. Nenhuma ciência se basta a si mesma; nenhuma disciplina, encarada em si só, é luz suficiente para iluminar os seus caminhos. Isolada, mirra-se, emagrece, estiola-se e, na primeira ocasião, extravia-se.
A cultura parcial é sempre indigente e precária. O espírito ressente-se disso continuamente; a falta de liberdades de movimentos e de segurança de visão paraliza os gestos.
Podemos asseverar sem paradoxo que cada ciência, profundada, daria as demais ciências, as ciências a poesia, a poesia e as ciências a moral, depois a política e a própria religião no que esta possui de humano. Tudo está em tudo: divisões, só as opera a abstracção. Abstrair não é mentir, reza o provérbio: *abstrahere non est mentiri*, contanto que a abstracção, que distingue, isola e concentra a sua luz num ponto, não separe do objecto de estudo o que dele depende mais ou menos directamente. Privar, assim, de comunicações um objecto seria falseá-lo, porque os seus vínculos fazem parte dele.
Será possível estudar uma peça de relógio, sem pensar na peça vizinha? Ou estudar um órgão, sem tomar em conta o organismo? Do mesmo modo, é impossível avançar em física ou em química sem a matemática, em astronomia sem a mecânica e sem a geologia, em moral sem a psicologia, em psicologia sem as ciências naturais, em coisa alguma sem a história. Todas as ciências são interpendentes; as suas luzes cruzam-se, e qualquer tratado inteligente duma delas implica mais ou menos as outras.
Por conseguinte, se quiserdes alcançar um espirito aberto, claro, verdadeiramente forte, começais por desconfiar da especialidade. Lançai as bases segundo a altura do edifício que quereis construir; os trabalhos de escavação serão tanto mais largos quanto mais fundo pretendeis chegar. O saber não é torre nem poço, é habitação humana. Um especialista, se não for homem, é *manga de alpaca,* a sua esplêndida ignorância torna-o, transviado entre os humanos; é um inadaptado, um anormal, um louco. Livre-se o intelectual católico de copiar semelhante modelo. Acima de tudo será homem, pois pertence, por vocação, ao género humano; pisará o solo com pé firme, com a sua base de sustentação, e não saltitando sobre as pontas dos pés.
O saber tentou sondar a noite em todos os sentidos; nela mergulham os sábios, a mão para apanhar estrelas, desenvolvendo nobre esforço que não deixa indiferente nenhum pensador autêntico. Seguir até certo ponto as explorações de certos investigadores é, para vós, obrigação que no fim se resolve em capacidade decuplada para as vossas próprias pesquisas.

Quando chegardes à especialidade, depois de ter experimentado muita cultura, amplificado o olhar e compreendido o sentimento das ligações pelas profundidades, sereis homens diferentes daqueles que se confinam em estreita disciplina.

O cultivo exclusivo de qualquer ciência apresenta igualmente perigos que ninguém de bom senso desconhece. O estudo isolado das matemáticas falseia o juízo, habituando-o a um rigor que nenhuma outra ciência, e menos ainda a vida real comporta. A complexidade da física e da química causa fastio e apouca o espírito. A fisiologia conduz facilmente ao materialismo, a astronomia corre o perigo de habituar à divagação, a geologia converte-vos em galgos que tudo farejam, a literatura torna-vos balofos, a filosofia incha, a teologia expõe-vos ao falso sublime e ao orgulho doutoral. Precisais de passar de um espírito a outro, a fim de os corrigir um pelo outro; precisais de variar as culturas para não cansar o solo.

Não julgueis que, pelo facto de prosseguir *até certo ponto* o estudo comparado, ficareis sobrecarregados ou impedidos de vos dedicar com afinco a uma especialidade, porque a luz, que dessa comparação irradia, facilitará a visão das coisas, e o espírito, ganhando em amplidão, será mais apto para receber sem se prejudicar.

Quem se instala no centro das ideias fica depois com o caminho desembaraçado para seguir em qualquer direcção. E que melhor acesso ao centro do que tentar diferentes vias, que, à maneira dos raios dum circulo, dão o sentimento dum encontro e duma encruzilhada comum?

Conheço um linguista que, no espaço de quinze dias, consegue deslindar uma língua nova. Porquê? – porque sabe muitas outras. Num relance, o espírito abarca o novo idioma, os seus caracteres fundamentais, a sua constituição. As ciências são as diversas línguas em que o homem balbucia penosamente a natureza inefável; decifrar muitas delas é favorecer cada uma, porque afinal todas são uma só coisa.

Demais a mais, despertos o instinto poderoso e o entusiasmo em todo o homem bem dotado por esta maneira de viajar através das ciências e de explorar estes magníficos domínios, como se visitam alternadamente os fiordes da Noruega, o Corno de Ouro, os hipogeus do Egipto, as pampas da América e os palácios chineses, este ardor épico, capaz de empolgar uma inteligência ao contacto das grandezas do espírito, comunica ao estudo inspiração e facilidade surpreendentes.

Um rabino, a quem censuravam de sobrecarregar a lei, respondeu: <<Um alqueire cheio de nozes pode levar ainda muitos almudes de azeite>>. Esse sim, tinha zelo, o zelo que, no domínio das capacidades espirituais, corresponde ao calor que dilata os corpos. Uma taça, ao sol, tem maior capacidade do que à sombra. Um espírito deslumbrado perante o espectáculo da verdade, e por ele desdobrado como arco-íris, toma-se capaz de adquirir sem fadiga, com alegria, conhecimentos que enervariam o triste cultor duma única ciência.

Os grandes homens foram sempre mais ou menos universais; sobressaindo numa parte, nas outras foram pelo menos curiosos, frequentemente sábios, às vezes até especialistas. Não conseguireis confinar num só ramo do saber homens da envergadura de Aristóteles, Bacon, Leonardo de Vinci, Leibniz ou Goethe. Henrique Poincaré, na Academia das Ciências, espantava os colegas das outras secções, pelas suas concepções geniais: consultá-lo era colocar-se imediatamente no centro do saber, ponto onde todas as ciências se identificam.

Não alimentais semelhantes pretensões? Embora! O que as grandes sumidades praticaram permanece sempre como indicação fecunda para os demais. Traçai um plano amplo, que se vá reduzindo pouco a pouco pelo que diz respeito ao tempo consagrado a cada estudo secundário, e não quanto à largueza de vistas nem ao espírito de trabalho.

Escolhei acertadamente os conselheiros. Um só entre mil Para o conjunto, outros para cada

parte, se preciso for. Reparti o tempo, regulai a sucessão das culturas, nunca procedendo ao acaso.
Em cada coisa, ide direitos ao essencial, não vos deixando enredar nas minúcias: não é por estas que se empunham as ciências; é muitas vezes pelo pormenor mas pelo pormenor característico, isto é, pelo fundo.
Mas, para vos orientardes neste domínio, precisais de penetrar no que ainda falta dizer.
Assim como nenhuma ciência particular se basta a si própria, assim também o conjunto das ciências, se não sustenta sem a rainha das ciências – a filosofia[1] –, nem o conjunto dos conhecimentos humanos sem a sabedoria derivada da ciência divina – a teologia.
O P. Gratry exprimiu, sobre este ponto, verdades capitais, e S. Tomás, indo mais além, assinalou o lugar e a dignidade destas duas rainhas do duplo reino[2]. As ciências, sem a filosofia, desclassificam-se e desorientam-se. As ciências e a filosofia, sem a teologia, desclassificam-se mais ainda, visto repudiarem uma coroa celeste; e desorientam-se mais irremediavelmente, porque a terra sem o céu não encontra a sua órbita, nem as influências que lhe dão fecundidade.
Hoje que a filosofia esmoreceu, as ciências rebaixam-se e dispersam-se; hoje que se ignora a teologia, a filosofia é estéril, não conclui coisa alguma, faz crítica e faz história sem bússola; é sectária e muitas vezes destruidora, nunca tranquiliza nem ilumina; não ensina. E os seus mestres, que têm a dupla desgraça de ignorar e de ignorar que ignoram, consideram a teologia uma coisa do outro mundo.
Sim, a teologia pertence ao outro mundo, quanto ao objecto; mas o outro mundo governa este, continua-o em todos os sentidos, para trás, para diante e para cima, e portanto não é de espantar que o ilumine.
O melhor que pode fazer um intelectual católico, que pertence ao seu tempo, é trabalhar, pela parte que lhe toca, em nos restituir a ordem de que carecemos. O de que o nosso tempo precisa, do ponto de vista doutrinal não é a dose de saber, é a harmonia do saber, harmonia que só se obtém por um apelo aos primeiros princípios[1].
A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas, e como o espírito só se instrui verdadeiramente pela investigação das casualidades, a ordem do espírito deve corresponder à ordem das causas. Portanto, existindo um Ser primeiro e uma Causa primeira, é lá que se completa e ilumina ultimamente o saber. Primeiramente como filósofo, por meio da razão, em seguida como teólogo, utilizando a luz que vem do alto, o homem de verdade deve centrar a sua investigação naquilo que é ponto de partida, regra e fim a título primeiro, naquilo que é tudo para tudo e para todos.
Em toda a espécie de objectos e disciplinas, só reina a ordem, no momento em que os princípios, dispostos hierarquicamente até ao princípio primeiro, desempenham o papel de *princípios*, de *chefes*, como num exército, como numa casa ordenada, como num povo. Repudiamos hoje os primeiros princípios; mas, por isso, o saber desarticulou-se. Possuímos farrapos, magníficos ouropéis, não possuímos vestidos; possuímos excelentes capítulos, não temos livro completo, não temos Bíblia.

---

[1] É curioso que, na hora actual, a própria ciência convida o sábio a elucidar problemas que até aqui dependiam da filosofia: casualidade, determinismo, probabilidade, contínuo e descontínuo, espaço, tempo, etc. Logicamente, o sábio, nesses casos, deveria recorrer ao filósofo; mas este, as mais das vezes, retrai-se, fecha-se nos seus antigos quadros, e o sábio vê-se então obrigado a filosofar por si próprio, e fá-lo sem experiência e muito frequentemente de través.

[2] Cf. sobretudo, Suma Teologica, toda a Questão I; Comentário ao De Trinitate, de Boécio, Questão II, art. 2; Contra Gentes. liv. I, cap. I.

[1] Escreveu Carlos Dunan: <<Para a filosofia moderna, os problemas transcendentes são nulos e não existem. Mas a recíproca é verdadeira: se estes problemas existem, quer dizer que a filosofia moderna não existe>>. Les Deux idéalismes, Paris, Alcan, 1911, P. 182.

As Bíblias do saber foram outrora as *Sumas*: faltam-nos hoje as Sumas, e ninguém entre nós seria capaz de compor uma. Tudo é caótico. Mas, se ainda é cedo para redigir uma Suma colectiva, pelo menos cada homem que pensa e que deseja verdadeiramente *saber*, pode tentar constituir a sua Suma pessoal, isto é, pôr ordem nos conhecimentos, invocando os princípios desta ordem, ou seja, filosofando e coroando a sua filosofia por uma teologia sumária, mas profunda.

Os sábios cristãos, desde o princípio até ao fim do século XVII, foram todos teólogos, e os sábios, cristãos ou não, até ao século XIX, foram todos filósofos. Depois, o saber baixou; alastrou em superfície e perdeu em altura, e portanto também em profundidade, porque a terceira dimensão tem dois sentidos que se correspondem. Que o católico, cônscio desta aberração e das suas consequências, saiba fazer-lhes frente; intelectual ou desejoso de o ser, aspire à intelectualidade completa, em todas as suas dimensões.

<<A teologia, no dizer do P. Gratry, inseriu na árvore da ciência um enxerto divino, graças ao qual esta árvore pode produzir frutos que não são os seus>>. Não se lhe tira a seiva, pelo contrário dá-se-lhe um curso glorioso. Em razão deste novo impulso comunicado ao saber, deste apelo dos dados humanos a uma colaboração celeste, todos os conhecimentos são vivificados e todas as ciências alargadas. A unidade da fé dá ao trabalho intelectual o carácter de cooperação imensa. É a obra colectiva dos humanos unidos em Deus. Por isso a ciência cristã, tal qual é e muito mais ainda quando se escrever a Suma dos tempos modernos, ultrapassará em amplidão e inspiração os monumentos da antiguidade e do neo-paganismo. As enciclopédias estarão para ela como Babel para as catedrais.

Quem busca a verdade não tem o direito de ignorar tão rico tesouro. É de esperar que a próxima geração, carrilada por esta que tão notoriamente ultrapassa as precedentes, se aproxime muito naturalmente e sem respeito humano da ciência das ciências, do cântico dos cânticos do saber, da teologia inspiradora, e encontre nela a maturação e a elevação, o lirismo potente e calmo, expressão completa da vida do espírito.

Não custa penetrar no campo da teologia, nem o seu estudo exige muito tempo, a não ser, é claro, que se tome como objecto de especialidade. Dedicai-lhe quatro horas por semana, durante cinco ou seis anos; é o suficiente; depois só tereis de conservar o aprendido.

Sobretudo, porém, não vos fieis em falsos mestres. Tomareis, logo de entrada, S. Tomás de Aquino. Estudai a *Suma*, mas antes disso aprendereis os dogmas basilares da fé. Tende à mão o *Catecismo do Concílio de Trento*, esplêndido resumo da doutrina teológica[1]. Possuí plenamente este manual e continuai, dia a dia, em companhia de S. Tomás, o desenvolvimento racional da ciência divina. A princípio, o texto parecer-vos-á seco e abstruso; pouco a pouco, brilharão as luzes dominadoras; as primeiras dificuldades vencidas terão como recompense novas vitórias; aprendereis a língua da terra, e, ao fim de algum tempo, circulais por lá como em vossa casa, com a impressão de que residis numa sublime habitação.

Estudai, é claro, em latim! As traduções da Suma, muitas vezes traiçoeiras, são sempre insuficientes. Quem se deixasse acobardar perante o esforço de aprender uma língua que um espírito ordinário consegue dominar em dois meses, não mereceria que nos preocupássemos com a sua formação[1]. Falamos para entusiastas: se querem penetrar na <<adega>>, dêem-se ao trabalho de procurar a chave dela.

Ser-vos-ia útil alguma obra de introdução, que vos fizesse pressentir o conteúdo de S. Tomás e servisse de prelibação. Todavia, não pareis aí; tomai a mão que se vos estende para vos pôr em movimento[2].

Por outro lado, um repetidor de espírito aberto e bem informado prestar-vos-ia valioso auxílio, diria até indispensável. Iniciar-vos-ia paulatinamente no vocabulário técnico do tomismo, poupar-vos-ia hesitações e quiproquós, esclareceria um texto por outro texto, assinalaria as pistas e defenderia os passos dos precipícios. No entanto, persuadido como estou do mal que fazem amigos inábeis, da desilusão e escândalo provocado por comentários estúpidos,

---

(1) A título de auxiliar, seja-me permitido indicar o *Catecismo dos Incrédulos*, publicado com o fim de facilitar aos nossos contemporâneos a compreensão da doutrina cristã c das suas bases.

(1) Não se julgue que o Autor possui um segredo para ensinar o latim em dois meses! Não se trata do latim clássico, mas do latim empregado por S. Tomás. O vocabulário tomista é tão reduzido, as construções sempre as mesmas e tão alheias ao que torna difícil o latim, que só um preguiçoso recuará diante da conquista deste tesouro.

(2) Cf. o livro elementar de J. Maritain, Éléments de *Philosophie*, Paris, Téqui, 1920. Para estudo mais profundo: A.D. Sertillanges, Saint Thomás d'Aquin, 2 vols. [Coll. <<Les Grands Philosophes>>], Paris, Alcan, 1910.

recomendo-vos que prefirais a solidão a um concurso pouco inteligente. Esforçai-vos por quebrar a noz; magoareis as mãos, mas acabareis de a partir, e então será o próprio S. Tomás quem instrui o seu discípulo.
Para esse fim, consultai cuidadosamente, a propósito de cada artigo, as passagens diferentes a que as edições costumam remeter; consultai o *Index tertius*, esse tesouro, imperfeito, mas ainda assim tesouro; comparai; estudai de sorte que os documentos se completem e comentem mutuamente, e depois redigi o artigo estudado. Excelente ginástica que dá maleabilidade, amplidão e vigor ao espírito, e o torna preciso, inimigo do sofisma e do pouco mais ou menos, e ao mesmo tempo o enriquece de noções claras, profundas, bem encadeadas, sempre ligadas aos princípios primeiros, constituindo, pela sua coadunação, uma forte síntese.

II – O tomismo, quadro ideal do saber.

Sou levado muito naturalmente a expor o que sinto acerca do tomismo como quadro da ciência comparada.
É incontestável a utilidade de possuir desde muito cedo, desde o princípio, se possível for, um corpo de ideias directrizes, capaz, como o íman, de atrair e subordinar a si todos os conhecimentos. Quem o não possui, assemelha-se, no universo intelectual, ao viajante que facilmente descamba no cepticismo, em consequência de frequentar civilizações diversas e doutrinas contrárias.
Esta confusão é uma das grandes calamidades do nosso tempo. Libertar-se dela, graças ao equilíbrio intelectual ministrado por doutrina segura, é beneficio incomparável. Ora, sob este respeito, o tomismo é dum valor a toda a prova.
Estou a ouvir protestos. Já os ouvi em 1920, e devo continuar a ouvi-los. Pelo quê, devo dizer a quem me queira dispensar alguma confiança: quanto mais vou para diante, tanto mais me persuado que no tomismo reside o porvir das inteligências católicas; o tomismo as valorizará e lhes facultará o adaptarem-se a este tempo. Digam o que disserem os partidários da última moda, o peso duma doutrina e a sua novidade são duas coisas distintas. O génio não tem data. Quando se trata de valores eternos, a sabedoria esta em se dirigir a quem sabe mergulhar, em qualquer data temporal, no âmago da eternidade.
Ao sumo, aponto aqui um escolho. Não falta quem, deslumbrado pela glória de S. Tomás, comece a estudá-lo cheio de entusiasmo. Vamos ver! E depois de lerem duas ou três páginas, ficam desiludidos. É que, sem o suspeitarem, esperavam encontrar lá, em vez de pesadas barras de ouro, jóias da moda. Eis o que explica a desilusão. Mas é erro abeirar-se das obras-primas do pensamento, como das da arte ou da natureza, comparando-as com a ideia vaga e falsamente grandiosa que delas se formava. Elas não conseguem preencher este quadro. Em compensação, as suas sólidas perfeições existem realmente, e é loucura privar-se delas por falta de atenção ou adaptação.
Persisto, pois, em recomendar aos jovens intelectuais que me Iêem: estudai S. Tomás; ele é o homem deste tempo. Dir-se-ia que foi criado há sete séculos para apagar a sede dos nossos contemporâneos. Em comparação da água barrenta que nos servem, ele é manancial límpido. Superadas as primeiras dificuldades da maneira de expor arcaica, S. Tomás tranquiliza o espírito, estabelece-o na claridade plena e oferece-lhe quadro maleável e forte para as ulteriores aquisições.
O tomismo é síntese. Nem por isso é ciência completa; mas a ciência completa pode apoiar-se nele como num poder de coordenação e de sobrelevação por assim dizer milagroso. Se um papa afirmou da obra de S. Tomás, tomada nas suas diversas partes: *Quot articuli, tot miracula*, dobrada razão nos assiste para classificá-la de prodígio no seu conjunto.
Estudai este sistema, apreciai os seus caracteres, avaliai as suas ideias mestras, a sua ordem, a fecundidade da sua genealogia ascendente, a abertura angular, ou, para melhor dizer, a capacidade vital de cada noção perante os factos e noções acessórios que a podem alimentar: vereis com espanto que nenhum conjunto parcial sofre comparação com este, como força atractiva a respeito do todo, que nenhuma semente possui maior poder para absorver e canalizar os sucos da terra.
O tomismo é posição do espírito tão bem escolhida, tão afastada dos extremos onde se

escavam os abismos, tão central em relação aos cimos, que para ele convergimos de qualquer ponto do saber e dele irradiamos, sem quebras de caminho, em todas as direcções do pensamento e da experiência.
Há sistemas que se opõem aos sistemas vizinhos: este concilia-os numa luz mais elevada, depois de ter pensado nas seduções que ofereciam e de ter prestado justiça ao que neles havia de verdade. Outros sistemas foram contraditos pelos factos: este sai-lhes ao encontro, envolve-os, interpreta-os, classifica-os e consagra-os na medida possível.
Nenhuma metafísica oferece às ciências da natureza princípios de ordenação e de interpretação mais benéficos; nenhuma psicologia racional condiz mais com os resultados da psicologia experimental e das ciências anexas; nenhuma cosmologia se mostra mais maleável e acolhedora às descobertas que vieram desfazer tantos devaneios antigos; nenhuma moral serve melhor o progresso da consciência humana e das instituições.
Não pretendo agora mostrar o sólido fundamento destas afirmações; esperando que cada qual o faça por sua conta, é questão de confiança. Mas o católico deve confiar naquela que recebeu a missão e a graça para guiar o voo do seu espírito.
A igreja crê hoje, como outrora, que o tomismo é arca salvadora capaz de manter incólumes os espíritos no dilúvio das doutrinas. Não o confunde com a fé, nem com a ciência em toda a sua amplidão; sabe que o tomismo é falível e que, no campo das teorias transitórias, ele participou dos erros dos tempos; mas julga que a sua orgânica corresponde, em conjunto, à constituição do real e da inteligência, e reconhece que para isso concorrem a ciência e a fé, porque o tomismo tomou posição entre ambas como fortaleza na encruzilhada dos caminhos.
Não é licito fazer imposições em tal domínio, no entanto sempre direi a quem se decide pela ciência comparada, isto é, a quem forma o propósito de levar de frente as ciências particulares, a filosofia e a teologia com uma só e mesma investigação: consultai-vos; tende no coração bastante fé na guia secular, que é a Igreja, e não lhe regateeis a livre adesão filial. Se conseguirdes isso, alcançareis a recompense da fidelidade, subindo a um nível desconhecido do solipsismo orgulhoso e da modernidade sem base eterna.

III – A especialidade.

Apressemo-nos a completar o que fica dito sobre a ciência comparada, não suceda que nos acoimem de promover ciência enciclopédica. Quanto maior for o cabedal da ciência tanto melhor, debaixo de certas condições; de facto, não se podendo verificar estas condições – e hoje menos do que nunca elas se verificam – o espírito enciclopédico é inimigo da ciência.
A ciência consiste mais em profundidade do que em superfície. A ciência é conhecimento pelas causas, e as causas mergulham como raízes. É mister sacrificar sempre a extensão à penetração, pelo simples motivo de que a extensão por si, nada é e a penetração, introduzindo-nos no centro dos factos, fornece a substância do que se buscava numa investigação sem termo.
Advogámos uma certa extensão, mas era em favor da profundidade e a título de formação; obtida esta e assegurado o profundamento das suas possibilidades, é preciso cavar, e só a especialização o permite.
Muito frequentemente, aquilo que ao princípio é indispensável torna-se em seguida hostil. A hostilidade manifesta-se aqui de muitas maneiras e leva à decadência do espírito por vias diversas.
Em primeiro lugar, cada um tem as suas capacidades, os seus recursos, as suas dificuldades interiores ou exteriores, e devemos perguntar se é prudente cultivar igualmente aquilo para que somos feitos e aquilo que mais ou menos esta fora do nosso alcance. Vencer uma dificuldade é bom; é preciso; mas a vida intelectual não deve ser acrobacia permanente. É muito importante trabalhar com alegria, portanto com facilidade relativa, portanto com o sentido das aptidões. É preciso, avançando primeiramente em diversas vias, descobrir-se a si próprio, e, uma vez ciente da sua vocação especial fixar-se nela.
Em seguida, há um perigo que espreita os espíritos que se, espalham demasiado: o contentar-se com pouco. Satisfeit0s com as suas explorações através de tudo, cessam o esforço; os progressos, primeiro rápidos, são como os de fogos-fátuos. Nenhuma energia se desdobra muito tempo se não for estimulada pela dificuldade crescente e sustida pelo interesse, também

crescente, duma investigação laboriosa. Examinado o conjunto, julgado nas suas relações e unidade, à luz dos princípios fundamentais, é urgente, se se não quer patinhar no mesmo sítio, lançar-se a uma tarefa precisa, limitada, proporcionada às próprias forças e aplicar-se a ela de alma e coração.
As nossas proposições de há pouco encontram aqui a recíproca. Dizíamos: é preciso entrar em diversas vias para ter o sentimento dos encontros; é preciso abeirar-se da terra largamente para terminar nas profundidades. Feito isto, se só se pensa em cavar no centro, o aperto aparente aproveita em todo o espaço, o fundo do orifício mostra todo o céu. Desde que se conhece a fundo alguma coisa, contanto que não se ignore inteiramente o resto, este resto em toda a sua extensão tem o benefício da viagem para as profundidades. Todos os abismos se assemelham e todos os fundamentos comunicam entre si.
Além disso, supondo que nos lançamos com a mesma energia persistente a todos os ramos do saber, depressa nos encontraremos perante uma tarefa impossível. Que fazer? Por querer ser legião, ter-nos-emos esquecido de ser alguém; visando a ser gigantes, diminuímo-nos como homens.
Cada qual tem uma obra a realizar na vida; deve aplicar-se a ela com coragem e deixar a outrem o que a Providência lhe reserva. É preciso descartar a especialidade na medida em que se trata de formar um homem culto e, no que diz respeito ao herói destas páginas nas, um homem superior; mas é preciso apelar de novo para a especialidade, quando se trata de ser um homem que exerce uma função, e se propõe um rendimento útil. Por outras palavras, é preciso *compreender* tudo, mas com o intuito de chegar a *fazer* alguma coisa.

IV – Os sacrifícios necessários.

Concluí daqui a obrigação de o trabalhador intelectual se resolver a praticar os sacrifícios necessários. Custa muito dizer: tomando por um caminho, tenho que abandonar mil outros. Tudo é interessante; tudo atrai e seduz o espírito generoso; mas há a morte; há as necessidades do espírito e das coisas; é forçoso submeter-se e contentar-se, naquilo que o tempo e a prudência vos subtraem, com um olhar de simpatia que também é homenagem à verdade.
Não vos envergonheis de ignorar o que não poderíeis saber senão dispersando-vos. Tende, sim, humildade, porque isso marca a nossa limitação; mas esta faz parte da virtude; dela deriva uma grande dignidade, a dignidade do homem que permanece na sua lei e desempenha a sua missão. Somos afinal bem pouca coisa, mas fazemos parte dum todo e disso nos honramos. A nossa acção estende-se ainda ao que não fazemos: fá-lo Deus, fazem-no nossos irmãos, e nós vivemos com eles na unidade do amor.
Não julgueis, portanto, que tudo vos é possível. Medi as forças, medi a tarefa: após alguns tenteios inevitáveis, sabei limitar-vos; guardai por meio de leituras e, se preciso for, de pequenos trabalhos, o benefício das culturas primeiras, o contacto das amplidões, mas concentrai-vos para aproveitar o principal do tempo e das forças. O meio-sábio não é só o que sabe a metade das coisas, é o que as sabe só a meias. Sabei o que decidistes saber: não percais de vista o resto. O que não for da vossa vocação, deixai-o a Deus, que disso terá cuidado. Não deserteis de vós, por vos terdes querido substituir a todos.

CAPÍTULO VI - O espírito do trabalho

I – O ardor da investigação.

Uma vez determinado o campo do trabalho, cumpre indicar o espírito que deve animar o trabalhador, e que é, anteriormente a qualquer modalidade de aplicação, um espírito de zelo. <<*Tira sempre as dúvidas*>>, recomenda S. Tomás ao seu discípulo.
Um espírito activo anda constantemente à cata de alguma verdade que se lhe afigure, nos vários momentos, a figuração daquela verdade a que dedicou o seu culto. A inteligência assemelha-se à criança, em cujos lábios pairam de contínuo os *porquês*. O bom educador procura satisfazer essa fecunda inquietação, e serve-se dessa curiosidade, como de apetite, para alimentar solidamente o organismo espiritual em via de formação. A alma não envelhece, cresce sempre; em face da verdade, é eterna criança; encarregados da sua educação permanente não devemos, na medida do possível, deixar sem solução nenhum dos problemas que se nos põem no decurso do trabalho, nem sem conclusão apropriada nenhum dos nossos inquéritos.
Portanto, o homem de estudo há-de estar sempre à escuta da verdade. Enquanto vive curvado sobre a mesa de trabalho, o Espírito sopra nele, revela-se talvez fora, envia os seus profetas, homens, coisas, livros, acontecimentos: que a alma atenda, não deixe escapar nada porque este espírito da verdade, como a graça, muitas vezes passa e não volta. Não é ele uma graça?
O inimigo capital do saber é a indolência, esta preguiça original que evita o esforço e tenta caprichosamente, uma vez por outra, alguma arrancada, mas volta depressa a um automatismo negligente, considerando qualquer impulso vigoroso e continuado um autêntico martírio. Um martírio! Talvez, em virtude da nossa constituição; mas precisamos de estar preparados para ele ou então há que renunciar a vida de estudo, porque, sem energia, nada se consegue. <<Tu, oh Deus, vendes os bens aos homens pelo preço do esforço>>, escreve Leonardo de Vinci nas suas notas. Ele próprio foi testemunha disso.
O espírito é como o aeroplano que só se mantém nas alturas, se avançar com toda a força da hélice. Pelo contrário, a tenacidade pode levar-nos além dos limites previstos pelos nossos sonhos. Ignoramos até onde vai a plasticidade e o entusiasmo da inteligência. Disse Bossuet: <<O espírito do homem pode chegar ao infinito, só a preguiça põe limites à sua sabedoria e às suas invenções>>. – Tomamos por barreira o que, as mais das vezes, não é senão o silvado dos nossos defeitos e negligências sensuais. Entre conceber e projectar, projectar e executar, executar e perfazer, quantas demoras e desfalecimentos! O hábito do esforço aproxima estas tiradas e conduz da concepção à conclusão, por declive rápido. O homem forte ergue diante de si a escada de Jacó, para a subida e descida dos anjos que nos visitam.
Certos espíritos contentam-se depressa com uma tintura de ciência. Começam a trabalhar com afinco, mas para logo perdem o sentimento do seu vácuo. Não pensam que estamos sempre vazios daquilo que não temos e que num campo de descoberta ilimitado, nunca podemos depor a enxada. A quem pretende alardear de erudito ou auferir qualquer lucro basta um pequeno sortido de pensamentos. Quantos que se servem dum leve biombo para ocultarem aos outros e a si próprios uma vasta ignorância! Mas uma vocação real não se satisfaz com tão pouco, senão que reputa todo o adquirido como simples ponto de partida. Saber, buscar, saber de novo e recomeçar para buscar ainda mais, nisto se resume a vida do homem consagrado à verdade, do mesmo modo que o avarento só pensa em amontoar. O intelectual sincero diz, cada dia, ao Deus da verdade: <<*Sinto-me devorado pelo zelo da tua casa*>>.
Quanto mais avançam os anos, mais nos devemos precatar contra esta tentação. Quem não conhece os <<jarrões>> ou os <<bonzos>>, esses velhos sábios que sufocam debaixo das honras, esmagados de exigências, e que perdem em representação o tempo outrora dedicado a trabalhos de investigação? Melhor apetrechados, já não produzem; homens de reputação consagrada, são no entanto puras sombras do que foram. Dizia-se do pintor Henner, quando já decrépito: <<Só pinta falsos quadros de Henner>>. Não subscrevo este parecer, mas o dito

é cruel e temível para todos aqueles a quem possa ferir. Não dissimulemos que também se verifica esta fixação prematura nalguns jovens que, impando por uma invenção real ou aparente a exploram à saciedade e se comprazem em estirar o fio cada vez mais ténue dos cuidados que seriam melhor empregados em fundir uma barra ou cunhar uma medalha.
O autêntico pensador aplica-se ao trabalho com disposições diferentes; empolga-o o instinto de conquistador, um ardor, um entusiasmo, uma inspiração heróica. O herói não se fixa nem se limita. Um Guynemer considera uma vitória como ensaio para outra vitória; sempre com ânimo redobrado, voa, recomeça, alcança o adversário, volta-se contra novo adversário e só na morte vê o termo da carreira.
É preciso buscar sempre, sempre esforçar-se. Obedecendo a leis da natureza, a árvore silvestre floresce, os astros brilham, a água corre, galgando as encostas, torneando os obstáculos, enchendo os vácuos, ambicionando entrar no mar que por ela espera lá em baixo, e aonde talvez chegará. A criação, em todos os andares, é aspiração contínua: o espírito, que é, em potência, todas as coisas, não pode circunscrever por si as suas formas ideais, como nem as formas naturais que naquelas se reflectem. A morte o limitará, e também a sua impotência: tenha, ao menos, a coragem de fugir das fronteiras da preguiça. O infinito, que se desdobra diante de nós, requere o infinito do desejo para corrigir, na medida do possível o desfalecimento da nossa força.

II – A concentração.

Este espírito de zelo deve conciliar-se com a concentração recomendada por todos os homens de pensamento profundo. Nada mais funesto do que a dispersão. Difundir a luz é enfraquecê-la em proporções geometricamente crescentes. Pelo contrário, concentrando-a pela interposição duma lupa, o que era aquecido pela livre irradiação arde agora no foco onde o ardor se ateia.
Seja o vosso espírito lupa, graças a uma atenção convergente; volte-se a vossa alma exclusivamente para o que se fixou em vós no estado de ideia dominante, de ideia absorvente. Seriai os trabalhos a fim de vos poderdes dar inteiramente a eles. Empreendei cada tarefa como se fosse a única. Era esse o segredo de Napoleão; é o de todos os grandes homens activos. Os próprios génios só se engrandeceram pela concentração das energias sobre o ponto que tinham em vista.
É preciso deixar cada coisa a si própria, fazê-la no tempo devido, reunir todas as condições dela, consagrar-lhe a plenitude dos recursos de que se dispõe e, uma vez levada a cabo, passar tranquilamente a outra. É incrível o que assim se acumula sem agitações que só desgastam.
Não quer dizer que se não possam ter vários trabalhos entre mãos: é até uma necessidade; porque, para tomar balanço, para melhor nos apreciarmos e, sendo preciso, para nos corrigirmos, para repousarmos dum esforço por meio doutro esforço, talvez também por motivos acessórios, convém interromper e permutar as ocupações. Nesse caso, porém, aplique-se a cada trabalho em particular o que dizemos da concentração. Quando se estuda um assunto, ponham-se os outros de parte, de sorte que haja entre eles solução de continuidade, e só se passe a outro depois de esgotado o primeiro.
Os vaivéns nunca triunfaram. O viajante, que tacteia e envereda sucessivamente por caminhos diversos, esfalfa-se, desanima, não avança. Pelo contrário, a tenacidade em trilhar o mesmo caminho e a persistência em o retomar, seguidas de repousos oportunos, isto é, depois de completa a primeira fase da acção, é o meio de produzir ao máximo e ao mesmo tempo de guardar o frescor do pensamento e a coragem intacta. A alma do verdadeiro trabalhador, a despeito das suas preocupações e multiplicidade sucessiva, deveria sempre, entre duas reflexões sobre o obstáculo, manter-se sossegada e nobre como a assembleia das nuvens na fímbria do Horizonte.
Acresce que esta lei de toda a actividade se reforça no domínio do pensamento puro, em razão da unidade da verdade e da importância de não perder de vista os seus elementos, para que deles brote a claridade.
Cada ideia isolada comporta riqueza infinita; os laços, que a prendem às demais, permitem-lhe

regenerar-se de contínuo nesse manancial. Enquanto se descobrem estas dependências iluminadoras, enquanto a verdade irradia, não disperseis o olhar, segurai o fio que vos guia através do labirinto; lançai à terra a semente dum pensamento fecundo, depois a semente da nova planta; não vos canseis de cultivar nem de semear, pois um só germe vale tanto como o campo inteiro.
Todas as obras dum espírito bem constituído deveriam ser desenvolvimentos dum pensamento único, dum sentimento da vida em busca de formas e de aplicações. Não há muito, dizia Bergson: <<O filósofo digno de tal nome nunca afirmou se não uma só coisa>>. Com muito maior razão, todos os passos dum período definido, duma empresa, duma sessão de estudo deveriam orientar-se e concentrar-se em obediência a uma estrita disciplina. Cavar sempre o mesmo orifício: eis o meio de descer em profundidade e de roubar à terra os seus segredos.
Um dos efeitos desta concentração será a escolha no meio da massa confusa que ordinariamente se nos antolha por ocasião das primeiras pesquisas. Pouco a pouco, tiram-se a limpo as ligações essenciais, e é nisto que sobretudo consiste o segredo das obras grandiosas. O valor não está na multiplicidade, mas nas relações de alguns elementos que governam todo o caso, ou todo o ser, e nos mostram as leis que o regem, permitindo ao investigador a criação original, a obra em relevo e de sólido alcance. Alguns factos bem seleccionados ou algumas ideias fortes, digo fortes, pela coerência e concatenação mais do que pelo teor, dão matéria suficiente para uma produção genial. Bem dirigir as investigações e bem centrar os trabalhos, foi a arte dos grandes homens; é o que, a exemplo deles, devemos tentar para nos realizarmos totalmente.

III – A submissão à verdade.

Há, porém, algo de mais importante: a necessidade de nos submetermos, ao mesmo tempo que à disciplina do trabalho, à disciplina da verdade. Esta é a estrita condição do seu convívio. Obediência pronta requer de nós a verdade. Levemos a esta solene entrevista uma alma respeitadora. A verdade só se entrega a quem primeiro se despoja e se decide a contentar-se exclusivamente com ela. A inteligência, que se não dá, vive em estado de cepticismo e o céptico encontra-se pouco armado para a verdade. A descoberta é o resultado da simpatia, e quem diz simpatia diz dom.
Pelo pensamento *encontramos* alguma coisa, não a fazemos; quem recusa submeter-se ao pensamento, não o encontrará, e não se submeter de antemão é esquivar-se ao seu encontro. Cedendo à verdade e exprimindo-a o melhor possível, sem alteração criminosa, praticamos um culto ao qual o Deus interior e o Deus universal responderão, revelando a sua unidade e estabelecendo sociedade com a nossa alma. Nisto como em todo o mais, o inimigo de Deus é a vontade própria.
Esta submissão supõe a humildade. Conviria relembrar o que dissemos da necessidade das virtudes para o reinado da inteligência; porque as virtudes têm por base a exclusão da personalidade orgulhosa, que repugna à ordem. Intelectualmente, o orgulho é o pai das aberrações e das criações factícias; a humildade é o olhar que lê no livro da vida e no livro do universo.
Poder-se-ia definir o estudo, dizendo: é Deus que toma, em nós, consciência da sua obra. Como toda acção, a intelecção vai de Deus a Deus através de nós, Deus é a causa primeira e o fim último da intelecção: na passagem, o nosso *eu*, com suas loucas pretensões, pode apartá-la dessa direcção. Abramos antes os olhos com humildade para que o nosso Espírito inspirador veja.
Afinal, o intelecto é potência passiva; a nossa força intelectual é proporcional à nossa receptividade. Não quero dizer que não haja motivo para reagir; mas a reacção vital não deve mudar o teor das aquisições, visto que só as faz nossas. Uma grande cultural que tome posse dum espírito, cria nele novos estímulos e aumenta-lhe a capacidade; mas, sem humildade, esta atracção, exercida de fora, converte-se em manancial de mentiras. Pelo contrário, a um espírito culto e humildade as luzes acodem de todas as partes e apegam-se a ele como a aurora se apega aos cumes das montanhas.

O pensador, além da humildade precisa de certa passividade de atitude que corresponde à natureza do espírito e da inspiração. Conhecemos mal a constituição do espírito, mas sabemos que a passividade é a sua lei primeira. Conhecemos ainda menos o caminho da inspiração, mas podemos verificar que ela utiliza em nós a inconsciência mais do que as iniciativas. Avançamos através de dificuldades como cavaleiro nas trevas: mais vale fiar-nos do cavalo do que puxar indiscretamente pela rédea.

Uma actividade demasiado voluntária torna a inteligência menos segura e menos receptiva, faz que nunca saiamos de nós mesmos, quando compreender é tornar-se outro e sofrer uma feliz invasão. Procurai pensar no objecto da ciência, não em vós; como, quando falamos, falamos para fora e não para dentro de nós. Sabem-no por experiência os cantores e os que, algum dia, sentiram a inspiração. É preciso olhar para as coisas através do espírito, e não no espírito, que mais ou menos as esquece. No espírito, há *aquilo por que* se vê, não o que se vê. Pois bem, que meio nos não distraia do termo.

<<O essencial é estar em êxtase, escreve o pintor Luís Dussour, ao mesmo tempo que se procura compreender a maneira como tudo se encadeia e se constrói>>. Umas vezes falta o êxtase, outras a construção.

Aqui falamos do primeiro.

Em que consiste o trabalho profundo? Em deixar-se penetrar pela verdade, mergulhar, afogar-se nela muito suavemente, deixar de pensar que se pensa, ou que se vive, ou que existe no mundo alguma coisa além da verdade.

Para S. Tomás, o êxtase provém do amor; transporta-vos para fora de vós, na direcção do objecto dos vossos sonhos: amar a verdade com tanto ardor que nela vos concentreis e vos transporteis assim para o universal, para o que é, para o seio das verdades permanentes, eis a atitude da contemplação e da produção fecunda. Estais então muito metido convosco, mas de olhos atentos sobre a presa, como a ave de rapina, e, embora vivais vida interior muito intensa, experimentais o desejo de sair para longe, algo como a impressão de circular entre os astros. Sentis-vos a um tempo desdobrados e agrilhoados, livres e escravos; só sois verdadeiramente o que sois, quando vos dais a uma realidade que vos transcenda; perdendo-vos, exaltais-vos: é o nirvana da inteligência arroubada e cônscia do seu poder.

Se porventura recebeis a visita deste espírito, não o desanimeis nem expulseis por uma forma de trabalho puramente artificial e exterior. Se ele se ausentar, apressai a volta com preces humildes. Ganhareis mais em pouco tempo, deslumbrados pelo fulgor divino, do que ruminando, longas horas, os vossos pensamentos abstractos. <<*Senhor, um dia passado nos teus átrios vale mais do que mil*>> (Ps. 83, II). Retardai, quanto puderdes a volta da actividade voluntária, o despertar da Esposa. Fazei que o vosso espírito seja, não o sinete, mas a cera, para que a linha da verdade se mantenha pura. Ponde-vos nas mãos de Deus e obedecei-lhe; imitai o poeta inspirado, o orador erguido por uma vaga interior e que não sente o peso do pensamento.

Todavia, obrigados a receber dos homens por meio da leitura, dos livros e do trato com eles, adoptai a regra de ouro que S. Tomás insere nos Dezasseis Preceitos: <<*Não repares donde vêm os ensinamentos, mas confiai à memória tudo o que se disser de bom*>>.

A história das ciências está repleta das resistências de talento a talento, de génio a génio, de conventículo a conventículo, de capelinha a capelinha. Laennec opõe-se a Broussais, Pouchet a Pasteur; Lister tem contra si a Inglaterra, Harvey toda a humanidade de mais de quarenta anos. Dir-se-ia que a verdade é demasiado luxuriante e que se torna urgente impedi-la de pulular. No entanto, se as leis do mundo estão sujeitas à matéria, por que motivo terá o espírito tanta dificuldade em vergar o espírito?

Lemos na *Primeira Epístola aos Coríntios* (cap. 14) que, se ao menor dos fiéis em oração for revelada alguma coisa, devem os outros calar-se e escutar. A propósito do quê, de acordo com outro conselho de S. Paulo: <<*Em toda a humildade, tende os outros por superiores*>> (Fil., 2, 3), observa S. Tomás: <<Ninguém, por mais sábio que se julgue, rejeita a doutrina de outrem, por pequeno que seja>>[1]. Num determinado momento, o superior é o que se encontra mais perto da verdade e por ela se deixa iluminar.

No pensamento, o que importa não é a proveniência, são as dimensões; o que no próprio génio interessa, não é Ariosto, nem Leibniz, nem Bossuet, nem Pascal, é a verdade. Quanto mais preciosa for uma ideia, tanto menos importa saber donde vem. Erguei-vos à indiferença

---

(1) In Euan. Ioan.,c. 9, lect. 3.

das fontes. Só a verdade tem direito, e tem-no onde quer que se mostre. Não nos enfeudemos a ninguém, mas também não desprezemos ninguém, e se não é oportuno *acreditar* em todos, também o não é negar crédito a quem quer que seja, desde que apresente os seus títulos.
Nisso reside o segredo da liberdade, e a recompense que daí se aufere é tão ampla que a avareza se apossaria dela, se não se julgasse melhor inspirada aferrolhando os seus cofres. De boamente imaginamos saber tudo, ser capazes de tudo, e só por distracção atendemos a vozes estranhas. Só a raros privilegiados, homens ou livros, dispensamos atenção e só eles nos servem de inspiradores. Ora, na realidade, a inspiração está em toda a parte; o Espírito sopra nos vales como nos cumes. Na mais pobre inteligência existe um reflexo da Sabedoria infinita, e a humildade sincera lá o encontra.
Porque não nos sentiremos na presença de Deus, sempre que um homem ensina? Não é ele a imagem de Deus? Imagem por vezes deformada, mas frequentemente imagem autêntica; embora deformada, nunca a deformação é total. Perguntar por que preço se opera a restauração e em que medida permanece a rectidão, seria trabalho mais fecundo do que encolher os ombros e oferecer tenaz resistência. É inútil opor-se; mais vale reflectir. Onde quer que o Deus de verdade deixou vestígios de si, apressemo-nos a recolher, a venerar religiosamente e a utilizar com diligência. Por onde passou o eterno semeador colhamos a messe.

IV – Alargamentos.

Enfim, para enobrecer o espírito do trabalho, juntemos ao ardor, à concentração, à submissão um esforço de alargamento que comunica, a cada estudo ou a cada produção, valor de algum modo total.
Um problema nunca pode encerrar-se em si mesmo; trasborda sempre, em razão da sua natureza, porque a inteligibilidade por ele invocada provém de mananciais que o transcendem. Vem aqui a propósito o que dissemos da ciência comparada. Cada objecto de estudo pertence a um todo onde produz e recebe acção, sofre e põe condições; não pode ser estudado à parte. A especialidade ou análise pode ser um método, não deve ser um espírito. Deixar-se-á o trabalhador iludir pelo seu próprio estratagema? Isolo uma peça dum mecanismo, a fim de a considerar mais detidamente; mas enquanto a tenho nas mãos e examino, o pensamento deve repô-la no seu lugar, vê-la accionar no todo, sem o quê a verdade ficará alterada.
A verdade é una; tudo depende da Verdade suprema; entre um objecto particular e Deus interpõem-se as leis do mundo, cuja amplidão vai crescendo desde a norma aplicada a esse objecto até ao Axioma eterno. Mas o espírito do homem também é uno e não pode satisfazer-se com a mentira das especialidades consideradas como divisão da verdade e da beleza em fracções esparsas. Por mais restrita que seja a pesquisa, e exíguo o caso que vos retém, estão realmente em jogo o homem e o universo. Sujeito e objecto visam, ambos, o universal. Estudar uma coisa é evocar gradualmente o sentimento de todas as outras e da sua solidariedade, é imiscuir-se no concerto dos seres, é unir-se ao universo e a si próprio.
Falámos, há pouco, de concentração, não com o intuito de circunscrever o estudo, visto que concentrar e alargar constituem um só movimento, como a sístole e a diástole. Chamo concentração a convergência da atenção para um ponto; chamo alargamento o sentimento de ser este ponto o centro dum vasto conjunto, até mesmo o centro de tudo, porque na esfera imensa o <<centro está em toda a parte e a circunferência em nenhuma>>.
O nosso espírito revela dupla tendência: unificar as minudências para obter uma síntese compreensiva; perder na minudência o sentimento da unidade. É mister equilibrar estas duas tendências. A primeira corresponde ao fim da ciência; a segunda, à nossa fraqueza. Isolemos, para melhor penetrar; depois, usamos, para melhor compreender.
Portanto, quando trabalhais, não situeis muito em baixo o ponto de mira. Pensai do alto. Guardai a alma dum vidente, quando esquadrinhais os rebentos da verdade e não apouqueis as questões sublimes. Vivei em contacto com os grandes segredos, no estro dos grandes seres; captai a luz que se filtra aqui e ali, mas que, mais além, em continuidade com este ténue filete, inunda os universos e volta à Fonte pura.
Corot, quando pinta uma árvore, não esquece o Horizonte; Velasquez situa os seus Meninos

em pleno Escurial, em plena vida, diríamos com mais verdade em pleno Ser, porque o sofrimento do mistério do Ser é que faz deste prodigioso talento um génio que assombra a alma e encanta os olhos. Segundo uma regra de pintura, deve-se pensar sobretudo no quadro que se não pinta, atender ao *carácter*, ao valor geral do assunto, ao que se projecta para além da tela.

O artista, a propósito do mais insignificante pormenor, deve pôr-se em estado de devaneio universal; o escritor, o orador, em estado de pensamento e de emoção universais. Pondo o dedo sobre um ponto do mapa-múndi, é preciso sentir toda a sua extensão e esfericidade. Falamos sempre do todo.

Fugi dos espíritos que não saem da escolaridade e são escravos do trabalho em vez de o propulsarem em plena luz. Deixar-se amarrar por estreitas fórmulas e petrificar o espirito em moldes livrescos é sinal de inferioridade, e esta opõe-se à vocação intelectual. Idiotas ou eternas crianças: eis o nome que merecem esses pretensos trabalhadores que, em qualquer região elevada, diante dum largo Horizonte, se encontram fora do seu ambiente e de bom grado reduziriam os outros à categoria de alunos de instrução primaria.

O génio consiste em ver no trabalho o que lá não está, e nos livros o que eles não são capazes de dizer. O genuíno tesouro dum texto oculta-se nas entrelinhas; estas sugerem, fazem pensar que nada é estranho aos mais profundos pensamentos do homem. Portanto, em vez de os diminuir e esvaziar, dai aos assuntos restritos o que constitui a sua sólida substância, a saber o que lhes não pertence, mas é comum a eles e a outros, e a eles e a todos, como a luz é comum às cores e à sua distribuição nos seres.

O ideal seria abrir no espírito uma via comum de pensamentos que se penetrassem e constituíssem, por assim dizer, um só pensamento. É o que sucede com Deus; poderemos acaso encontrar melhor modelo para guiar de longe a nossa pobre ciência?

O espírito de contemplação e de oração, que exigimos, aproxima muito naturalmente deste estado; produz por si este fruto. Adoptando o ponto de vista divino, graças ao qual cada coisa alcança a sua suprema junção e todas a sua coesão, devemos sentir-nos no centro de tudo, convidados por inesgotáveis riquezas e possibilidades.

Reflectindo seriamente, veremos que o deslumbramento, que se apossa de nós em face de uma verdade nova, depende deste senso das perspectives indefinidas e dos lagos universais. Este só passo no sentido da verdade é esteira de luz. Vê-se o mundo sob novo prisma; sente-se palpitar o todo ao contacto do fragmento encontrado. Mais tarde, esta ideia trazida aquém dos confins em que representava o papel de precursor, poderá parecer mesquinha àquele a quem deslumbrava; evocando-se unicamente a si própria, perde vida, ilude o sentimento do infinito, alma de toda investigação.

Os grandes homens sofrem esta secura dos pensamentos. Possuem visão larga, mas os seus resultados afiguram-se-lhes pequenos. Por isso é preciso lê-los, com espírito não literal, nem livresco, mas com espírito amplo. A letra mata: oxalá a leitura e o estudo sejam espírito e vida.

V – O senso do mistério.

O senso do mistério deve permanecer, mesmo depois do nosso esforço máximo e depois que a verdade parece sorrir-nos. Quem julga compreender tudo, prova que nada compreende. Os que se contentam com respostas provisórias a problemas que na realidade se põem, falseiam sempre a resposta não sabendo que ela é parcial. Toda a questão é enigma que a natureza propõe e, através da natureza, Deus: ora o que Deus propõe, só Deus o pode resolver. As portas do infinito mantêm-se sempre abertas. O que há de mais precioso em cada coisa é o que se não exprime. Interpelado por alguém nestes termos: <<vou pôr-vos uma questão interessante>>, Biot respondeu: <<é inútil; se a questão é interessante, não lhe poderei dar respostas>>. <<Ignoramos tudo>>, afirma Pascal, e <<para compreender a fundo uma só coisa, ajunta Cláudio Bernard, <<seria preciso compreendê-las todas>>. Pode afirmar-se da verdade plena o que de Deus dizia S. Agostinho: <<se compreendes, podes estar certo que não é isso>>. Mas o espírito limitado crê possuir o cosmos e a sua fortuna; com um balde de água na mão, clama: ora vede, captei o mar e os astros.

S. Tomás, já no fim da vida, dominado pelo sentimento do mistério que tudo envolve, respondia a Frei Reginaldo que o inicitava a escrever: <<Reginaldo, não posso mais; tudo o que escrevo me parece palha>>. Não alimentemos a presunção de desejar que chegue depressa este elevado desespero, que é recompensa; é o segredo precursor do grande grito que faz vibrar a alma inundada de luz; mas um pouco desta comoção é o melhor correctivo para o orgulho balofo e para as pretensões desconcertantes. É também estímulo para o trabalho, porque as luzes longínquas atraem-nos, enquanto guardamos a esperança de lá chegar. Pelo contrário, julgando que tudo esta dito e que só nos falta aprender, trabalha-se num círculo reduzido e recai-se na imobilidade.

Um carácter nobre sabe que as nossas luzes são apenas degraus de sombra por onde ascendemos à claridade inacessível. Balbuciamos e o enigma do mundo é perfeito. Estudar é precisar algumas condições, classificar alguns factos: só estuda a valer quem põe este pouco debaixo dos auspícios do que ainda ignora. Isso não é colocá-lo na obscuridade, porque a luz, que se não vê, a que melhor sustém os reflexos da nossa noite astral.

O mistério é, em todas as coisas, a luz do que se conhece, como a unidade é a fonte do número e a imobilidade o segredo das corridas vertiginosas. Sentir sussurrar em si todo o ser e toda a duração, chamá-los a dar testemunho é, uma vez mais, a despeito do seu silêncio, cercar-se das melhores garantias para a aquisição da verdade. Tudo depende de tudo, e as relações dos seres mergulham nesta noite em que penetro as apalpadelas.

CAPITULO VII - A preparação do trabalho

A. – A LEITURA

I – Ler pouco.

Trabalhar significa aprender e significa produzir: em ambos os sentidos, o trabalho requer longa preparação, porque produzir é um resultado, e só aprende, em matéria árdua e complexa, quem primeiro atravessou o simples e o fácil: <<devemos correr para o mar por meio dos regatos, e não de repente>>, diz S.Tomás.
Ora, a leitura é o meio universal para aprender, e é a preparação próxima ou remota para toda a produção.
Nunca pensamos isoladamente: pensamos em sociedade, em colaboração imensa; trabalhamos com os trabalhadores do passado e do presente. Graças à leitura, pode comparar-se o mundo intelectual a uma sala de redacção ou repartição de negócios, onde cada qual encontra no vizinho a sugestão, o auxílio, a critica, a informação, o ânimo de que carece.
Portanto, saber ler e utilizar as leituras, é necessidade primordial que o homem de estudo não deve esquecer.
Primeira regra: lede pouco. Em 1921, no jornal *Le Temps*, Paulo Souday que, pelo visto, se queria vingar de mim nalguma coisa, agarrou-se a este preceito: <<lede pouco>>, e pretendeu descobrir nele laivos de ignorantismo. O leitor, se leu o jornal, sabe o valor daquela crítica e, sem dúvida, Paulo Souday também o sabia.
Eu não aconselho a restringir parvamente a leitura: tudo quanto fica dito protesta contra semelhante interpretação. Queremos formar um espírito largo, praticar a ciência comparada, manter o horizonte aberto diante de nós, o que não se consegue sem muita leitura. Mas muito e pouco só se opõem no mesmo terreno. Aqui, é preciso muito absolutamente, porque a obra é vasta; mas pouco em relação ao dilúvio de escritos de que a mais insignificante especialidade sobrecarrega hoje bibliotecas e as almas.
Proscrevemos, sim, a paixão de ler, a ânsia, a intoxicação por excesso de nutrição espiritual, a preguiça disfarçada que prefere ao esforço a frequentação fácil.
A <<paixão>> da leitura, de que tantos se prezam como de preciosa qualidade intelectual, é tara, é paixão em tudo semelhante às demais paixões que absorvem e perturbam a alma, retalhando-a de correntes confusas que lhe esgotam as energias.
Leia-se com inteligência, não com paixão. Vamos aos livros como a dona de casa vai à praça, depois de cumpridas as ocupações quotidianas de acordo com as leis da higiene e da boa administração. A dona de casa não vai à praça com o mesmo intuito com que vai à noite ao cinema. O mesmo sucede com a leitura: é questão, não de gozar e de se embriagar, mais de governar e administrar bem a casa.
A leitura desordenada não alimenta, entorpece o espírito, torna-o incapaz de reflexão e concentração e, por conseguinte, de produção; exterioriza-o no seu interior, se assim se pode dizer, e escraviza-o às imagens mentais, ao fluxo e refluxo das ideias que ele se limita a contemplar na atitude de simples espectador. É embriaguez que desafina a inteligência e permite seguir a passo os pensamentos alheios e deixar-se levar por palavras, por comentários, por capítulos, Por tomos.
A série de excitações assim provocadas arruina as energias, como a constante vibração estraga o aço. Não esperemos trabalho verdadeiro de quem cansou os olhos e as meninges a devorar livros; esse encontra-se, espiritualmente, em estado de cefalalgia, ao passo que o trabalhador, senhor de si, lê com calma e suavidade somente o que quer reter, só retém o que deve servir, organiza o cérebro e não o maltrata com indigestões absurdas.
Ide antes dar um passeio, ler no livro imenso da natureza, respirar o ar fresco, distrair-vos.

Depois da actividade tomada voluntariamente, organizai a distracção voluntária, em vez de vos entregardes a um automatismo que de intelectual só tem a matéria, mas que em si é tão banal como o escorregar por uma encosta ou o escalar uma montanha.
Fala-se da necessidade de estar <<ao corrente>>, e decerto um intelectual não pode ignorar o género humano, menos ainda desinteressar-se do que se escreve na esfera da sua especialidade; cuidado, porém, não vá a <<corrente>> arrastar todas as disponibilidades laboriosas e, em vez de vos levar para diante, imobilizar-vos. Para avançar, é preciso remar; nenhuma corrente, por si só, vos conduzirá aonde quereis chegar. Abri, por vós próprios, o caminho, e não enveredeis por todas as sendas que se vos oferecem.
A restrição deve afectar sobretudo as leituras menos substanciais e menos sérias. Não falemos do veneno dos romances. Um ou outro de quando em quando por distracção e para não perder de vista alguma glória literária; mas que seja pura concessão porque a maior parte dos romances abalam e não repousam, agitam e desorientam os pensamentos.
Quanto aos jornais, defendei-vos deles tanto mais energicamente quanto mais constantes e indiscretos são os seus ataques. Convém saber o que os jornais contêm; mas é tão reduzido o conteúdo! E seria tão fácil informar-se dele, sem necessidade de se instalar em intermináveis sessões da preguiça! Em todo o caso, há horas mais adaptadas para a corrida às notícias do que a hora do trabalho.
O trabalhador consciencioso deveria contentar-se com a crónica semanal ou bimensal duma Revista, e recorrer aos jornais só quando lhe apontem algum artigo notável ou acontecimento grave.
Em resumo: podendo recolher-vos, ponde de parte a leitura; lede unicamente, excepto nos momentos de distracção, o que respeita ao fim em vista, e lede pouco, para não devorar o silêncio.

II – Escolher.

Nestas observações está incluído o principio de selecção. <<Muito discernimento é preciso, escreve Nicole, para escolher o que há-de nutrir o espírito e servir de semente dos pensamentos. O que hoje lemos com indiferença despertará mais tarde e apresentar-nos-á, sem que nisso reparemos, pensamentos que serão causa de salvação ou de ruína. Deus sugere os bons pensamentos para nos salvar; o demónio acorda os maus pensamentos em nós latentes>>[1]. Portanto, é urgente seleccionar: seleccionar os livros e seleccionar nos livros.
Seleccionar os livros. Não acreditar no reclamo interesseiro nem no chamariz dos títulos. Ter conselheiros dedicados e sabedores. Dessedentar-se só nas fontes. Frequentar apenas o escol dos pensadores. O que nem sempre é possível em matéria de relações pessoais, é fácil, e convém aproveitar, em matéria de leituras. Admirar de alma e coração o que merece ser admirado, sem contudo prodigar a admiração. Desdenhar das obras mal feitas, que provavelmente são mal pensadas.
Ler só obras de primeira mão, onde brilham as ideias mestras. Ora estas são pouco numerosas. Os livros repetem-se, diluem-se, ou então contradizem-se, o que é outra maneira de se repetirem. Olhando de perto, verificamos serem raras as descobertas do pensamento; o fundo antigo, ou antes o fundo permanente é o melhor; é mister que nele nos apoiemos para comungar verdadeiramente com a inteligência do homem, longe das pequenas individualidades balbuciantes ou bulhentas. É uma comerciante de modas (M.elle Bertin) quem diz: <<só é novo aquilo que se esqueceu>>. A maior parte dos escritores são apenas editores; é já alguma coisa. Voltemos, porém, ao assunto.
Haveis de ler, sem prevenção, o que se escreve de bem; lereis os autores modernos, e tanto mais quanto precisardes de informações, de noções positivas em evolução ou em crescimento; quereis ser do vosso tempo; não deveis ser um <<tipo arcaico>>. Contudo, não tenhais a superstição da novidade; gostai dos livros eternos, que encerram as verdades eternas.
Em seguida, deveis seleccionar nos livros. Nem tudo é igual. Nem por isso haveis de assumir atitude de juiz; sede antes, para com o autor, um irmão, na verdade, amigo, e amigo inferior,

---

[1] Nicole, essais de morale contenus en divers traité, t.II, pág. 244, Paris, 1733.

visto que, pelo menos debaixo de certos aspectos, o tomais por guia. Sendo o livro um irmão mais velho, é mister honrá-lo, abri-lo sem orgulho, escutá-lo sem prevenção, suportar-lhe os defeitos, buscar o grão da palha. Mas sois homem livre; permaneceis responsável: reservai-vos o bastante para guardar a alma e, se necessário for, para a defender.

<<Os livros são obras dos homens, diz ainda Nicole, e a corrupção do homem imiscui-se na maior parte das suas acções, e como ela consiste na ignorância e na concupiscência, quase todos os livros se ressentem destes dois defeitos[1]>>. Daí a necessidade de filtrar para depurar, muitas vezes, durante a leitura. Para isso, confiar em Deus e no melhor de si, na parte de si que é filha de Deus e na qual um instinto de verdade, um amor do bem servirá de resguardo.

Além disso, lembrai-vos que até certo ponto um livro vale o que vós valeis, e o que o fizerdes valer. Leibniz utilizava tudo; S. Tomás extraiu dos hereges e dos paganizantes do seu tempo grande número de ideias, sem sofrer de nenhuma. O homem inteligente encontra em toda a parte inteligência, o louco projecta sobre todas as paredes a sombra da sua fronte estreita e inerte. Escolhei o melhor que puderdes; mas procurai que tudo seja bom, largo, aberto ao bem, prudente e progressivo.

III – Quatro espécies de leitura.

Concretizando um pouco mais, distingo quatro espécies de leitura. Lemos para nos formarmos e ser alguém; lemos com a mira nalgum fim particular; lemos para nos animarmos a trabalhar e praticar o bem; lemos por motivo de distracção. Há leituras de *fundo*, leituras de *ocasião*, leituras de *estímulo* ou de *edificação*, leituras de *repouso*.

Estes géneros de leitura devem utilizar as nossas observações; cada uma apresenta também exigências particulares. As leituras de fundo requerem docilidade, as leituras de ocasião requerem mestria, as leituras de estímulo requerem ardor, as leituras de repouso requerem liberdade.

Quem se forma e deve adquirir quase tudo, não está em período de iniciativas. Quer se trate da primeira formação, de cultura geral, quer se encete o estudo de nova disciplina, de problema até aí descurado, precisamos mais de crer nos autores consultados do que criticá-los e, em vez de os aproveitar, acomodando-os à nossa maneira de pensar, sigamos o caminho por eles primeiro trilhado. Querer agir demasiado cedo prejudica a aquisição; pede a prudência que comecemos por nos dobrar. <<É preciso acreditar no professor>>, diz S. Tomás, depois de Aristóteles. O próprio Santo dá exemplo dessa obediência, que só lhe foi proveitosa.

Não quero dizer que nos entreguemos às cegas. Um espírito nobre não consente que o encadeiem. Mas assim como não se aprende a arte de mandar se não obedecendo, assim o domínio do pensamento só se obtém pela disciplina. Uma atitude de respeito, de confiança, de fé provisória, enquanto se não possuem todas as normas do juízo, é necessidade evidente que só passa despercebida aos presumidos e vaidosos.

Ninguém é infalível; mas o aluno é-o muito menos do que o mestre, e se recusa submeter-se, por uma vez que terá razão, subtrai-se vinte vezes à verdade e serra vítima das aparências. Pelo contrário, o crédito e a relativa passividade, que ao mestre concedem alguma coisa do que é devido à verdade, aproveitam a esta última e permitem utilizar as insuficiências, e as ilusões do professor. Ninguém sabe o que falta a um homem senão calculando a sua riqueza.

Comecemos por escolher os guias em quem confiar. A escolha dum pai intelectual é negócio muito sério. Aconselhamos S. Tomás para as doutrinas superiores; contudo, não podemos circunscrever-nos a ele. Três ou quatro autores estudados a fundo para a cultura geral, três ou quatro para a especialidade e outros tantos para cada problema que surja, é quanto basta recorremos a outras fontes a título de *informação*, não a titulo de *formação*, e só com isso já será diferente a atitude de espírito.

Essa atitude será mesmo diversa sob certos respeitos, pois quem se informa e quer utilizar não se encontra já em estado de pura passividade, mas tem as suas ideias predilectas, o seu plano; a obra consultada servir-lhe-á apenas de esteio. Requere-se, é certo, uma dose de submissão à verdade mais do que ao escritor, mas também a este último se deve dar fé, fé

---

(1) Op.cit., pág. 246.

compatível com a liberdade de seguir ou de rejeitar as conclusões a que ele chega.
Estas questões de atitude revestem suma importância; porque, consultar, como quem estuda, é perder tempo, e estudar como quem consulta, é ficar sozinho consigo e perder o beneficio que um iniciador vos oferece.
Quem lê, com a mira num trabalho, tem o espírito dominado pelo que pretende realizar; não mergulha na onda, bebe nela; fica na margem, guarda a liberdade de movimentos, reforça as próprias ideias com o que de fora lhe advém, em vez de as afogar nas ideias de outrem, e sai da leitura enriquecido e não despojado, como sucederia, se a fascinação da leitura prejudicasse o intuito de utilização que a justificava.
Nas leituras de estímulo, a selecção, além das regras gerais apontadas, deve apelar para a experiência de cada qual. Aquilo que uma vez deu bom resultado d provável que o torne a dar segunda vez. Uma influência começa sempre por se reforçar, embora depois tenda a gastar-se com o tempo; o hábito aviva-a; uma penetração mais íntima aclimata-a em nós; a associação das ideias e dos sentimentos prende, a tal página, estados de alma que com ela despertam.
Ter assim, nos momentos de depressão intelectual ou espiritual, autores favoritos, páginas reconfortantes, tê-las à mão, prestes para inocularem no espírito a boa seiva, é recurso incomparável. Conheço pessoas a quem a peroração do Discurso fúnebre do Grand Condé reanimou anos seguidos, todas as vezes que se lhes secava a inspiração. Outros, no domínio espiritual não resistem ao *Mistério de Jesus* de Pascal, a uma Oração de S. Tomás, a um capítulo da *Imitação de Cristo*, a uma parábola do *Evangelho*. Observe-se cada qual, repare nos seus resultados, reúna em volta de si *os remédios para as doenças da alma*, e não hesite em repetir, até se fartar, o mesmo cordial ou o mesmo antídoto.
No que toca às leituras distractivas, parece não ter tanta importância a selecção; de facto, não a tem, relativamente. Contudo, não é indiferente distrair-se deste ou daquele modo, quando o fim em vista é voltar, nas melhores condições, ao que é a nossa razão de ser. Leituras há que não distraem suficientemente; outras distraem demasiado, com prejuízo do recolhimento que se lhes deve seguir; outras desviam-nos, no sentido etimológico, isto é, levam-nos para fora dos nossos caminhos.
Sei de alguém que se distraía de trabalhos árduos, lendo a *História da Filosofia Grega* de Zeller: era uma distracção, mas insuficiente. Alguns saboreiam histórias apimentadas ou fantásticas que os dissociam; outros entregam-se a tentações que os fazem desanimar e lhes prejudicam a alma. Tudo isto é mau. Se os livros são servos, como os objectos de uso necessário à vida, devem-no ser sobretudo aqueles que só têm a desempenhar papel acessório. Ninguém se sacrifica por um leque.
Muitos pensadores encontram alívio e atractivo nas histórias de viagens e explorações, na poesia, na crítica de arte, na comédia lida em casa, nos livros de memórias. Cada qual tem seus gostos e o gosto, aqui, é o principal. Segundo S. Tomás, uma só coisa repousa verdadeiramente: a alegria; seria contra-senso querer distrair-se no tédio.
Lede o que agrada, o que não entusiasma demasiado, o que não prejudica e, já que sois consagrado, mesmo quando vos distraís, tende a inteligência de ler, em igualdade de proveito e de repouso, o que for útil de outra maneira e ajudar a completar-vos, a ornar o espírito, a ser homem.

IV – O trato com o génio.

Quero agora falar expressamente da maneira de aproveitar o convívio com os grandes homens, pela importância que reveste para a conduta do espírito e da vida. O convívio com os génios é uma das graças de predilecção que Deus concede aos pensadores modestos; deveríamos preparar-nos para ela pela oração, como a Escritura recomenda, do mesmo modo que nos recolhermos e nos pomos em estado de recolhimento quando nos abeiramos duma grande personagem ou dum Santo.
Pensamos muito pouco no privilégio da solidariedade que multiplica a utilidade de viver, que alarga o mundo e nos torna a estada nele mais nobre e mais grata, que renova para cada um de nós a glória de ser homem, de ter o espírito aberto aos mesmos horizontes que os seres superiores, de viver alto e de fundar com os nossos semelhantes, com os nossos inspiradores,

uma sociedade em Deus. <<Após os génios vêm logo aqueles que lhe reconhecem o valor>>, dizia Teresa Brunswick, referindo-se a Beethoven.

Relembrar, de tempos a tempos, os que brilham com singular esplendor no firmamento da inteligência, é folhear títulos de nobreza, orgulho este que ostenta a beleza e a eficácia do orgulho de filho a respeito dum pai ilustre ou de nobre geração.

Se sois literato, não saboreais o benefício de ter atrás de vós Homero, Sófocles, Vergílio, Dante, Shakespeare, Corneille, Racine, La Fontaine, Pascal? Se sois filósofo, podereis acaso prescindir de Sócrates, Platão, Aristóteles, S. Tomás de Aquino, Descartes, Leibniz, Kant, Maine de Biran, Bergson? Se sois científico, sabeis porventura o que deveis a Arquimedes, a Euclides, também a Aristóteles, a Galileu, a Kepler, a Lavoisier, a Darwin, a Cládio Bernard, a Pasteur? Se sois religioso, pensastes já qual seria a pobreza das almas, se não tivessem S. Paulo, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura, o autor da *Imitação de Cristo*, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa, Bossuet, S. Francisco de Sales, Newman?

A *Comunicação dos Santos* é o suporte da vida mística; o Banquete dos Sábios, eternizado pelo nosso culto e assiduidade, é o reconforto da vida intelectual. Cultivar a faculdade da admiração e concluir daí a frequentação constante dos pensadores ilustres, é o meio, não de igualar o que se venera, mas de se igualar a si, e esse é, repito, o objectivo a encarar e a visar.

O contacto com os génios traz, como benefício imediato, a elevação; só pelo facto da sua superioridade, gratificam-nos, mesmo antes de nos ensinarem qualquer coisa. Dão-nos o tom; habituam-nos ao ar das montanhas. Movíamo-nos em região baixa: dum golpe, erguem-nos à sua atmosfera. Neste mundo de pensamento sublime, parece que se desvenda o rosto da verdade; fulgura a beleza; o facto de seguir e de compreender estes videntes leva-nos a pensar que somos da mesma raça que reside em nós a Alma universal, a Alma das almas, o Espírito, que só espera que nos adaptemos a Ele para desabrochar em discursos divinais, pois que, no manancial de toda a inspiração, sempre profética, há

Deus, o primeiro autor de tudo o que se escreve.

(V. Hugo).

O génio, quando fala, dá mostras de simplicidade encantadora; exprime o homem e o seu eco repercute-se em nós. Quando se cala, porque não havemos de continuar no mesmo tom e concluir o período em aberto? Infelizmente, logo que ele nos abandona, voltamos à importância primitiva e apenas balbuciamos; mas sabemos que existe a palavra verdadeira e só por isso os nossos balbucios comportam um novo tom.

Escutai certos prelúdios de Bach. Dizem pouco: um curto motivo que se repete, variações insistentes, de relevo tão pouco acentuado como o duma medalha de Roty. Mas que nível de inspiração! Somos transportados a um mundo desconhecido, onde de bom grado ficaríamos a vida inteira. Pelo menos podemos ascender lá em espírito, e já é benefício enorme a possibilidade de ascensão que nos aparta das futilidades, nos afina e ajuda a apreciar os fogos de artificio pueris de que tantas vezes constam as festas do espírito!

Quando em seguida o génio nos ministra temas, cede verdades, explora em nosso proveito as regiões misteriosas e, por vezes, como Tomás de Aquino ou Goethe, nos mostra, concentrados numa só pessoa, séculos de cultura: que benefício incalculável! <<O espírito humano, escreveu Rodin, só pode ir longe, se o pensamento do homem se ajuntar paciente e silenciosamente ao pensamento das gerações>>. Por conseguinte, o pensador, que resume em si gerações, permite-nos ir longe com a sua ajuda; dá-nos direito sobre os domínios por ele conquistados e desbravados, por ele semeados e cultivados. Na hora da messe, chama por nós.

É sempre estreita a sociedade das inteligências: a leitura alarga-a: volvemos um olhar de súplica para a página genial e somos atendidos; socorrem-nos; rasgam-nos caminhos; tranquilizam-nos; iniciam-nos; o trabalho de Deus nos espíritos de escol é levado em conta para bem nosso e deles; somos enriquecidos com as riquezas deles; o gigante conduz o anão e o antepassado oferece uma herança. Por que não aproveitar este incremento? De nós só depende: basta fidelidade e atenção.

O génio renova tudo. É seu privilégio por excelência o apresentar ao pensamento, iluminada por luz desconhecida, no centro dum sistema de relações que, por assim dizer, a torna a criar, a realidade lá patente, que nós não enxergávamos.

Por detrás de cada facto oculta-se o infinito do pensamento; mas nós esperamos que a perspectiva se desdobre; o génio avança, afasta o véu: e diz-nos: vem! A ciência consiste em ver dentro; o génio vê dentro; frequenta o íntimo dos seres e, graças a ele, fala-nos o mesmo ser e não os nossos ecos fracos e duvidosos.
O génio simplifica. A maior parte das grandes invenções resultam de concentrações súbitas e fulgurantes. As grandes máximas são múltiplas experiências condensadas. O traço sublime, na pintura, na música, na arquitectura, na poesia, é jacto que contém e unifica valores até aí disseminados e indecisos.
Um homem superior, porque reflecte a comum humanidade, reduz ao essencial as aquisições dessa humanidade, como Leonardo de Vinci sintetizava num momento as expressões variáveis do modelo. O génio é a linha egípcia aplicada a tudo, e o nosso fasto compõe-se da sua rica simplicidade.
O génio estimula e desperta a confiança. A emoção, por ele provocada, é o aguilhão das iniciativas ardentes, o revelador das vocações e o remédio das hesitações inquietas. Uma impressão de sublimidade assemelha-se, na alma, ao nascer do sol. A sabedoria comprovada nos seus heróis faz-nos também secretos convites, e é felicidade poder repetir: também eu a possuo!
Não é talvez muito exacto afirmar que os grandes homens reflectem apenas o seu século, mas é certo que reflectem a humanidade, e todos os membros desta humanidade têm nisso parte de glória. Os pensadores maldizentes, por mais que digam dos génios o que os judeus disseram de Cristo. <<pode lá vir coisa boa de Nazaré?>>, nunca terão razão em face do género humano. Sim, este pobre mundo pode produzir algo de bom, pois que produziu Platão. Um homem superior não seria coisa alguma, se, pelos recursos e pelo uso que deles faz, não fosse um filho do Homem. O tronco, donde ele procede, conserva todo o vigor e, portanto, os que recebem a mesma seiva podem esperar crescer e produzir, também eles, flores imortais.
Até os erros dos homens superiores são susceptíveis de contribuir para o benefício do convívio com eles. Precisamos de nos defender contra eles; a sua força por vezes transvia-se; quase todos manifestam sombras, como as máscaras apresentam saliências; ou o exagero de opiniões de qualquer outra espécie de arrebatamento os aparta do caminho da rectidão. No entanto, a despeito de possíveis aberrações, todos eles conseguem desvendar a um espírito avisado os eternos fundamentos da ciência e os segredos da vida.
Os seus erros não são erros vulgares: são excessos que todavia não excluem a profundeza e acuidade de visão; seguindo-os com cautela, estamos certos de ir longe e além disso podemos resguardar-nos dos seus passos em falso. *Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus*, afirma o Apóstolo; tudo igualmente pode ser de utilidade aos que se fixaram na verdade. Formando o espírito, ajustados e fechados os quadros de pensamento, não desesperemos de medrar em contacto com os erros geniais. Não nos expondo indiscretamente ao perigo, há nele uma graça, revela-se-nos uma esfera nova; mostra-se-nos uma face do mundo, talvez com demasiado exclusivismo, mas, em todo o caso, de modo potente; a animação, que se apossou do espírito, não mais o largará; os trabalhos de indagação exigidos pela própria resistência consolidam-nos; sairemos melhor formados, melhor guardados, por ter corrido estes sublimes perigos sem neles sucumbir.
Destas observações deduz S. Tomás o dever de gratidão para com quem assim nos tentou, se de qualquer sorte contribuíram para o nosso progresso, nalguma coisa. Directamente, só somos devedores de verdade; indirectamente, devemos, aos que erram, o acréscimo de formação que, por intermédio deles, a providência nos proporciona[1]
Ponderai o muito que a Igreja deve às heresias, e a filosofia aos seus grandes litígios. Sem Ario, Eutiques, Nestório, Pelágio, Lutero, não se teria constituído o dogma católico. Não houvesse Kant abalado os fundamentos do conhecimento humano, a criteriologia estava ainda na infância. Se Renan não houvesse escrito sobre as origens cristãs, não possuiria o clero católico a formação histórica e exegética que possui.
O que é verdade individualmente, é verdade colectivamente. Devemos aprender a bem pensar sobretudo no trato com os sábios; mas a própria loucura comporta um ensinamento; quem escapa ao seu contágio, extrai dela uma força. <<Quem tropeça sem cair, dá um passo avante>>.

---

(1) S. Tomás, In II Metaphys., lect.I.

V – Conciliar em vez de opor.

Para tirar proveito das leituras é indispensável começar por conciliar os seus autores e não os opor. O espírito critico tem suas aplicações; teremos que discutir opiniões e classificar homens; utilizemos então o método por contraste, sem o forçar. O caso é outro, quando se trata de formação, de utilização pessoal ou de exposição doutrinal. O que então interessa, não são os pensamentos, mas as verdades, não são os homens, mas a obra por eles realizada e o que dela fica. Por conseguinte, embalde nos eternizamos em vincar diferenças; a investigação profunda informa-se dos pontos de contacto.
Reparemos no exemplo admirável de S. Tomás. Empenhou-se ele em aproximar doutrinas, em as ilustrar e completar umas pelas outras. Segue Aristóteles, mas encosta-se a Platão; não é augustiniano, mas faz de Agostinho a sua alimentação constante; aponta Averróis como *depravador* do peripatetismo, mas algures apelida-o de sublime espírito (praeclarum ingenium) e cita-o a cada passo. Quando comenta, solicita, sendo preciso, o texto em proveito da sua verdade mais pura ou da sua maior riqueza, manifestando o que nele se deve ver, fechando caritativamente os olhos ao que nele posse haver de deplorável. Ninguém menos do que S. Tomás se assemelha aos revisores de provas, que só lêem para encontrar gralhas tipográficas.
Quem, no convívio dos autores, quiser adquirir, não aptidões de combate, mas verdade e penetração, deve dar mostras de espírito de acomodação e de diligente recolha, exactamente como a abelha. O mel faz-se com muitas flores. O processo de exclusão, de eliminação sumária e de escolha limitada prejudica enormemente a formação e denota, no espirito que o revela, tara de funesto agouro. <<O indivíduo, que não é criador, escreve Goethe, tem gosto negativo, estreito, exclusivo, e consegue tirar a vida e a energia ao seu criador>>. A inteligência assim constituída à inteligência apoucada; em vez de tudo encarar à luz do universal, cai na mania do corrilho e da mexeriquice.
Não há mexeriqueiros só na soleira das portas: há-os na história da filosofia, das ciências, até da teologia, e muitos os imitam. Ora bem! subi mais alto. Vós que buscais a verdade, dispostos a reconhecer em toda a parte o seu rosto, não lanceis um contra o outro os seus servos, embora pertençam ao número dos <<anjos incompletos>>, génios parciais que a verdade visitou sem neles assentar morada.
É uma espécie de profanação, sobretudo a respeito dos homens superiores, tomar atitudes de disputa. Lamentemos os seus erros, não os confundamos; lancemos pontes, não cavemos fossos entre as suas doutrinas. A descoberta das ligações, que prendem secretamente ideias e sistemas, ainda os mais diversos, irradia intensa luz. É trabalho muito mais fecundo aplicar-se à reconstituição da verdade integral através das deformações do que passar o tempo a criticá-las.
A quem souber utilizá-los, os homens superiores ensinam a comungar nas mesmas verdades. Não digo que todos as proclamem, mas todos nos põem na perspectiva delas e nos empurram nessa direcção. Parece que se combatem e que dividem a ciência e desunem o espírito humano: na realidade, são forças convergentes. As colunas do templo assentam as bases sobre as lajes, afastam-se, dispõem-se em galerias dispersas, mas ligam entre si os arcos e, por numerosas nervuras, acabam por sustentar uma só abóbada. Vós, que buscais, não o ruído, o choque dos partidos, a contenção ou a excitação factícia da inteligência, mas unicamente a verdade, reparai neste abrigo e acolhei-vos à sua sombra.

VI – Assimilar e viver.

Ainda uma derradeira e capital indicação sobre as leituras. Embora o leitor deva mostrar certa passividade que não tolha a acção da verdade em seu espírito, precisa, no entanto, de reagir sobre o que lê para o fazer seu. Lemos para pensar, enriquecemo-nos para utilizar,

alimentamo-nos para viver.
Condenámos o eterno ledor, que pouco a pouco chega a ler maquinalmente, a um automatismo que já não é trabalho. Mas nem só os que muito lêem correm perigo de cair neste defeito. Muitos lêem do mesmo modo que as senhoras fazem malha. O espírito desses ledores, tomado de insolência, assiste inerte ao desfile das ideias
Como um pastor deitado a ver correr a água.
(ALFREDO DE MUSSET).
No entretanto, o trabalho é vida, a vida é assimilação, a assimilação é reacção do organismo vivo perante o alimento. Não basta ceifar no tempo devido, nem atar as gavelas e cozer o pão; é mister elaborar a própria carne, que só para isso serve o trigo louro.
Quem não assimila o que aprende em frequentações dóceis, embora passe a vida a aprender, nunca chegara a instruir-se. A docilidade é virtude necessária, mas insuficiente. <<A obediência é a base do aperfeiçoamento>>, diz Augusto Comte, não é o aperfeiçoamento. O génio, que nos instrui, pode repetir, como o seu inspirador: <<*Vim para que tenham a vida e a tenham em maior abundância*>> (Io., Io, Io). O que noutrem era vida será em nós apenas lâmpada apagada?
Ninguém pode instruir-nos sem nós. A leitura propõe-nos verdade: temos de a fazer nossa. Não é a vendedeira da praça que alimenta o meu corpo. O que eu absorvo deve converter-se na minha substância: só eu posso conseguir isso. <<A doutrina, escreveu Boécio, não faz mais do que excitar no espírito do homem o desejo de saber>>[1]. Já anteriormente dissera S. Agostinho: <<O homem está para o ensino como o agricultor para a árvore>>[2].
S. Tomás, baixando mais ao ânimo da questão, observa que a palavra e a escrita nem sequer chegam ao espírito, pois se limitam a procurar, por meio de sons e de sinais, matéria para a alma. O som ressoa, a luz vibra os sentidos percebem e comunicam o sinal e, por movimento inverso, este sinal, que derivou da ideia, tem a missão de provocar uma ideia semelhante. Mas em todo este processo não se encontram; os sinais de um só indirectamente entram em contacto com o outro, e o que faz a ciência, não é o sistema de sinais proposto, mas o trabalho da razão sobre eles.
Afinal as doses de ciência, que se nos propinam, permanecem tão exteriores à inteligência como as coisas que se pretendem conhecer; têm só a vantagem de corresponder, enquanto sinais, a ideias já elaboradas e ordenadas. Facilita-se assim, mas não se supre, o pensamento. O ensino presta, quando muito, meios de agir espiritualmente, como a medicina oferece meios de curar os corpos; mas nem a medicina tem acção sobre o organismo inerte, nem o ensino consegue vencer o espirito negligente.
Na realidade, a natureza cura-se a si própria, e o espirito só é iluminado com a sua própria luz, a não ser que digamos: com a luz que Deus infundiu nele, conforme o salmista: *Senhor, a luz da tua fade está imprensa em nós* (Ps. 4, 7). Eis aí por que Deus é o único Mestre de quem procede toda a instrução. De homem a homem, o pensamento é estritamente incomunicável[1].
Esta penetrante análise tem consequências práticas. Se a ideia não entra em nós, mas deve nascer do nosso íntimo, esforcemo-nos para que a matéria intelectual supeditada pelo livro, para que estes sinais dum interlocutor mudo nos elevem ao pensamento expresso e até mesmo acima dele, porque a evocação dum pensamento, no espírito, deveria carrear outro pensamento.
Só entramos na intimidade dos génios, participando na inspiração deles; escutando-os de fora, arriscamo-nos a não os ouvir. Não é com os olhos nem com os ouvidos que se ouve uma palavra sublime, mas sim com a alma erguida ao nível do que lhe é revelado, com a inteligência iluminada pela mesma luz.
A fonte do saber não está nos livros, está na realidade e no pensamento. Os livros são postes indicadores; o caminho é mais antigo, e ninguém trilha, por nós, o caminho da verdade. O que acima de tudo nos interessa é o que é, e não o que o escritor diz; e o que o nosso espírito pretende não é repetir, mas *compreender*, ou seja tomar consigo, absorver vitalmente, e, enfim, pensar por si. Ouvida a palavra, é mister, depois do autor, e talvez graças a ele mas independentemente dele, obrigar a alma a repeti-la de si para consigo. É forçoso recriar para o

(1) Boécio, De Consolatione Philosophia, v, prosa 5.
(2) S. Agostinho, op. De Magistro
(1) S. Tomás, De Magistro, nas Quaestiones de Veritate, q.XI, art. I, com os argumentos e as respostas.

nosso uso toda a ciência.
O principal benefício da leitura, pelo menos da leitura das grandes obras, não é a aquisição de verdades esparsas, mas o acréscimo de sabedoria. Dizia Amiel, comparado o espírito francês e o espírito alemão: <<Os alemães amontoam a lenha da fogueira; os franceses deitam-lhe fogo>>. A afirmação é porventura um pouco absoluta; mas o fogo vale incontestavelmente mais do que a lenha.
O desabrochador da sabedoria era o fim primeiro da educação; é também o fim da educação que nos propomos dar a nós mesmos. Sem ela, o que em nós penetra nenhum valor teria, seria o calco dum livro, outro livro tão inútil como o primeiro, enquanto repousava na biblioteca. Quantos volumes e textos compactos existem dentro de nós e que não lemos!
É abuso imperdoável convizinhar com génios e não extrair deles senão fórmulas! E é tão fácil reconhecer isto mesmo, quando os queremos utilizar, escrevendo!
Saber utilizar é inventar. Mesmo quando se cita literalmente, se a citação se encaixa a jeito num discurso que não seja banal, que provenha da mesma fundição e reabsorva na sua unidade viva o que recebeu de fora, há nisso originalidade quase como a do mestre. A glória, que dá a outrem, reverte sobre nós. A citação é como a palavra que o dicionário sugere, e que no entanto vós criais, como a alma cria o corpo.
S. Tomás cita deste modo, Bossuet e Pascal também. Nós que só ansiamos realizar humildes tarefas, apliquemos as mesmas leis do espírito. A verdade é a antepassada de todos os homens; a sabedoria convida-os a todos; não deixemos aos maiores o monopólio das utilizações superiores. Em face dos génios somos apenas crianças, mas crianças que herdam. O que eles nos legam pertence-nos, visto pertencer à eternidade; foi da eternidade que eles receberam. Enquanto falam, contemplemos o que existia ante deles, o que está acima deles, o que Deus prepara para todos.
Assim se alcança a originalidade. Se um dia a nossa sabedoria crescer, esperamos criar obra no bom sentido da palavra. Querendo levar a efeito obra verdadeiramente pessoal, a leitura poderá servir de excitante ou de alimento para o nosso ser, que não para as nossas páginas. Eis um sentido novo do que eu dizia: encontrar nos livros o que eles não contêm, entradas para penetrar em novos domínios.
Assim como ninguém pode assimilar os conhecimentos comuns senão pelo próprio esforço, com muito maior razão a ninguém é dado produzir da sua lavra pensamento novo senão pelo próprio esforço. Quando leio, quereria encontrar no livro um ponto de partida sugestivo, mas quereria ao mesmo tempo deixá-lo, liberta-me com o sentimento duma dívida. Tenho o dever de ser eu próprio. Para quê repetir outrem?
Por pequeno que eu seja, sei que Deus não cria em vão nenhum espírito, como nem qualquer outra coisa da natureza. Libertando-me, obedeço ao meu Mestre.
Vivo, não sou um reflexo, e quero uma vida fecunda. O que não gera não é: oxalá a leitura me permita gerar pensamento, à semelhança, não do meu primeiro inspirador, mas de mim próprio!
Esta é, julgo eu, a última palavra a dizer sobre os livros. O livro é sinal, estimulante, ajuda, iniciador, não apenas substituto, nem prisão. O pensamento precisa de estar em nós. Lendo, não devemos ir para os mestres, devemos partir deles. Uma obra é berço, e não túmulo. Fisicamente nascemos jovens e morremos velhos; intelectualmente, em virtude da herança secular, <<nascemos velhos; tratemos de morrer jovens>>[1].
Nunca os autênticos génios quiseram amarrar-nos, mas sim libertar-nos. Quisessem eles escravizar-nos, assistia-nos a obrigação de nos defender, de nos precatar contra uma invasão tanto mais aniquiladora quanto menos fossem os recursos para a luta. O pensamento reflecte o homem, e os demais homens reconhecem-se nele, na medida em que procede da nossa intimidade e incomunicabilidade. O respeito humano afasta-se, a espontaneidade aproxima-se da humanidade. As repetições manifestas ou disfarçadas de pressa geram o tédio. <<Quando só se fala do que se leu, diz Schopenhauer, ninguém nos lê>>.
Enfim, trabalhemos entre a verdade e nós, entre Deus e nós. O nosso modelo está no pensamento criador. Os génios não passam de sombras. Ser sombra duma sombra é rebaixamento para aquele que, pequeno ou grande, é um facto espiritual incomparável, inédito e único, neste mundo.
O homem é múltiplo, e nós somos homens; Deus está em todos: honremos em nós o homem

---

[1] Pensamento familiar ao Padre de Tourville, que o aplicava à ciência social.

e respeitemos no homem a Deus.

B – A ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA

I – Que se deve reter?

De nada serviria adquirir pela leitura, e seria mesmo impossível reter, se a memória não arquivasse nem apresentasse, em tempo oportuno, os elementos úteis à obra e ao trabalho do espírito.
Génios houve dotados de memória prodigiosa; outros pelo contrário; os mais deles tinham-na medíocre e precisavam de recorrer a expedientes para suprir em deficiência. Não podemos classificar os mestres segundo este dom; todavia é certo que, em igualdade de circunstâncias, a memória ampla e tenaz é recurso precioso.
Não concluamos que se deve exercer a memória sem discernimento e sobrecarregá-la de noções, factos, imagens, textos a esmo. S. Tomás parece dizer o contrário nos Dezasseis Preceitos: <<Arquiva no escrínio do espírito tudo o que puderes, como quem quer encher um vaso>>. Mas para compreender o significado desta máxima,
precisamos de subentender alguma coisa. Arquive-mos, sim, o que pudermos, com a condição, porém, de que seja útil, como debaixo da mesma reserva lemos tudo o que podemos.
Prevenimos o intelectual contra o abuso das leituras; os inconvenientes ali apontados conservam aqui todo o valor, uma vez que decorar, para depois nos lembrarmos, é armazenar aquisições, das quais não nos é lícito separar as vantagens ou os inconvenientes.
Todos os mestres são unânimes em afirmar que sobrecarregar a memória prejudica o pensamento e a atenção. O espírito afoga-se na massa dos materiais; o que fica sem emprego atravanca-o e paraliza-o; o peso morto oprime o vivo, o alimento excessivo envenena. Quantos pretensos eruditos de espírito falso e inerte, quantas <<bibliotecas vivas>>, <<quantos dicionários ambulantes>>, que são disso a prova! Não vivemos da memória, servimo-nos da memória para viver. Arquivai o que possa ajudar a conceber ou a executar, o que possa assimilar-se à vossa alma, responder ao vosso fim, vivificar a vossa inspiração e suster a vossa obra. O resto, esquecei-o. Embora, ocasionalmente, sejam úteis muitas coisas, que o não parecem e que de facto o não são, ordinariamente, não há motivo para as reter todas ao acaso. Se for preciso, buscá-las-eis; o papel vo-las apresentar sem custo. Qual o viajante que, sob pretexto de ter de tomar um comboio, decora a Guia dos Caminhos de Ferro?
Dizia Pascal que não julgava ter-se esquecido duma coisa que *tivesse querido* reter; eis a memória útil, com a condição de só querer reter o que serve. Quando S. Agostinho define a felicidade <<não desejar senão o bem e ter tudo o que se deseja>>, define ao mesmo tempo a memória feliz. Confiai à vossa o que é bem, e rogai a Deus que vos outorgue, se lhe aprouver, a graça de Pascal, a de S. Tomás <<que de nada se esquecia>>, ou a de Mozart, que restituía por inteiro, depois duma só audição, uma missa solene. Mas, repito, semelhante graça não é necessária; podemos supri-la sem grave prejuízo.
Uma regra capital consiste em introduzir a memória na corrente da vida intelectual em levá-la a tomar parte na vocação, de sorte que se especialize como o espírito, na mesma medida e com a mesma concentração que ele.
Há coisas que todos devem saber, sobretudo os cristãos; há-as que um intelectual não pode ignorar; há outras que se referem à especialidade por laços mais ou menos apertados e que cada qual sentirá a necessidade de possuir conforme o espírito de amplidão ou de estreiteza que lhes aplicar; há-as, enfim, que constituem a própria especialidade, sem as quais ficaremos aquém da nossa missão e daremos aso a que nos qualifiquem de ignorantes e inertes.
Cada qual deve empenhar-se em manter bem vivido na memória e disponível para a primeira requisição o que constitui a base do trabalho, o que, por este motivo, os espíritos eminentes da sua profissão conhecem. Neste particular; quanto maior for a diligência e menor a demora, tanto melhor. O resto ir-se-á adquirindo consoante o exigir a tarefa empreendida, sem pressa

nem inquietação.
Num e noutro caso, a fixação partirá duma ideia preconcebida, do mesmo modo que a leitura, com a diferença que um trabalho particular é vocação de momento e a vocação um trabalho de dura, ao qual a memória tem de se adaptar.
Nicole sugere ao cristão que <<aprenda de cor alguns salmos e sentenças da Sagrada Escritura, a fim de santificar a memória>>[1]. É uma maneira de consagrar a nossa comum vocação celestial e de facilitar o esforço para o bem. Poucos são os que hoje compreendem tais conselhos. Há quem seja capaz de declamar trechos de Vergílio, de Racine, de Musset e que se veria em sérios apuros para recitar um salmo, ou rezar o *Angelus*, a *Salve Rainha*, o *Te Deum*, o *Maguinicat*. Há nisso evidentemente desordem. O que se grava no espírito por meio da memória opera nele mais intensamente; um católico deve desejar que esta acção se efectue no máximo grau, quando dela resulta estímulo para a sua fé. Ser-lhe-ia de grande proveito repetir, de si para consigo, de quando em quando no decurso do dia, algumas fórmulas cheias de seiva cristã.

II – Por que ordem reter?

Depois de regulada a quantidade do conteúdo, convém pensar na ordem. A memória não deve ser caos. A ciência é conhecimento pelas causas, ao passo que a experiência só vale pelas suas conexões, agrupamentos e hierarquias de valor. Armazenar em montão é inutilizar tudo e condenar-se a rememorar ao acaso. A memória intelectual deve revestir-se dos caracteres da intelectualidade; ora esta não se satisfaz com noções discordantes, sem afinidades precisas. Buscai sempre o que prende isto àquilo, o que condiciona isto e aquilo, de sorte que esta coordenação, e não um acervo de farrapos, se estabeleça na vossa memória. Cabeça bem feita é árvore genealógica, onde os ramos se prendem ao tronco e pelo tronco comunicam entre si: aí se revelam claramente os parentescos em todos os graus, exprimindo uma descendência em todas as suas relações e no seu conjunto.
É preciso referir tudo ao essencial, na memória como no pensamento. O primordial, o fundamental, o simples, donde sai o complexo por escalões e diferenças sucessivas, eis o que sustém a memória e a torna eficaz quando ela tem de intervir.
De nada serve adquirir miríades de noções, se as noções primeiras, em vez de se enriquecerem graças às dependências que a memória manifesta, esbarram nela como em obstáculo e agravam assim a sua ruinosa solidão. Cinquenta dados não valem mais do que um, se não exprimem a mesma profunda relação; esmigalhados, são infecundos e, como a figueira do Evangelho, ocupam a terra em vão.
Conservai, antes de tudo, -- como dissemos que as buscásseis antes de tudo – as ideias mestras; estejam elas presentes ao primeiro apelo, prestes a iluminar tudo o que se vos oferece, a manter no seu posto, a despeito de novas contribuições, as ideias antigas, a se desenvolverem por ocasião de cada progresso, como o cérebro se aproveita do que o estômago recebe, e o coração do exercício efectuado pelos membros.
Um pensamento novo actua retrospectivamente; um archote alumia também para trás. Materiais abandonados transfiguram-se, quando ordenados em relação a uma ideia. Então tudo se recria em nós e toma vida nova. Para isso, é mister que estejam abertos os caminhos da claridade, que os pensamentos estejam em ordem e comuniquem entre si.
Regulada a ordem interior, defender-nos-emos quase automaticamente contra o agravamento do trabalho e verificaremos que dois preceitos na aparência distintos são, por assim dizer, um só. O inútil que se anicha no caos, não encontra lugar numa organização. Ou servir ou abandonar o lugar! É ridículo o esforço de alguém ou de alguma coisa para invadir um dispositivo onde não é previsto, e não consegue completar nem socorrer. A hierarquia policia-se a si própria.
Assim aligeirado e bem regulado, o espírito poderá dedicar-se às suas obras com todas as forças; irá em linha recta ao alvo, sem se demorar nas bagatelas que talvez para outro

---
[1] Op.cit., pág. 261

possam constituir a principal ocupação.
Quando Pasteur se dirigiu ao sul da França pari atacar e vencer em pouco tempo o mal que ameaçava a sericicultura francesa, ignorava os hábitos do bicho da seda; consultou primeiro o grande entomólogo Henrique Fabre. Este começou por se espantar da leviandade aparente do <<parisiense>>; mas, pouco depois, reparando que Pasteur investigava a sério e examinava as próprias fontes da vida, ficou compreendendo, e mais, tarde elogiava aquela simplicidade genial.
Há, em cada matéria, certas ideias dominantes, que são chaves universais; há-as que também governam a vida, e é diante delas que se deve acender, dentro dos corações, a lâmpada do santuário.
A faculdade criadora depende, em grande parte, da sabedoria e da sobriedade da memória. O aferrar-se ao essencial mantém abertas para fora todas as perspectivas, e a lógica do adquirido tende a prolongar-se em novas contribuições. Os pensamentos servem de isca aos pensamentos; todas as águas vão dar ao mar; só se empresta aos ricos; *dar-se-á àquele que tem e ele abundará*, declara o Evangelho. Cada verdade é aurora de outra verdade; toda a possibilidade procura realizar-se, e quando a ordem interior se oferece à experiência, sucede o mesmo que a uma raiz que mergulha na terra: a substância trabalha, os filamentos desdobram-se e arrecadam os sucos; a vida cresce, porque a adaptação do ser vivo ao ambiente é a condição única de fecundidade, como, ao princípio, o é da sua substância.
O ambiente da ciência é o cosmos, o qual, por sua vez, é primeiramente organização, estrutura: para que o homem de estudo progrida, é mister e basta que estabeleça em si, graças à memória, uma estrutura correspondente que lhe permita adaptar-se e desse modo agir.

III – Como reter?

Falta dizer como se adquire uma memória assim qualificada, e a maneira de a utilizar. Não é segredo, embora isso dependa das mais profundas condições da vida mental.
São quatro as regras propostas por S. Tomás: 1ª ordenar o que se quer reter; 2ª aplicar a isso o espírito; 3ª meditar nisso com frequência; 4ª no acto de reminiscência, tomar pela extremidade a cadeia das dependências, que o resto seguir-se-lhe-á[1]. Acrescenta ainda, como acessório, o que diz Cícero, a saber, a vantagem de ligar a memória das coisas intelectuais à das coisas sensíveis, porque estas últimas constituem objecto próprio do intelecto e por si pertencem à memória, enquanto as outras só indirectamente[2].
Já focámos a importância da ordem sob outro aspecto; no que respeita à fixação das recordações, pode cada qual invocar a experiência pessoal. É muito difícil encaixar na mente uma sucessão de palavras, de números, de ideias ou de elementos desconexos; uma vez lá metidos, afogar-se-iam no seu isolamento e depressa se sumiriam. Pelo contrário, uma série faz corpo e defende-se. O que se apoia a sua razão de ser, o que mergulha no seu meio, corre menos o risco de dispersão. Só se conserva o que é, e um elemento, separado de elementos conexos, só é a meias.
Se quereis reter, atendei is ligações e às razões das coisas; analisai, procurai os porquês, observai a genealogia dos acontecimentos, as sucessões e dependências, imitai a ordem matemática, onde a necessidade, partindo do axioma, chega às mais longínquas conclusões. Compreender a fundo, aprender em seguida e introduzir no espírito, não anéis a esmo, mas uma corrente, é assegurar a coesão do todo. A união faz a força.
A aplicação do espírito, que a seguir se recomenda, tem por fim reforçar o misterioso buril que traça em nós a figura das palavras e das coisas. Quanto mais ardente for a atenção, mais o buril cava e melhor os sulcos resistirão ao fluxo permanente que tende a substituir as ideias como a morte substitui os seres. Quando ledes ou escutais com o intuito de aprender, concentrai-vos e estai presentes a vós próprios; repeti no intimo, como que em voz alta, o que se vos diz; martelai-o em sílabas, de sorte que possais repetir o que lestes ou ouvistes, pela ordem com que o fixastes. Tratando-se dum livro, não o fecheis sem que o possais resumir e

---

(1) De Memória et Reminiscentia, lect. 5.
(2) De Memória et Reminiscentia, lect. 2.

apreciar. Digo isto, porque o objecto, que provocou intervenção activa da nossa parte, foge mais dificilmente; fica, por assim dizer, agarrado à pessoa.
Depois disto, meditai, quanto puderdes e quanto ele o merecer, o objecto a preservar do esquecimento. A vida apaga os rastos da vida; por isso nos aconselham a burilar fortemente. Verificando que os rastos se desfazem apesar de tudo, o mesmo motivo nos convida a repassar o buril pelos cortes, a não poupar a água-forte, isto é, a revivificar constantemente os pensamentos úteis e a reanimar os factos que queremos conservar à mão.
A agitação do espírito opõe-se a este trabalho; por isso se exige o sossego da vida e a calma das paixões para o bom uso da memória como para as demais funções intelectuais.
Concorrem igualmente, para o acto rememorativo, a faculdade da admiração, a juventude de alma em face da natureza e da vida. Retém-se mais facilmente o que prendeu a atenção. É um motivo a mais para o intelectual cultivar o sentimento do novo, do sempre novo, ponto de partida dos arranques vigorosos para as fecundas criações ou para a investigação.
Enfim, tratando-se de encontrar a recordação e de repor em actividade as imagens antigas, aconselham-nos que nos apoiemos ima vez mais no facto das dependências mútuas entre os pensamentos e as impressões, que serviu de base à constituição da memória. Tudo se encadeia mais ou menos no cérebro, mesmo contra nossa vontade; se esta se decidir a criar laços ou pontos de contacto entre as noções confiadas à memória, retirará daí imenso lucro.
Portanto não busquemos ao acaso num todo que não se formou ao acaso; procedamos logicamente, utilizando a lógica das coisas, como ela se nos apresenta ou como a encaramos no ponto de partida, remontando ou voltando a descer as séries instituídas, invocando a contiguidade das ideias, das circunstancias, numa palavra, reconduzindo à força para o centro da consciência o que a atenção fixara e armazenara conforme as suas leis.
É o que S. Tomás chama puxar pela corrente, e a extremidade da corrente, que ele aconselha a puxar, é a que se mostra mais imediatamente em dependência do que buscamos. Exemplo: lembro-me de ter pensado num plano de estudo; este plano escapa-me; mas sei que me encontrava então em tal lugar, ou que falava com tal amigo, ou que isto se prendia com determinado conjunto de operações intelectuais, com determinado aspecto da minha vocação, ou ainda que o projecto se inspirara numa leitura anterior ou fora exigido por trabalhos anteriores. Para retomar a ideia desvanecida, despertarei a impressão do lugar, da sociedade amiga, do conjunto ideológico, da missão a desempenhar, do livro analisado ou do trabalho executado. Partindo dai, explorarei a vizinhança, e por diversas tentativas tratarei de encontrar o que sei estar ligado com este ou aquele dos seus elementos.
Em resumo, o que importa à memória, não é tanto o número das aquisições, quanto, primeiramente a sua qualidade, em seguida a sua ordem e finalmente a habilidade do seu emprego. Os materiais não faltam ao pensamento, é o pensamento que falta aos materiais. Aprender não é nada, sem a assimilação da inteligência, sem a penetração, sem o encadeamento, sem a progressiva unidade duma alma rica e regulada.
O interessante não é a oficina, é a arquitectura, é sobretudo o espirito do habitante. Tende a inspiração elevada, a atenção ardente, a emoção em face da verdade, o zelo da investigação, e nunca haveis de carecer de recordações.

C. – AS NOTAS

I – Como tomar notas.

Somos obrigados a repetir-nos muitas vezes. Se o fizemos, talvez exageradamente, a propósito das leituras, da memória e das notas, é que estas três coisas constituem, por assim dizer, uma só. Em tudo isto temos apenas um fim em vista: completar para poder realizar, a tempo, uma obra.
Leia-se relativamente pouco; retenha-se ainda menos. A natureza toma isso a seu cargo. As notas, espécie de memória exterior a nós, <<memória de papel>>, como dizia Montaigne, devem reduzir-se enormemente com relação às leituras; mas podem alargar-se mais do que a recordação, supri-la e, por conseguinte, aliviá-la e socorrê-la no trabalho em medida aliás difícil de assinalar.
Ai de nós, se tivéssemos de nos fiar na memória para guardar intacto e prestes a servir o que

encontramos ou descobrimos no decurso da vida de estudo. A memória é infiel; perde, enterra, quase que não obedece ao apelo. Opomo-nos a que a sobrecarreguem e a que se atravanque o espírito; preferimos a liberdade da alma a uma abastança indigesta. A solução é o caderno de notas ou o ficheiro.
Demais a mais, a memória classifica à sua maneira e nós tentamos ajudá-la nessa tarefa; mas as suas classificações são caprichosas e instáveis. Para encontrar no momento oportuno a lembrança desejada, seria preciso um domínio de si próprio que nenhum mortal possui. Uma vez mais, são os cadernos e os ficheiros que nos valem. Precisamos de organizar reservas, depositar as economias no banco onde elas não produzirão, é certo, nenhum juro, mas estarão ao menos em lugar seguro e à ordem. Nós seremos o caixa.
Neste particular, são muito diversas as práticas; há, todavia, regras gerais que convém relembrar, para nos inspirarmos nelas.
Podemos distinguir duas espécies de notas, correspondentes à preparação remota ou preparação próxima do trabalho. Ledes ou meditais para formação e alimento do espirito: apresentam-se ideias que se vos afiguram dignas de registo, factos, indicações diversas, capazes de tornarem a servir: anotai-os. Por outro lado, tendo de estudar um assunto determinado, de realizar uma produção, procurais documentar-vos, ledes o que se publicou sobre a matéria, recorreis a todas es fontes de informação de que podeis dispor e reflectis por vós próprios, sempre de caneta na não.
A primeira categoria de notas será um pouco fortuita; só os quadros da especialidade e o acerto na leitura reduzirão a dose do acaso. Como a vida é complexa e o espírito fugaz, e, Como sempre advogamos os alargamentos, muito de eventual se introduz nas notas dessa categorias. Pelo contrário, quando tomais notas com o intuito de produzir, como a produção apresenta carácter definido, também as notas se definem, seguem de perto o objecto visado e formam um todo mais ou menos orgânico.
Há, para estes dois grupos de notas, regras comuns e regras particulares.
Em ambos os casos, evite-se o excesso e a acumulação de materiais que só servem de afogar e se tornam inutilizáveis. Há pessoas que possuem cadernos tão recheados e tão numerosos, que uma espécie de desânimo antecipado os impede de os abrir. Esses pretensos tesouros custaram muito tempo e trabalho e não rendem nada. Obstrui-os uma multidão de não-valores; a utilidade, que oferecem, muitas vezes permaneceria com vantagem nos volumes donde foram extraídos, bastando uma breve referência para substituir páginas fastidiosas.
Tomai notas com reflexão e sobriedade. Para evitar as surpresas do primeiro momento, o efeito de preocupações passageiras e também os entusiasmos causados às vezes por uma palavra sugestiva, não ordeneis definitivamente senão depois de certo prazo. Com calma e a distância, apreciareis as colheitas e só encelareis o bom grão.
Num caso como noutro, tomais notas depois dum trabalho de espírito enérgico e de feição pessoal. Trata-se de nos completarmos, de nos mobilarmos, de nos armarmos com panóplia à nossa medida, conforme as necessidades da batalha que se deve travar. O facto de uma coisa ser boa e bela, precisa teoricamente, não é motivo para a escrever. Há muitas coisas belas nos livros: ireis acaso copiar toda a biblioteca nacional? Ninguém compra um casaco só por ser bonito, mas porque lhe serve; e um móvel, que se admirou numa loja de antiquário, é preferível que lá fique, se nem o seu estilo nem o seu tamanho se adaptam ao quarto para onde o quereis levar.
Evitai o capricho em tudo. Como a leitura é nutrição, e a lembrança uma posse que enriquecendo a pessoa faz corpo com ela, as notas são reserva alimentar e pessoal. Leituras, lembrança, notas, tudo isto deve completar-nos, portanto assemelhar-se a nós, ser da nossa espécie, da nossa missão, da nossa vocação, corresponder aos nossos fins e à forma dos gestos pelos quais podemos e queremos utilizá-los.
O livro de contas informa o comerciante acerca do teor de vida e dos fins que tem em vista: o registo de notas, o ficheiro, deve igualmente estar muito perto do intelectual do que ele deve e quer ser; é lá que está o seu *Haver*, pelo menos em parte, e esta conta há-de corresponder por um lado ao possuidor e por outro à despesa presumida. Reflicto-me nas minhas obras: devo reflectir-me nos meus meios, se é que soube adaptá-los uns aos outros e a mim próprio.
Melhor ainda, seria para desejar que, com excepção dos documentos propriamente ditos, factos, textos ou estatísticas, as notas, que se tomam fossem não somente adaptadas a vós, mas vossas, e isto não só quando emanam das vossas reflexões, mas também quando

procedem duma leitura. Também a leitura deve ser reflectida, e nós dizíamos que o que se toma de empréstimo se pode tornar nosso a ponto de não diferir duma criação.

Leio e, lendo, escrevo; mas escrevo o que penso em contacto com outrem, mais do que o pensar de outrem, e o meu ideal é que isso seja verdade, mesmo quando transcrevo textualmente, não esperando expressar melhor o pensamento comum. O escritor é o que concebe, e eu concebo igualmente o que assimilo em profundidade, o que me esforço por aprender, por compreender no sentido completo da palavra, o que faço meu: por conseguinte sou também, nessa altura o escritor das minhas concepções e ponho-as de parte como riqueza pessoal.

Nada mais de essencial há que dizer a respeito das notas que se tomam de longe. De perto, com a mira num trabalho, precisamos de reforçar a aplicação das nossas regras, e convém ajuntar o que segue.

Pedíamos que o modo de notação fosse pessoal isto é, em relação exacta com o escritor; precisa, além disso, de estar em relação rigorosa com a obra a realizar.

Tendes um assunto determinado: pensai nele fortemente; traçai, no espírito, um plano provisório de orientação das leituras e reflexões, e segundo ele tomareis esta e aquela nota que irão encher os ficheiros. Declarava Cláudio Bernard que uma observação cientifica é a resposta a uma questão que o espírito se propõe, e que na realidade só se encontra o que se procura. Do mesmo modo, a leitura inteligente é uma resposta possível à questão posta em nós pelo assunto a tratar; portanto é mister ler com um sentimento de expectativa, como se acompanha com o olhar, à saída duma estação, a vaga dos viajantes por onde se escoa um amigo.

Por conseguinte fazei que a leitura seja cada vez mais tendenciosa; que tome em consideração, não somente a pessoa e a vocação, mas a aplicação actual de uma e outra; que seja como o crivo que só retém o bom grão. Não vos distraias nem vos demoreis; tende só presente o vosso objectivo, sem atentar no do autor, acaso muito diferente. Atrevo-me a dizer, a despeito do que estas palavras comportem de desagradável e de contra-indicado em quase todos os casos: ponde uma venda nos olhos, para melhor vos concentrardes naquilo que, neste momento, reclama todo o vosso ser.

Ou estabeleceis um plano pormenorizado e só depois vos documentareis, ou começareis pela documentação, lendo e reflectindo em obediência a directivas tomadas, mas sem plano propriamente dito. Neste caso torneais o assunto, encarai-lo sob todos os aspectos, operais sondagens que não deixam ponto por explorar: acodem-vos ideias e anotai-las, como Pascal quando escreve antes dum fragmento: *Ordem*; pondes de parte os documentos a utilizar na íntegra; fixais as ideias para desenvolver, vincando apenas as suas características, se elas vos ocorrerem; mencionais os termos preciosos, as comparações felizes, que se apresentam; por vezes redigis uma passagem inteira, não com o intuito de a completar, mis porque brota dum jacto e porque a inspiração é como a graça que passa e não volta.

Depois que pensastes ter esgotado a matéria, esta preparado o trabalho; os materiais enchem o estaleiro, informes uns, outros talhados provisoriamente. Daqui a pouco falaremos da construção; mas desde já se vê que o plano vai sair dos materiais e não os materiais do plano.

Este último processo, que parece o menos lógico, e que o é, abstractamente considerado, tem a vantagem de vos entregar mais à inspiração, de vos manter alegre, pelo facto de encontrardes algo de positivo, sem que preciseis de efectuar pesquisas demasiadas, e por vos facilitar ir, voltar, diferir, esperar a inspiração e trabalhar em boa disposição, sem constrangimento mental.

Deste modo, pode-se acabar uma obra sem a começar; as notas determinam-lhe o valor, pois já se esboça nelas o plano em estado latente, um plano de gaveta, como dizem os arquitectos, isto é, onde se prevê a possibilidade de diversas combinações; a matéria, porém, já está circunscrita e, uma vez estabelecido o plano, estais seguros de que corresponde a uma concepção real, a ideias vossas, após as quais não correis, e de que não será portanto um esquema arbitrário, sistema de compartimentos que sois obrigados a encher, sem talvez terdes que lá meter de original, de espontâneo, de vivo.

As notas assim compreendidas, notas de estudo, notas de inspiração, representam um trabalho rendoso, cujos frutos recolhereis nos momentos que qualificamos de plenitude. As outras notas, sem escaparem à obrigação do esforço, terão por vezes o carácter de feliz achado, de acaso. As melhores serão as que o estudo aturado convida a ceifar e a enceleirar

como a riqueza duma vida.

II – Como classificar as notas.

Tomadas as notas e supondo que são de molde para servirem mais tarde, cumpre classificá-las. Na indústria, a ordem é dinheiro, e quanto dinheiro! Na ciência, é pensamento. É inútil tomar notas, se elas hão-de ficar enterradas como tesouro que nunca se utilizará. É bom guardar o rasto das leituras e das reflexões e copiar documentos, com a condição de poderdes folhear, quando vos aprouver, o autor preferido e também de vos poderdes folhear a vós.
Desconfiai da mania de coleccionar, que frequentemente se apossa dos que tomam notas. Querem encher cadernos ou ficheiros, dão-se pressa em preencher os vácuos, e empilham textos com o mesmo afã com que se recheiam álbuns de selos ou de postais ilustrados. É prática detestável; recai-se assim na puerilidade; corre-se o risco de vir a ser maníaco. A ordem é uma necessidade; mas é ela que tem de nos servir e não nós a ela. Obstinar-se em acumular, em completar, é distrair-se de produzir e mesmo de aprender; em vez de utilizar as notas, gasta-se o tempo em classificá-las; ora, tudo aqui se deve subordinar ao bem do trabalho.
Como classificar as notas? Os homens célebres adoptaram sistemas deferentes. De todos o melhor é o que se tiver experimentado e confrontado com as necessidades e hábitos intelectuais de cada qual e o que estiver consagrado por longa prática.
O sistema de registo, sobre o qual se escrevem ou colam em fila as notas, é muito defeituoso, por não permitir classificar, embora deixemos espaços em banco. Registos diferentes para cada assunto corrigem em pane esse inconveniente, mas não permitem uma classificação e demais a mais são de consulta incómoda.
Podemos ter pastas de cartolina, cada qual com seu titulo, onde se encerrem as notas relativas ao mesmo assunto. Uma colecção destas pastas, correspondendo a um título mais geral, poderá colocar-se num armário, e cada armário terá do lado de fora se não o título, ao menos um número de ordem correspondente a um índice de matérias que o trabalhador terá sempre à mão.
Mas o método mais prático para a maior parte dos trabalhadores parece ser o método das fichas ou verbetes. Adquiri fichas de papel bastante consistente, de formato uniforme regulado pela extensão média das vossas notas. Não há inconveniente em continuar numa segunda ficha a nota começada na primeira. As fichas serão cortadas muito exactamente, na guilhotina, trabalho este que um encadernador ou impressor executará em poucos minutos, e que, aliás, as papelarias vos poupam, vendendo fichas de todos os formatos, de todas as cores, e também as caixas e acessórios indispensáveis.
Com efeito, se quiserdes coleccionar muitas notas, precisais de caixas, dum móvel com gavetas de dimensão apropriada. Precisais também de fichas classificadoras, para numerar visivelmente as diversas categorias de notas.
Assentes estes preliminares, vejamos como haveis de proceder.
Quando tomais uma nota no decurso duma leitura, reflectindo num trabalho, na cama, etc., escrevei-a numa ficha, ou, se a não tendes à mão, num pedaço de papel, só de um lado, e cuidareis de a classificar logo em seguida, a não ser que adieis o trabalho de classificação.
Classificar supõe que se adoptou um modo de classificação de acordo com o género de trabalhos que se traz em mãos. Aqui só podemos der indicações gerais. Cada qual deve formar, sendo possível, um catálogo de matérias, com divisões e subdivisões, em conformidade com as notas que pretende tomar. Um sistema muito engenhoso, chamado *sistema decimal*, é aplicável a todo o género de investigações; quem desejar informações sobre ele, leia a interessante brochura do Dr. Chavigny, *A organização do trabalho intelectual*.
Se temeis a complicação que todos os sistemas mais ou menos oferecem, valei-vos da própria experiência, se é que ela vos tem dado resultados. Nisto, como aliás em tudo o mais, é preciso ser realista e não perder o tempo em estabelecer divisões a priori, que de nada serviriam.
Mas, se tiverdes um catálogo de matérias, não vos esqueçais de apor a cada divisão e subdivisão uma letra ou número de ordem, que facilite a matrícula das fichas. Uma vez ordenadas, sem custo as encontrareis na hora do trabalho.

III – Como utilizar as notas.

Eis-vos chegados ao momento de utilizar a documentação. Fizestes a colheita das notas com o intuito da obra actual; tendes, além disso, de reserva as notas antigas que a ela se referem mais ou menos directamente. Juntai tudo, referindo-vos, quanto possível, ao catálogo e às indicações que ele vos dá. Em seguida, duas vias se abrem diante de nós.
Se tendes um plano pormenorizado e se de acordo com ele constituístes ou recolhestes as notas, numerai os artigos sucessivos desse plano; por conseguinte, numerai a lápis e ao de leve, caso as notas hajam de tornar a servir, as fichas que lhe dizem respeito; reuni num pacote as que se referem ao mesmo número, apertai os pacotes com pinças, classificai-os, e nada mais tereis de fazer senão ir estendendo diante de vós, sucessivamente, o conteúdo de cada pacote para o trabalho da redacção.
Se, pelo contrário, preparastes a vossa obra sem plano determinado, mas por simples directivas, começai agora por estabelecer o plano, tirando-o da documentação. Para isso procedei do seguinte modo: Tendes as fichas em desordem; tomai-as uma a uma e inscrevei num linguado o conteúdo de cada uma com o menor número de palavras possível. Concluída a operação, tendes diante de vós as ideias de que dispondes. Percorrei-as, tendo em conta as suas relações e dependências: focai mentalmente as ideias mestras e agrupai à volta delas as restantes; para esse efeito, servi-vos duma numeração marginal das fichas, fácil de corrigir as vezes que se quiser.
Depois disso, recopiai o que escrevestes pela ordem obtida. Se no plano de concatenação das ideias ainda houver espaços em branco, tratai de os encher; sendo necessário, fareis pesquisas suplementares. Distingui com um número as fichas correspondentes ao mesmo assunto; classificai e empacotai, como há pouco dissemos, e a redacção está preparada.

CAPÍTULO VIII - O trabalho criador

I – Escrever.

Chegou o momento de realizar. Não podemos passar a vida só a aprender e a preparar. Além de que, aprender e preparar exigem uma dose de preparação: para encontrar um caminho é preciso enveredar por ele. A vida decorre em círculo. Órgão, que se exerce, cresce e fortifica-se; órgão fortificado exerce-se mais vigorosamente. É preciso escrever ao longo da vida intelectual.
Escrevemos primeiramente para nós, para ver claro nos nossos casos, para determinar melhor os pensamentos, para suster e avivar a atenção que depressa esmorece se não for instigada pela acção, para estimular as pesquisas necessárias para levar a cabo a produção, para reanimar o esforço que se cansaria não vendo os resultados, enfim para formar o estilo e adquirir um valor que completa todos os outros valores: a arte de escrever.
Escrevei e publicai, desde que juizes competentes vos julguem capazes disso e desde que vos sintais aptos para voar. O pássaro sabe muito bem quando há-de lançar-se no espaço; melhor do que ele o sabe a mãe; apoiado em vós e numa prudente maternidade espiritual, voai logo que puderdes. O contacto com o público obriga o escritor a constante trabalho de aperfeiçoamento; os louvores merecidos animam-no; as críticas fiscalizam-no; ser-lhe-á, por assim dizer, imposto o progresso, em vez da estagnação que pode resultar do perpétuo silêncio. A paternidade espiritual é sementeira de bens. Toda obra é manancial.
O P. Gratry insiste muito na eficácia da escrita. Quer que se medite sempre com a pena na mão e que a hora pura da madrugada seja consagrada a este contacto do espírito consigo próprio. Devem tomar-se em consideração as disposições pessoais; mas é certo que, para a maior parte, a pena, que corre, desempenha o papel do treinador nos jogos desportivos.
Falar, é ouvir a alma e, nela a verdade; falar solitária e silenciosamente por meio de escrita, é ouvir-se e sentir a verdade com a frescura de sensação dum homem matinal que ausculta a natureza logo ao despontar do dia.
Em todas as coisas, é preciso começar: <<o começo é mais que metade duma coisa>>, disse Aristóteles. Quem não produz, habitua-se à passividade; o medo de orgulho – porque o orgulho também gera o medo – ou a timidez aumentam mais e mais; recuamos, cansamo-nos de esperar, tornamo-nos improdutivos.
A arte de escrever, dissemos, exige a longa e precoce aplicação que paulatinamente se converte em hábito mental e constitui o que se chama o estilo. O meu <<estilo>>, a minha <<pena>>, é o instrumento espiritual de que me sirvo para me dizer e dizer a outrem o que ouso da verdade eterna; é qualidade do meu ser, vinco interior, disposição do cérebro animado, sou eu envolvido de certo modo. <<O estilo é o homem>>.
O estilo forma-se, escrevendo; o mutismo diminui a personalidade. Se quereis ser alguém, intelectualmente, precisais de saber pensar alto, pensar explicitamente, isto é, formar, dentro e fora de vós, o vosso verbo.
Chegou a ocasião de dizer em breves palavras o que deve ser o estilo para corresponder aos fins sugeridos aqui ao intelectual.
Seria prudente não escrever, para ousar dizer como se escreve. A humildade não oferece dificuldade, quando diante de Pascal, La Fontaine, Bossuet, Montaigne, se sofreu a influência dum estilo superior. Pelo menos ficamos conhecendo o ideal a que visamos e não alcançamos.
Podem-se explicar as qualidades do estilo em tantos artigos quantos se quiser; tudo, porém, creio eu, se resume em três palavras, verdade, individualidade, simplicidade, a não ser que se prefira sintetizar nesta única frase: escrever verdade.
O estilo é verdadeiro quando corresponde a uma necessidade do pensamento e quando se mantém em contacto íntimo com as coisas.
O discurso é acto de vida: não deve representar um corte na vida. É o que sucede quando caímos no artificial no convencional; Bergson diria no *tout fait*. Escrever por um lado, e por outro viver vida espontânea e sincera, é ofender o verbo e a harmoniosa unidade humana.

O <<discurso de circunstância>> é o tipo das coisas que se dizem porque é preciso dizê-las, das coisas que só se pensam literariamente, gastando com elas aquela eloquência de que a verdadeira eloquência zomba. Por isso o discurso de circunstância muito frequentemente não passa de discurso de ocasião. Pode acontecer que seja genial, e temos exemplos de sobra em Demóstenes e Bossuet; mas só o é, se a circunstância extrai do nosso íntimo o que de lá brotaria igualmente por si, o que se prende com as opiniões pessoais, com o objecto das meditações habituais.

A virtude da palavra, falada ou escrita, é a abnegação e a rectidão: abnegação que afasta a personalidade, quando se trata de intercâmbio entre a verdade que fala dentro e a alma que escuta: rectidão que expõe sinceramente o que foi revelado na inspiração e não lhe acrescenta palavras inúteis.

<<Olha para o teu coração e escreve>>, diz Sidney. Quem assim escreve, sem orgulho nem artifício, como para si só, fala, de facto, para a humanidade, se é que possui o talento de pronunciar uma palavra verídica, na qual a humanidade se possa reconhecer como sua inspiradora. A vida reconhece a vida. Se me contento com entregar ao próximo um pedaço de papel impresso, talvez o próximo lance um olhar de curiosidade, mas depressa se desfará dele; se, porém, sou árvore que oferece folhas e frutos suculentos, se me dou com plenitude, então convencerei e, como Péricles, deixarei o dardo cravado nas almas.

Para obedecer às leis do pensamento tenho de me mostrar perto das coisas ou, antes, no íntimo delas, porque pensar é conceber o que é, e escrever verdade, ou por outra escrever de acordo com o pensamento, é revelar o que é, e não enfiar frases. Por isso o segredo de escrever consiste em colocar-se ardentemente diante das coisas, até que elas vos falem e determinem os termos que as devem exprimir.

O discurso deve corresponder à verdade da vida. O ouvinte é homem; logo o discursador não deve ser sombra. O ouvinte mostra-nos uma alma que quer ser curada ou iluminada: não lhe propineis só palavras. Enquanto desenrolais períodos, olhai para fora e para dentro de vós e procurai sentir a correspondência entre a vossa personalidade e a de quem vos escuta.

A verdade do estilo afasta o molde. Chamo molde a uma verdade antiga, a uma fórmula que passou para o uso comum, a um lote de expressões outrora novas e que já o não são por terem perdido o contacto com a realidade donde nasceram, por flutuarem no ar, vãos ouropéis que tomam o lugar do autêntico ouro, o lugar de transcrição directa e imediata da ideia.

Como observa Paulo Valéry, o automatismo gasta as línguas. Para viver, acrescenta o mesmo autor, temos de utilizar sempre a sintaxe <<em plena consciência>>, aplicando-nos a articular com vigilância todos os elementos, evitando certos efeitos que espontaneamente se ingerem esperando a vez de se fazerem valer. Semelhante pretensão é o motivo por que devemos apartar esses parasitas, esses intrusos, esses maçadores.

O estilo superior consiste em descobrir os laços essenciais entre os elementos do pensamento, e na arte de os exprimir com exclusão de qualquer balbucio acessório. <<Escrever como o orvalho se deposita sobre a folha e as estalactites se suspendem do tecto das grutas, Como a carne deriva do sangue, como a fibra lenhosa se forma da seiva>>[1]: eis o ideal.

A pessoa orgulhosa e perturbadora estará ausente de semelhante discurso; mas a personalidade da expressão só ganhará em nitidez e relevo. O que sai de mim sem mim é necessariamente semelhante a mim. O meu estilo é o meu rosto. O rosto tira da espécie os seus caracteres gerais, mas ostenta individualidade empolgante e incomunicável; é único em toda a terra e em todos os séculos; daí vem, em parte, o interesse do retrato.

Ora o nosso espírito é decerto muito mais original do que o rosto; mas ocultamo-lo por detrás das generalidades adquiridas, das frases tradicionais, das alianças verbais que só representam velhos hábitos em vez de representarem amor. Mostrá-lo tal qual é, apoiando-nos nas aquisições que a todos pertencem, mas sem nos esquecermos de nós, suscitará interesse inesgotável, será a arte.

O estilo, que convém a um pensamento, é como o corpo que pertence à alma, como a planta que provém da semente: tem arquitectura peculiar. Imitar é alienar o pensamento; escrever sem carácter é declará-lo vago ou pueril.

Nunca se deve escrever <<à maneira de...>>, nem mesmo à maneira de si próprio. Para quê ter maneira? A verdade não a tem afirma-se sempre nova. O som da verdade tem de ser

---

(1) Emerson. Autobiographie, Edit. Régis Michaud, pag. 640, Paris, Colin.

pessoal a cada um dos instrumentos.
<<Os homens verdadeiramente superiores, escreve Júlio Lachelier, foram todos originais, embora o não tivessem pretendido nem se tivessem julgado tais; pelo contrário, procurando fazer das suas palavras e dos seus actos a expressão adequada da razão, encontraram eles a forma particular de a exprimir.>>
Todo o instrumento tem timbre. Se a maneira é afectação, a originalidade verdadeira é facto de verdade que, em vez de enfraquecer, reforça a impressão que o leitor, por seu turno, receberá. Não proscrevemos o sentimento pessoal que tudo renova e glorifica, mas sim a vontade própria contrária ao reino da verdade.
Daí brota a simplicidade. Os floreados constituem ofensa para o pensamento, a não ser que se empreguem como simples expediente para encobrir o vácuo da mentalidade do escritor. No real não há floreados; só há necessidades orgânicas. Não quer dizer que não haja na natureza nada de brilhante; mas nela o brilhante é também orgânico, sustentado por substruções que nunca falham.
Para a natureza, a flor é tão grave como o fruto, e a folhagem tão grave como o ramo; a árvore, que se firma na raiz, não faz mais do que manifestar o germe onde se esconde a ideia da espécie. Ora, o estilo, quando é de mão de mestre, imita as criações naturais.
Uma frase, um trecho escrito devem ser como ramo vivo, como os filamentos da raiz, como a árvore. Nada de mais, nada ao lado, tudo na curva pura que vai do germe ao germe, do germe desabrochado no escritor ao germe que deve desabrochar no leitor e propagar a verdade ou a bondade humana.
O estilo não é um fim; desvia-o e avilta-o o escritor que faz estilo só pelo estilo. Amesquinha a verdade quem só se apega à <<forma>>, quem só é rimador em vez de ser poeta, estilista em vez de escritor. Quem possuir o génio do estilo, deve levá-lo à perfeição, que é o direito de quanto existe. Todo escritor anseia ser mestre no estilo, como o ferreiro é mestre na forja. Ora, qual o ferreiro que se diverte em tornear volutas por prazer?
O estilo exclui a inutilidade; é economia no seio da riqueza; gasta o que é preciso, poupa aqui, prodiga ali para a glória da verdade. O seu papel não é brilhar, mas fazer aparecer: quando ele se apega, é que a sua glória reluz. <<O belo corta o supérfluo>>, dizia Miguel Angelo, e Delacroix releva neste artista <<os soberbos embutidos, as faces simples, os narizes sem minudências>>. Mas nessa simplicidade não deve passar despercebida a firmeza de contornos, como em Miguel Angelo, em Leonardo e, sobretudo, em Velasquez, ao contrário do que sucede v. g. em Van Dyck, o que é ainda uma lição.
Uma vez que determinastes um pensamento ou sentimento, expressai-o de sorte que todos vos compreendam, como convém a um homem que fala a outros homens e procura atingir neles o que directa ou indirectamente é órgão de verdade. <<Um estilo completo é o que alcança todas as almas e todas as faculdades das almas>>[1].
Não sejais escravos da moda. Dai água de nascente, não drogas de farmácia. Muitos escritores, hoje, criam sistemas: ora um sistema é algo do artificial e o artificial ofende a beleza.
Cultivai a arte da omissão, da eliminação; da simplificação: eis o segredo da força, que os mestres não se cansam de repetir, como S. João Evangelista não se fartava de incular: <<Amai-vos uns aos outros>>. A lei e os profetas, em matéria de estilo, é a inocente nudez que revela o esplendor das formas vivas: pensamento, realidade, criações e manifestações do Verbo.
Infelizmente, é rara a inocência do espírito; quando existe, alia-se por vezes à nulidade. Por isso, só duas espécies de espíritos parecem predispostos para a simplicidade: os de pequena envergadura e os génios; os restantes são obrigados a adquiri-la laboriosamente; incomoda-os a própria riqueza e não sabem reduzir-se.

II – Desapegar-se de si e do mundo.

O estilo, e dum modo mais geral o trabalho criador, requer desapego. Afaste-se a personalidade atravancadora e esqueça-se o mundo. Quem pensa na verdade, não pode

---
(1) Gatry, Les Sources.

deixar-se distrair por si próprio. Que esperar no homem que pára em si? Eu espero naquele que se atira, longe da personalidade efémera, para o imenso e o universal, que caminha, astrónomo, em companhia dos astros, poeta, filósofo, teólogo, em companhia da matéria animada ou inanimada, em companhia da humanidade individual e social, em companhia das almas, dos anjos e de Deus. Creio nesse, porque nele habita o espírito de verdade, e não preocupações mesquinhas.
Não basta trabalhar só no domínio do pensamento: é preciso que o homem todo trabalhe. Mas o homem, que se introduz no trabalho, não deve- ser o homem de paixão, o homem de vaidade, o homem de ambição ou de vã complacência.
Todos os homens se apaixonam em determinados momentos, mas a paixão nunca deve ser senhora absoluta. Todos estão expostos à vaidade, mas o mal está em o trabalho ser vaidade. Não se trata do que tiraremos da ciência, mas do que lhe poderemos dar. O essencial não é o acolhimento feito às nossas palavras, mas o acolhimento que fazemos à verdade e o que lhe preparamos nas almas dos outros. Em face deste fim sagrado, que pesam os pequenos cálculos egoístas? Muitos homens, que parece estarem apegados de alma e coração a uma obra, apegam-se sobretudo a minúsculos êxitos. A formação dos mundos, a ascensão das suas espécies, a história das sociedades, o regime do trabalho servem apenas para obter uma fita roxa ou vermelha; a poesia deles aspira ao <<caro Mestre>>, a pintura deles ao vai além da cimalha. Corneille interpretado por Talma transforma-se num <<não me viste?>>. Claro está que o espírito, assim virado do avesso, degenera. Semelhantes diligências só conseguem degradar o trabalho, e, por pouco que nos elevemos na escala das ambições e descuremos o êxito actual, reservando-nos o triunfo só pelo efeito do interesse, o resultado será sem igual.
A inspiração não se compagina com o desejo. Quem quer alguma coisa para seu proveito afasta a verdade: o Deus zeloso não será seu hóspede. É preciso trabalhar com espírito de eternidade, dizíamos; ora, nada menos eterno do que a pretensão ambiciosa. Consagrastes-vos inteiramente à verdade: servi-a, não vos sirvais dela.
Só se trabalha com plenitude em favor das causas pelas quais se aceita a morte. Estais preparados para morrer pela verdade? Tudo o que um autêntico amigo da verdade escreve, tudo o que ele pensa, deveria ser como o sinal que S. Pedro mártir, ao morrer, traçava com o sangue da sua ferida: *Credo*.
A personalidade egoísta decresce sempre, contamina tudo, reduz tudo, desorienta as forças. Quem segue sempre a direito, inspirando-se na verdade e deixando a Deus a responsabilidade das consequências, é pensador emérito. <<Para mim, viver, é Cristo>>, diz S. Paulo: eis aí uma vocação e uma certeza de acção vitoriosa. Só é verdadeiramente intelectual quem pode afirmar: Para mim, viver, é a verdade.
Uma forma de personalidade particularmente hostil ao trabalho é a hipocrisia que projecta a aparência de saber onde a sinceridade se confessaria ignorante. Censuramos o plumitivo de ocasião, o jornalista em apuros ou o deputado ignaro, por velarem a indigência mental sob a roupagem do palavriado; o escritor, que puser a mão na consciência, devera confessar que também neste ponto cede constantemente ao orgulho. Queremos ocultar o nosso segredo; disfarçamos a nossa insuficiência; sentindo-nos pequenos, damos ares de grandes; <<afirmamos>>, <<declaramos>>, <<estamos certos que... >>, quando afinal nada sabemos; iludimos o próximo e iludimo-nos a nós.
Outra tara consiste em buscar, no pensamento, a falsa originalidade que há pouco reprovávamos a propósito do estilo. Querer dobrar a verdade à própria personalidade é orgulho insuportável que termina no ridículo. A verdade é essencialmente impessoal. Quando se serve da nossa voz e do nosso espírito, para se manifestar, toma a cor deles sem que nisso pensemos, e tanto mais quanto menos nisso pensarmos. Mas apertar com a verdade para que se nos assemelhe é pôr no lugar dela, que é imortal, um violador efémero.
<<Não olheis donde vem a verdade, dizia S. Tomás: não olheis também a quem ela glorifica; nutri o desejo de que os leitores, diante da vossa obra, também não olhem donde lhes vem a verdade. Este sublime desinteresse é o distintivo do ser superior; tender para esse objectivo, fazer dele lei sempre aceite, embora nem sempre obedecida, é corrigir o que se não pode ocultar à nossa miséria. Só assim nos engrandecemos verdadeiramente. O humilde suporte recebe também o seu quinhão de glória, quando, no candelabro do espírito, resplandece a autêntica chama da verdade.

Dizia eu que se não deve esquecer o público. <<Um livro é tanto mais forte quanto tiver sido escrito mais longe do leitor>>, escreve o P. Gratry nas *Sources*, e aponta como exemplos os *Pensamentos* de Pascal, os trabalhos de Bossuet destinados ao Delfim, a *Suma* de S. Tomás; confirma-o a comparação dos sermões quaresmais (*Petit Carême*) e dos Discursos Sidonais de Massillon. Isto é muito exacto e está plenamente de acordo com o que disse Vauvenargues: <<Tudo o que se pensou só para os outros é ordinariamente pouco natural>>.
Logo, não nos importemos do próximo, nem curemos de ser úteis? Não. O intelectual pertence a todos e cumpre-lhe não o esquecer. Mas tomar a peito o ser útil não, é o mesmo que pedir uma ordem. Não precisamos de nos deixar influenciar pelo *que dirão*; precisamos, sim, de evitar andar de viés debaixo da pressão dum conformismo cobarde, que se diz amigo de todos, para que todos em troca lhe retribuam complacência.
Buscar a aprovação pública é tirar ao público uma força com que ela contava. Não lhe estais vós dedicados? Não lhe assiste o direito de vos perguntar: onde está a vossa obra? Ora, o pensamento não será a vossa obra, se o cuidado de agradar e de vos adaptar escraviza a vossa pena. O público pensará então por vós, quando vós é que devíeis pensar por ele.
Buscai a aprovação de Deus; meditai só a verdade para bem vosso e alheio; não sejais escravos, mas merecei exclamar com S. Paulo: *A palavra de Deus não está presa*.
Esta virtuosa independência é tanto mais necessária quanto a massa do público tem o que é preciso para vos abaixar. O público é primário. Pela maioria das suas vozes proclama convenções, não proclama verdades; quer ser lisonjeado; receia sobretudo que o contrariem. Se quereis que ele ouça as verdades essenciais, tendes de lhas impor à força. Podeis fazê-lo. É esta feliz violência que o pensador solitário deve tentar.
Para triunfar, apoie-se sobre si mesmo e a natureza das coisas, <<bata como um surdo>>, como M.me de Sévigné dizia de Bourdaloue e lance o Salve-se quem puder que termina por seduzir e conquistar as almas.
Só é poderosa e arrebatadora a convicção forte unida a um carácter que dê garantias aos fracos mortais. Aqueles mesmos, que exigem que os cortejemos, desprezam os cortejadores e entregam-se a quem os domina. Se sois deste mundo, o mundo amar-vos-á porque lhe pertenceis, mas o seu desdém silencioso medirá a vossa queda.
O mundo perverso só ama, na realidade, os santos; é um cobarde que sonha heróis. Numa, humanidade assim feita, não devemos ceder à opinião nem escrever como se ela lesse por cima dos nossos ombros. Precisamos de nos despojar dos outros como de nós. No domínio intelectual como nos demais domínios, quem ultrapassar o homem realizará prodígios, porque abre o caminho ao Espírito.
Diante da nossa secretária e na solidão em que Deus fala ao coração, escutemos como a criança escuta e escrevamos como a criança fala. A criança é simples e desembaraçada, porque ainda não tem vontade própria, nem desejos factícios, nem paixões. À sua confiança ingénua e ao seu discurso directo prende-se um forte interesse. O homem maduro e nutrido de experiência, que soubesse guardar este candor, seria um belo receptáculo de verdade, cuja voz ressoaria no íntimo das almas.

III –Constância, paciência e perseverança.

O trabalho criador exige ainda outras virtudes. Reúno aqui três das suas exigências que mutuamente se corroboram, para que uma obra não seja curta nem indigente. Precisamos de trabalhar com *constância*, com *paciência*, com *perseverança*. A constância mantém-se a pé firme, a paciência suporta as dificuldades, a perseverança evita o gasto da vontade.
<<Não se julgue fácil a vida de estudo, escreve Nicole... Porque nada contraria tanto a natureza como a uniformidade e o repouso, porque nenhuma outra coisa nos oferece maior ensejo de viver connosco. A mudança e as ocupações exteriores levam-nos para fora de nós e divertem-nos, fazendo-nos esquecer a nós próprios. Além disso, a linguagem das palavras é sempre um pouco morta, não excita vivamente o amor-próprio, nem desperta as paixões. É destituída de acção e de movimento... Fala-nos pouco de nós e dá-nos poucas vezes a ocasião de nos vermos com prazer. Lisonjeia pouco as nossas esperanças, e tudo isto contribui para mortificar enormemente o amor-próprio que, não estando satisfeito, derrama a preguiça e o

tédio sobre todas as acções[1].

Esta análise, que relembra a teoria do *Divertimento* de Pascal levar-nos-ia longe. Dela retenho apenas a necessidade de pensar em vencer <<a preguiça é o tédio>> que são dois inimigos temíveis.

Quem não conhece os intelectuais que trabalham às arremetidas, por fases entrecortadas de preguiça e de negligência? Há rasgões no estofo do seu destino, esse destino que eles transformam em rodilha cheia de remendos, quando deveria ser preciosa tapeçaria. Nós queremos ser intelectuais todo o tempo e queremos que isso conste. Damo-nos a conhecer pela maneira como repousamos e nos distraímos, pela maneira como atamos os sapatos: com muito maior razão se verá quem somos pela fidelidade ao trabalho ou seja pela pontualidade em retomar a nossa tarefa.

Pediram um dia a Edison que dissesse a uma criança alguma palavra que lhe ficasse gravada. O grande inventor, sorrindo, disse: <<Meu menino, nunca olhes para o relógio>>. Edison olhava tão pouco para ele que, no dia do casamento – um casamento de amor – foi necessário ir procurá-lo, tão embebido estava nas suas investigações.

É belo viver só para aquilo que se está fazendo, como Deus que nunca se separa da sua obra. E se a ocupação não vale a pessoa, não há porque nos aplicarmos a ela.

Muito amiúde somos tentados a perder tempo, porque <<não vale a pena pôr ombros à empresa>>, porque <<está quase a ser hora>>. Não reflectimos que estes bocados de duração, que de facto se adaptam mal a uma empresa, estão naturalmente indicados para preparar o trabalho ou para lhe der um retoque, para verificar referências, tirar notas, classificar documentos, etc. O tempo assim aproveitado é tempo que se forra para as verdadeiras sessões laboriosas, e os instantes assim empregados são tão úteis como os outros, porque estas pequeninas tarefas dizem-lhes respeito e são indispensáveis.

Durante as horas de trabalho intenso, assalta-nos a tentação de interromper o esforço, desde que o menor incidente traz a <<languidez>> e provoca o <<tédio>> de que fala Nicole. A preguiça é muito manhosa, exactamente como as crianças. Enquanto buscamos uma palavra que nos não acode, entretemo-nos a desenhar bonecos, e forçosamente o boneco terá de ser concluído. Quando abrimos o dicionário, atrai-nos uma curiosidade verbal, depois outra, e lá ficamos presos como numa sarça. Caem-nos os olhos sobre um objecto, vamos ordená-lo e um útil entusiasmo nos retém durante um quarto de hora. Alguém passa na rua; um amigo está na sala vizinha; o telefone tenta os nossos lábios... ou então é o jornal que chega, cravais nele o olhar e bem depressa vos distrais. Ideia puxa ideia, e pode suceder que o próprio trabalho vos afaste do trabalho, pelo facto de vos deixardes arrastar para as perspectives abertas diante do espírito por um devaneio acaso provocado por algum pensamento.

Nos momentos de inspiração, estas armadilhas não oferecem grande perigo, porque a alegria da descoberta ou da produção opera como freio; mas as horas ingratas não se fazem esperar e, enquanto dura, é poderosa a tentação. Todos os trabalhadores se queixam dos instantes de depressão que cortam as horas ardentes e ameaçam arruinar as economias. Quando o tédio se prolonga, apetece mais plantar couves do que prosseguir um estudo fatigante; tem-se inveja do trabalhador manual mas este por sua vez apoda-vos de <<poltrão>>, por estardes muito tranquilo numa poltrona.

É sobretudo nas voltas do caminho que devemos precatar-nos contra o imprevisto e a perfídia dos ataques. Todos os trabalhos têm transições custosas; os encaixes são a grande dificuldade dos estudos e das criações. Tudo está ligado. A uma arrancada em linha recta sucede uma curva de ângulo difícil de medir; perde-se a direcção; hesita-se e, nessa altura, surge o demónio da preguiça.

Às vezes é bom diferir, quando se não enxerga a sequência dos acontecimentos e se está exposto ao grave perigo das transições artificiais. Pode suceder que um pouco mais tarde tudo se ilumina sem esforço. Já mostrei o valor das horas da madrugada, da noite e dos momentos de repouso. Mas diferir não é preguiçar. Tomai o trabalho pela outra extremidade e aplicai-vos a ele com redobrada aplicação.

Recusai energicamente qualquer passagem injustificada. Se vos sentirdes muito cansados, interrompei voluntariamente o trabalho para depois o retornar com novo afinco. O enervamento seria contraproducente. Uns momentos de leitura dum autor favorito, uma recitação em voz alta, uma oração feita de joelhos para modificar o estado orgânico e para

[1] Nicole, Op. Cit., pág.255.

libertar o espírito, uns momentos de respiração ao ar livre, alguns movimentos rítmicos: eis os remédios possíveis. Após o quê, voltai à carga.
Há quem recorra aos excitantes: é método nefasto.
O efeito é apenas momentâneo; de dia para dia torna-se necessário aumentar a dose de excitante, até que aparecem as taras físicas e mentais.
Um excitante anódino é a marcha ao ar livre ou no gabinete de estudo. Muitos são os trabalhadores intelectuais que deste modo refazem o cérebro pelo exercício muscular. <<Os meus pés também escrevem>>, dizia Nietzsche.
Mas o excitante mais normal é a coragem. A coragem mantém-se não só pela oração, mas também pela visão renovada do fim em vista. O prisioneiro que quer fugir do cárcere, lança mão de todos os recursos, sem descoroçoar: não se cansa das preparações longínquas, de recomeçar após um fracasso: é que a liberdade chama por ele. E vós, não tendes de vos libertar do erro, de conquistar a liberdade do espírito numa obra feita? Reparai no trabalho concluído: é uma aparição que vos infundirá coragem.
A constância vence ainda as impressões de falso cansaço que se apoderam do espírito e do corpo. Quem faz alpinismo sente-se muito frequentemente esbaforido e pesado ao fim de algum tempo; o busto curva-se para diante; de bom grado arrepiaria caminho. Ora persisti: as articulações desenferrujam-se, os músculos treinam-se, a respiração dilata-se e começa-se a experimentar a alegria da acção. O mesmo acontece com o estudo. Longe de ceder à primeira impressão de fadiga, rompei para a frente, forçai a energia interior a sair. Pouco a pouco as rodas entram a funcionar, adaptamo-nos, e à inércia dolorosa pode suceder um período de entusiasmo.
Transponde as dificuldades sem desanimar e sem perder o domínio do vosso ser. A sessão de trabalho assemelha-se a terreno de corridas cortado de obstáculos. Salta-se uma sebe, um pouco mais longe aparece um fosso, depois um talude, e assim por diante. Chegados à primeira barreira, não nos detemos, saltamos, certos de que entre os obstáculos se estendem zonas planas por onde se corre sem embaraço. Uma dificuldade vencida ensina, a vencer outras dificuldades; um esforço poupará outros esforços: a coragem dum minuto vale tanto como um dia, e o trabalho duro tanto como o trabalho fecundo e alegre.
No conjunto da vida, este afinco concorre para facilitar mais e mais a actividade. Habituamo-nos a pensar como nos habituamos a tocar piano, a andar a cavalo e a pintar. O espírito toma o vinco daquilo que se lhe pede frequentemente. Ainda mesmo na hipótese de serdes destituído de memória, alcançá-la-eis para o objecto das vossas predilecções: se sois atreito à dispersão de espírito, caber-vos-á em herança a atenção do profissional; se fordes pouco apto para discriminar ideias, o contacto perseverante com os génios tomará o vosso juízo mais agudo e mais seguro. Em qualquer assunto, depois de ter arrancado um certo número de vezes, o vosso motor aquece e o carro devorará quilómetros.
Pergunta Amiel no seu Diário: <<Por que és fraco? – Porque cedeste dez mil vezes, convertendo-te em joguete das circunstâncias. Foste tu que as fizestes fortes, não elas que te fizeram fraco>>.
Aprendei a ser constantes pela aplicação e porfia em recomeçar: dia virá em que se dissiparão os langores persistentes, e em que os tédios momentâneos não surtirão efeito. Sereis então um homem. O trabalhador sem constância não passa de criança.
Mostra a experiência que quem se lança energicamente ao trabalho triunfa das dificuldades, como o corredor que se atira à corrida. Todavia sempre restará lote considerável de obstáculos para exercitar uma virtude vizinha: a paciência.
Os génios queixaram-se sempre das tribulações do pensamento, declarando que seus trabalhos, não obstante serem para eles uma necessidade e ocasião de felicidade, lhes infligiam longos tormentos, por vezes autênticas angústias.
O cérebro rege-se por leis obscuras, que pouco ou nada dependem da vontade. Quando se recusa a funcionar, que fazer? Quando os fios da ciência se emaranham uns aos outros e as horas passam em vão, quando um doloroso sentimento de impotência se apossa de vós, sem que nada anuncie para breve o termo da provação, que fazer e que socorro invocar além do socorro divino?
Os leitores acharão muito naturais os vossos êxitos, criticarão duramente os vossos desfalecimentos; não suspeitarão quanto trabalhastes. Nem é preciso. <<As obras realizadas

à custa de grande trabalho, dizia Miguel Angelo, devem dar a impressão de terem sido fáceis de conceber e executar... A grande regra consiste em esforçar-se muito para criar coisas que parece não terem custado nada>>. Por sua vez, Boileau gabava-se de ter aprendido, em Racine, a arte de compor dificilmente versos fáceis. Em matéria de ciência, dizia Biot: <<Nada é tão simples como o que se descobriu ontem, nem tão difícil como o que se há-de encontrar amanhã>>. São segredos que o público não suspeita. Carregareis a vossa carga sozinho, e os homens superiores avisam-vos que o pensamento é a mais pesada carga que o homem pode levar.

Deveis mostrar-vos tão indomável na investigação, como os exploradores do polo ou da África central. No ataque ao erro ou na resistência, precisais da paciência de César ou de Wellington. O trabalho é batalha: requer heroísmo. Muitas vezes, o quarto de estudo é trincheira onde cumpre estar a pé quedo como um mártir.

Quando vos sentirdes desarmados, vencidos; quando o caminho se estende diante de vós, interminável, ou quando, depois de ter encarreirado por falsa direcção, tendes a impressão de estar perdidos, afogados em espessas brumas, desorientados, nesse momento apelai para as energias de reserva. Persisti, aparai o golpe, tende paciência. Custa menos o ardor do que a paciência, mas ambos são precisos, e o êxito é a comum recompensa de ambos.

O alpinista, que atravessa uma nuvem, pensa que o universo está mergulhado em trevas: continua a subir até encontrar para além da nuvem a luz do sol. Quando, em tempo de borrasca, nos encontramos fechados num quarto, afigura-se-nos que se não pode andar fora de casa: saímos, damos uma volta com todo o sossego, e o bom tempo volta.

A arte de pensar é morosa a desproporcionada à nossa coragem habitual, porque é longa: ars longa, uita breuis. É vasto campo onde a virtude da paciência se pode exercitar à vontade. Ganhareis mais, respeitando as leis de nascença das coisas e não ofendendo a ciência com pressas indiscretas, do que com precipitação e arrebatamento. A verdade e a natureza seguem par e passo, e a natureza opera sobre durações, em comparação das quais a vida e a morte do globo são como o nascer e o pôr do sol.

<<No fundo das nascentes tudo se passa com lentidão, escreve Nietzsche; necessitam de esperar muito tempo até saberem o que caiu lá dentro>>[1]. A alma é esta fonte secreta: não lhe tenteis desvendar prematuramente o mistério. As reservas do tempo pertencem a Deus; pouco a pouco Ele no-las cede; não nos compete, porém, exigi-las, nem impacientar-nos.

Por conseguinte, evitai a trepidação do homem apressado. Devagar se vai ao longe. No domínio do espírito vale mais a calma do que a corrida. Aqui mais do que em qualquer outra parte se verifica o prolóquio: tudo se alcança com tempo e paciência. <<A vida bem cheia é longa>>, disse Leonardo da Vinci. Ao homem que aproveita o seu tempo pertence a duração inteira, que está posta na eternidade. Não confundais o generoso estímulo com as excitações, que são quase o contrário dele, pois lhe quebram o ritmo. Não podeis levar a cabo, no meio da perturbação, o trabalho de paz que é a disposição ordenada das ideias, a delicada elaboração dos pensamentos novos. Portanto, não percais tempo, supondo loucamente que tendes falta dele.

Respeitai cristãmente a Providência de Deus. É Ele que põe as condições do saber: a impaciência é revolta contra Ele. Quando a febre se apossa de vós, desvanece-se a liberdade interior e espreita-vos a escravidão espiritual. Já não sois vós que operais, nem Cristo em vós, já não realizais a obra do Verbo.

Para que apressar-se indiscretamente, se o caminho é termo e o meio fim? Quando olhamos para o Niágara, desejamos acaso que ele se apresse? A intelectualidade tem valor intrínseco em todos os seus estados. O esforço virtuoso é conquista. Quem trabalha por Deus e como Deus quer, encontra em Deus a sua morada. Que importa o andar do tempo, se estamos instalados em Deus?

A perseverança coroa a constância e a paciência. *Quem perseverar até ao fim, será salvo*, diz o Evangelho. A lei da salvação intelectual é a mesma que a da salvação total. Quem põe mãos ao arado e olha para trás não é digno, também aqui, do reino dos céus.

Quantos trabalhadores que deste modo abandonaram os trabalhos, as sementeiras, e renunciaram As colheitas! As primeiras tentativas na ciência têm o carácter de provas eliminatórias: sucessivamente, os caracteres fracos cedem; os fortes resistem: no final, encontram-se apenas os trezentos de Gedeão ou os trinta de David.

---

[1] Nietzsche, Assim falou Zaratustra.

Perseverar é querer; quem não persevera, não quer, projecta. Quem larga, nunca segurou; quem cessa de amar, nunca amou. O destino é um só, e com muito maior razão uma obra parcial. O verdadeiro intelectual é, por definição, perseverante. Assume a tarefa de aprender e de instruir; ama a verdade com toda a alma; é um consagrado: não se subtrai prematuramente.
As grandes vidas mostram este supremo distintivo. Terminaram elas como um dia glorioso. A vermelhidão do pôr do sol não é menos bela que a poalha loura da madrugada; até mais imponente. O homem de bem, que trabalhou longamente sem desfalecer, pode, também ele, finar-se numa morte simples e sumptuosa; a sua obra a um tempo segue-o e fica para nosso proveito.
Vós, que seguis os vestígios dos grandes homens, não queirais pertencer ao número dos viajantes cobardes que desertam, que andam parte do caminho, mas logo param, sentam-se esgotados e cedo ou tarde voltam às regiões da vulgaridade. Resisti até ao termo da viagem. <<Devagar se vai ao longe>>, e as largas passadas sem perseverança são saltos perdidos que a nenhuma parte conduzem.
Robustecei a vontade e confiai-a ao Senhor para que Ele a consagre. Querer é estar sujeito, é estar agrilhoado. A necessidade do dever ou duma resolução reflectida, embora livre de obrigação, deve constranger-nos tanto como as necessidades da natureza. Um laço moral é superior a um laço material.
Determinada a tarefa, perseverai nela com rigor maleável: excluí os deveres inferiores, mais ainda as infidelidades. Esforçai-vos em profundidade, a fim de conquistar a duração naquela das suas dimensões que vos é directamente acessível. Envolvido na sua onda, não abandoneis, que ela não vos largará. Pertencereis então ao número dos pensadores fiéis. Os gigantes do trabalho, os Aristóteles, os Agostinhos, os Albertos Magnos, os Tomás de Aquino, os Leibniz, os Littré, os Pasteur, reconhecer-vos-ão por filhos, e partireis dignamente ao encontro d'Aquele que pacientemente vos espera.

IV – Fazer tudo bem feito e até ao fim.

Quem pratica estas três virtudes, não tem de recear a mediocridade ou imperfeição do resultado. Todavia, convém sublinhar a necessidade de perfazer e a obrigação de concluir o que se julgar útil empreender.
Reflecti antes de lançar ombros a um trabalho, pois, como diz o Evangelho, quem se mete numa aventura, pequena ou grande, sem <<ter calculado se dispõe de meios para a terminar>> é louco. Exige a prudência que, em face da obrigação de concluir, deliberemos sobre a oportunidade de começar. Não rematar uma obra é destrui-la. <<*Quem fraqueja no decurso duma obra é irmão daquele que destrói o que fez*>>, lemos nos Provérbios (18, 9).
De que serve uma casa por acabar? Que pensar de quem lhe assentou os alicerces? A sua ruína evoca desgraças; ninguém pensa que um vivo ou um homem poupado pela sorte possa suportar estas paredes que se assemelham às colunas quebradas dos cemitérios. E vós construtores segundo o espírito, quereis converter o vosso passado em campos de escombros?
Há pessoas com quem podemos contar; quando prometem, cumprem a palavra; ora, todo começo é promessa, se não for loucura. Outros há que se obrigam, e por fim não cumprem; dir-se-iam incapazes de cumprir qualquer obrigação; não conseguimos obrigá-los, nem eles são capazes de se obrigarem: é água que corre.
Tais pessoas representam, moralmente, uma espécie inferior; o intelectual que se lhes assemelha, não é intelectual; condena-os a vocação a que são chamados. Vós, que sois consagrados, decidi-vos a ser fiéis. Há em vós uma lei: obedecei-lhe. Prometestes executar, executai. Põe-se-vos um caso de consciência; resolvei-o com honra, porque censurar-vos-iam, se deixásseis qualquer trabalho por acabar.
O abandonar um projecto ou uma empresa denota fraqueza. Habituamo-nos a ceder; tomamos o partido da desordem e da má consciência; fazemos e não fazemos. Daí uma diminuição de dignidade que não favorece o progresso.
Medi dez vezes, mas cortai uma só; preparai o estofo com cuidado, e, quando chegar o momento de coser, não desistais da obra começada.

Donde se segue que haveis de coser o melhor que puderdes. Acabado significa terminado, mas significa também perfeito, e ambos estes sentidos se corroboram. Não termino verdadeiramente o que me recuso a encaminhar para o melhor resultado. O que se não perfaz não é. Segundo Spinoza, o ser e a perfeição respondem à mesma ideia; o ser e o bem são convertíveis.

Conta-se que Ticiano esboçava vigorosamente as suas telas, pintava-as até certo ponto e logo a seguir as abandonava até que lhe fossem estranhas. Retomava-as então e, envolvendo-as num <<olhar inimigo>>, transformava-as em obras-primas.

Quando tiverdes realizado um trabalho, deixai-o repousar; dai tempo ao tempo e, só depois de um prazo mais ou menos longo, volvei para ele o olhar. Se nessa altura vos desagrada, recomeçai. Se estiver ao vosso nível criticai-o sem dó nem piedade em todos os pormenores, e voltai ao trabalho, até que possais dizer: esgotaram-se-me as posses; que Deus e o próximo me perdoem as deficiências. <<*Qual potui feci: ueniam da mihi, posteritas*>>, diz Leonardo de Vinci no seu epitáfio.

Não é necessário compor muito. Se o que fazeis corresponde ao vosso génio, às vossas graças e ao tempo de que dispondes; se vos destes totalmente a isso e se o voto da Providência se cumpriu em vós por uma obediência cega, tudo vai bem. Fareis sempre muito, se concluirdes o que fazeis. O que fizésseis não ajuntaria nada a isso, pelo contrário tirar-lhe-á alguma coisa; seria como nódoa em estofo de seda preciosa.

A vocação intelectual não é um pouco mais ou menos; requer a doação total. A vossa vida, consagrada ao Deus de verdade no seu conjunto, pertence-lhe em cada caso de que é tecida. Antes de cada trabalho dizei: devo fazê-lo e fazê-lo bem, até ao fim, pois o que não se termina não é. Na medida em que o faço mal sou um falhado, desobedeço ao Senhor ou subtraio-me a meus irmãos. Nessa mesma medida renuncio à minha vocação. Ter uma vocação é ter a obrigação do perfeito.

Vem aqui a propósito um conselho prático. Depois de vos terdes decidido a empreender um trabalho, depois que o concebestes, preparastes e que estais em via de o começar, determinai imediatamente, por um esforço vigoroso, o valor que ele deve revestir. Se o não fizerdes então, nunca o fareis. Se a preguiça vos soprar: Cessa agora, mais tarde voltarás à carga, respondei que esses retornos são as mais das vezes pura ilusão. Uma vez descida a encosta, dificilmente se torna a subir por ela. Não encontrareis a coragem de repensar *ab ouo* uma obra medíocre; a cobardia de hoje é má garantia para o heroísmo de amanhã. Quanto às correcções que podereis introduzir, por perfeitas que sejam, destoariam sempre. Toda obra quer ser feita dum arranque. Observa Beethoven que um trecho acrescentado posteriormente nunca se adapta ao carácter da composição. Ticiano retomava a fundo, mas de acordo com a primeira inspiração, visando apenas rematar; não modificava os dados primordiais, nem a composição, nem as linhas básicas. Dado o primeiro passo o resto vinha por acréscimo.

Dai sempre o máximo no momento da criação. Concebida a obra, tratai-a como se trata uma criança que se alimenta e se educa, mas cuja hereditariedade; está fixa e cujos caracteres fundamentais já se não mudam. Aplicai então ao vosso parto espiritual as palavras da Bíblia: <<Quem poupa a vara, odeia seu filho>> (Prov. 13, 24).

V – Não ir além das próprias forças.

Esta severidade supõe que os trabalhos empreendidos se adaptam às vossas forças e por elas se medem. Se a presa for mais forte do que o caçador, devora-o. Nesse caso é ridículo traçar regras. Ninguém recomenda ao caçador de lebres que ataque o leopardo deste ou daquele modo.

O último dos Dezasseis Preceitos tomistas reza assim: <<Altiora te ne quaesieris, não tentes coisa alguma superior às tuas posses>>. É máxima muito sensata. Já o oráculo antigo dissera: <<Não alargues o teu destino, nem procures ultrapassar o dever que te é imposto>>. O trabalho intelectual é apenas o prolongamento das tendências nativas: somos, agimos, nasce a obra. Se tentardes prolongar chumbo com ferro, algodão com seda, não haverá aderência.

A vocação serve-se dos recursos, ano os cria. O intelectual mal dotado nunca fará obra com jeito; mas a expressão <<mal dotado>> aplica-se também a um trabalho particular, e é disto

que falamos agora.
Discerni em todas as ocasiões o esforço que vos convém, a disciplina de que sois capazes, os sacrifícios em que podeis consentir, a matéria que podeis tratar, a tese que podeis escrever, o livro que vos pode ser útil, o púbico a quem podeis servir. Julgai de tudo isto com humildade e confiança. Se preciso for, pedi conselho, sem esquecer no entanto que nos conselheiros abundam a leviandade e a indiferença. Fixai-vos o melhor que puderdes. Após o quê, aplicai-vos ao trabalho de alma e coração.
É grande a obra que for exactamente medida. A que for além da medida e de todas a mais pequena. Muitas vezes dissemos: a vossa obra é única, a dos outros também o é, não altereis a ordem. Só vós podeis fazer bem aquilo de que vos encarregastes; faríeis mal aquilo que o próximo fará bem. Deus satisfaz-se em todos.
É grande sabedoria empreender segundo as suas forças, dizer apenas o que se sabe, não se obrigar a pensar o impensável, nem a compreender o incompreensível, evitar o perigo de iludir a substância das coisas cuja ausência se disfarça sob a roupagem de termos pomposos. O orgulho não se dá com esses expedientes, mas o orgulho é o inimigo do espírito e da consciência. O presunçoso cede ao peso da sua obra ridiculiza-se, aniquila a própria força. Infiel a si, a nada é fiel; é chama apagada.
As condições do êxito são as mesmas em todas as coisas: reflectir ao princípio, começar pelo começo, proceder com método, envidar todos os esforços. Mas a reflexão inicial tem por objecto primário determinar aquilo para que somos feitos. 0 <<*conhece-te a ti mesmo*>> de Sócrates não encerra apenas a chave da moral, mas a de toda a vocação, visto que ser chamado a alguma coisa é ver abrir-se, diante de si, um caminho na amplidão da vida humana.

CAPÍTULO IX - O trabalhador e o homem

I – Guardar o contacto tom a vida.

Depois de haver pedido tanto e, na aparência, forjado tantas cadeias, será porventura ironia abeirar-me uma vez mais do intelectual e recomendar-lhe que guarde a liberdade da alma?
O que mais importa à vida, não são os conhecimentos, é o carácter, e o carácter estaria ameaçado, se o homem se mantivesse, por assim dizer, debaixo do seu trabalho, oprimido pelo rochedo de Sísifo. Há outra ciência diferente daquela que se confia à memória: a ciência de viver. O estudo deve ser acto de vida, deve ser útil à vida, deve sentir-se impregnado de vida. Das duas espécies de espíritos – os que se esforçam por saber alguma coisa e os que tentam ser alguém –, a palma pertence por muitos motivos à segunda. No saber, tudo é esboço: concluída a obra, temos o homem.
A intelectualidade concorre sem dúvida para a soberania do homem, mas não basta. Além da moralidade, em que se inclui a vida religiosa, devem-se encarar outros factores de alargamento. Mencionamos a sociedade, a actividade prática: juntemos-lhes o convívio com a natureza, o cuidado da casa, as artes, as assembleias, uma dose de poesia, o culto da palavra, os desportos inteligentes, as manifestações públicas.
É difícil de precisar a medida de tudo isto, mas espero que o leitor encontre nestas páginas pelo menos o espírito de semelhante decisão. Para o pensamento e para a prática, é índice seguro o saber avaliar o valor relativo das coisas.
A finalidade do estudo consiste em promover a extensão do nosso ser. Se a arte é o homem ajuntado à natureza, a ciência é a natureza ajuntada ao homem: num e noutro caso cumpre salvar o homem.
Pascal recusa-se a dar apreço ao especialista que só seja especialista; não quer que, quando um homem entra numa sociedade, se lembrem apenas do livro que escreveu. <<É péssimo sinal>>, diz, e di-lo não só em conformidade com o espírito de ciência comparada que descrevemos, mas pensa na harmonia humana.
É preciso ser sempre mais do que se é: o filósofo deve ser um pouco poeta; o poeta, um pouco filósofo; o artista deve ser poeta e filósofo de vez em quando, e o povo até gosta disso. O escritor deve ser prático, e o prático deve saber escrever. O especialista é antes de mais nada uma pessoa, e o essencial da pessoa não se confina no que se pensa nem no que se faz.
O destino não é algo de particular. Os fins particulares não valem a vida, nem os actos a acção, nem o talento uma ampla intuição onde se aniche a existência; a obra não vale o artista. É nocivo tudo o que esteja desligado das suas largas relações, e a alma só se desdobra no ambiente universal.
Quem só pensa no seu trabalho, trabalha mal; diminuiu-se; toma um vinco profissional, que se converterá em tara. O espírito deve manter-se aberto, guardar o contacto com a humanidade e com o mundo, a fim de sair de cada sessão de estudo com capacidade para novo voo.
Já citámos a frase dum rabino: <<Num alqueire cheio de nozes podem caber ainda muitos almudes de azeite>>; e aplicámo-las aos trabalhos que mutuamente se sustêm, em vez de se combaterem. Chamando agora noz ao trabalho técnico, poderemos juntar-lhe, sem o sobrecarregar, pelo contrário aligeirando-o, o azeite da vida intelectual fácil dos nobres lazeres, da natureza, da arte.
O trabalho técnico só lucrará com isso. Lucra amplamente da sociedade, da amizade, da acção exterior, e já indiquei o porquê. Agora limito-me a alargar os fundamentos de alcance geral. Pensamos acaso que uma visita ao museu do Louvre, a audição da *Sinfonia heróica* ou do *Rei Édipo*, um passeio a Versalhes em pleno outono, a simples vista do pôr do sol, uma sessão patriótica no Trocadero ou no grande anfiteatro da Sorbona, os jogos olímpicos, um Mistério em Jumiège ou no teatro de Orange, um discurso solene em Notre-Dame são estranhos a qualquer especialidade?
Seria compreender muito mal o pensamento, o não, querer ver os seus lagos com todas as manifestações criadoras. A natureza renova tudo, refresca as cabeças bem feitas, abre caminhos e sugere vistas de conjunto que a abstracção ignora. A árvore é um instrutor e o

prado pulula de ideias como de anémonas ou de malmequeres; o céu revolve inspirações com suas nuvens e astros; as montanhas estabilizam os pensamentos com a sua mole, e as meditações elevadas lançam-se à procura das correntes de água.

Conheço alguém que, olhando uma torrente rápida, na montanha, se elevava invencivelmente à ideia dos mundos, sonhando massas que se precipitam com a mesma pressa, debaixo do império das mesmas leis, na dependência das mesmas forças, graças ao mesmo Deus donde tudo parte e aonde tudo volta. Tomando ao trabalho, sentia-se levantado pela Força única, penetrado desta Presença espalhada por toda a parte, e mergulhava a sua obscura acção na comunhão dos seres.

Vós, espíritos encarquilhados, corações ressequidos, pensais perder o tempo em seguir as torrentes e em errar no rebanho dos astros. O universo envolve o homem e não o suspeitais. A estrela vespertina aborrece-se no seu escrínio sombrio, quer habitar no pensamento, e recusais-lhe guarida. Escreveis, calculais, enfiais proposições, elaborais teses, mas não olhais.

Quem ignora que, num concerto, o intelectual pode ser empolgado por uma impressão de grandeza, de beleza, de poder que se transpõe imediatamente em modos particulares, aproveita a seus objectos, colore os seus temas habituais e lhe proporcionará brevemente mais rica sessão laboriosa? Não vai ele, nas costas dum programa, rabiscar à pressa o esquema dum capítulo ou dum discurso, uma ideia a desenvolver, uma imagem viva? A harmonia alterou-lhe o tom da inspiração, e o ritmo, em que foi tomado como o transeunte num exército em marcha, arrastou-o para novos caminhos.

Em S. Sulpício, na Capela dos Anjos, Delacroix fundia-se deliciosamente com os sons do órgão e com os cantos religiosos; atribuía ele a esta harmonia o êxito extraordinário do seu Jacó lutador e do cavaleiro do *Heliodoro*.

A música tem de precioso para o intelectual o não determinar nem perturbar coisa alguma. Supedita apenas estado de alma, que, aplicados a esta ou àquela tarefa, surtirão efeitos diversos. Rodin fará dela uma estátua, Corot uma paisagem, Gratry uma página ardente, Pasteur uma pesquisa mais apaixonada e mais atenta. Tudo reside na harmonia e tudo se regenera. O ritmo, pai do mundo, e também o pai do génio, onde o mundo se reflecte. No horizonte indistinto do sonho, cada qual vê subir a imagem da sua preferencia e inscreve rastos dela na sua língua.

Segundo S.Tomás, as circunstâncias de pessoa e as circunstâncias de facto fazem parte das actividades; concorrem para as integrar e comunicar-lhes os seus caracteres. Constituirá excepção apenas a acção de pensar? Não será ela influenciada pelo ambiente imaginativo, sensorial, espiritual, social, de que a cercamos, para que não seja canto isolado, mas urna voz da orquestra?

Somos muito pobres, entregues a nós somente, no gabinete de trabalho. É verdade que podemos levar para lá o universo e povoá-lo de Deus; mas este povoamento só é efectivo após longa experiência cujos elementos estão disseminados em toda a parte. Encontraria eu a Deus no meu quarto, se nunca fosse à igreja nem olhasse para o céu que <<canta a sua glória>>? Escreveria eu debaixo da impressão da natureza e da beleza universal, se os altos cumes, o campo calmo e os teatros da arte me não houvessem anteriormente educado?

Por isso, é preciso alargar o trabalho, para não sermos forçados às galés nem reduzir a intelectualidade a gargantilha. O trabalho é acto livre.

Por conseguinte, vós, que pretendeis consagrar-vos vocação do estudo, não volteis as costas ao resto da vida, por causa do estudo. Não renuncieis a coisa alguma que seja do homem. Guardai equilíbrio onde o peso dominante não ameaçar arrastar tudo após si. Sabei estabelecer uma tese e olhar uma aurora, embrenhar-vos nas profundas abstracções e brincar com as crianças, como o divino Mestre. Hoje as <<togas de pedantes>> e as <<borlas>>, de que zombava Pascal, já não têm curso; mas subsistem, estão nas almas: não vos adereceis com elas. Recusai ser cérebro despegado do corpo e homem diminuído na alma. Não convertais o trabalho em monomania.

O intelectual é homem de saber largo e variado que prolonga uma especialidade penetrada a fundo: é amigo das artes e das belezas naturais; o seu espírito revela-se o mesmo nas ocupações correntes e na meditação; encontramo-lo idêntico diante de Deus, diante dos iguais e diante da criada, levando em si um mundo de ideias e de sentimentos que se não inscrevem

nos livros nem nos discursos, que se expandem na conversação amigável e guiam a vida.
Na realidade, todas as coisas são interdependentes e fazem uma só coisa. A intelectualidade não sofre tabiques. Todos os objectos são portas para penetrar no <<jardim secreto>>, na <<adega>>, termo das pesquisas ardentes. Os pensamentos e as actividades, as realidades e os seus reflexos têm é mesmo Pai. Filosofia, arte, viagens, cuidados domésticos, finanças, poesia e ténis, formam alianças e não se contradizem senão pela harmonia.
O necessário, em todo o momento, é estar onde se deve e fazer o que importa. Tudo se une no concerto divino-humano.

II – Saber distrair-se.

Todos percebem que o alargar-se, no sentido que lhe damos, é descanso. A melhor parte do descanso está compreendida nos modos secundários de vida que mencionámos. Todavia, convém louvar mais explicitamente o repouso, inverso do trabalho, no qual, por conseguinte, o trabalho se qualifica em certo modo revelando-se excessiva, razoável, submetido ou não à regra humana que se confirmar na lei de Deus.
Cortem-se os excessos. O trabalho, precisamente porque é dever, exige limites que o mantenham em vigor e duração e lhe procurem, no decurso da vida, a maior soma de efeitos de que é capaz.
A intemperança é pecado porque nos destrói, e temos a obrigação de poupar a vida porque temos a obrigação de viver. Ora não há intemperança senão a respeito das alegrias grosseiras; os mais subtis, os mais nobres entusiasmos participam da sua malícia. É inconsequência amar a verdade à custa da prudência, isto é, da verdade da vida. Prova-se assim que, a despeito dos protestos, não se ama a verdade, mas sim o prazer nela experimentado, as vantagens de vaidade, de orgulho, de ambição que dela se esperam, como os apaixonados de quem se costuma dizer que gostam de amar e do amor mais do que seu objecto.
O repouso é dever, como a higiene, de que faz parte, como a conservação das forças. <<Quero que te poupes>>, diz Santo Agostinho a seu discípulo[1]. O espírito não se cansa, mas sim o espírito na carne; os nossos poderes de pensamento são proporcionados a certa dose de acção. Além disso, sendo o sensível o nosso meio conatural, e formando as mais pequeninas acções práticas a trama de vida para a qual estamos preparados, o abandono deste domínio para subir ao abstracto causa fadiga. O esforço não pode persistir. Urge voltar à natureza e mergulhar nela para nos refazermos[2]. O ser em contemplação é algo de <<mais pesado que o ar>>: só se mantém elevado por um gasto considerável de energia; em pouco tempo esgota-se o combustível e torna-se mister encher novamente o depósito.
Podemos admitir sem paradoxo estas palavras de Bacon, que os dados da fisiologia corroboram: <<estudar tempo de mais é uma maneira de preguiça>>. É preguiça directamente, por ser incapacidade de dominar um determinismo, de manejar um freio. É preguiça indirectamente, porque recusar um repouso é recusar implicitamente um esforço que o repouso permitiria e que o excesso de cansaço compromete. É preguiça ainda de outro modo mais oculto. Com efeito, o repouso é, fisiológicamente, um enorme trabalho. Quando se interrompe a actividade pensante, o génio interior do corpo empreende uma restauração que ele quereria que fosse completa. O pretenso lazer não passa de transformação de energia.
No teatro, quando baixa o pano, o palco é invadido por operadores que limpam, consertam, modificam e assim preparam o acto seguinte. O ensaiador que interrompesse essa tarefa seria inimigo do público e de si próprio. Aquele que se cansou demasiado opõe-se também à sua vocação, Àquele que lhe dá, aos seus colegas na obra intelectual, aos seus irmãos que daí tirariam lucro, ao seu próprio bem.
O melhor meio de repousar seria ainda, se possível fosse, não se cansar, quero dizer, equilibrar o trabalho de maneira que uma operação servisse de descanso a outra. Na medicina costumam combater-se os efeitos duma droga nociva pela droga contrária. Nem tudo cansa do mesmo modo, nem no mesmo momento. O fundidor, que sua diante da fornalha, descansaria enfaixando molhos de feno no campo, e o enfeixador, distribuindo o feno pelas gamelas dos

---

(1) De Musica, c. 2.
(2) Cf. S. Tomás, IIª IIªª, q. 168, art. 2.

animais.
Já demos bastantes sugestões neste sentido. Ao falar do emprego do tempo, depois a propósito da constância no trabalho, referimo-nos ao princípio da distribuição das tarefas. Na intelectualidade, nem tudo é concentração esgotante: há as preparações, os acessórios, os corolários práticos dos pensamentos e das criações. Escolher livros, separar documentos, juntar notas, classificar manuscritos, provas, dispor os objectos do escritório ordenar a biblioteca, são ocupações, não são trabalho. Introduzindo ordem nas ocupações, podemos cansar-nos só com verdadeiro conhecimento de causa, e, nos intervalos, resta ainda a possibilidade de efectuar muitas dessas tarefas pouco fatigantes mas que, no entanto, são indispensáveis e comportam valor de contemplação.
O dispor os trabalhos de acordo com a colaboração que exige do cérebro oferece dupla vantagem: evita o excesso de cansaço e comunica ao trabalho intenso toda a sua pureza. Quando se não previu o repouso, o repouso, que não se toma, *toma-se*; intercala-se subrepticiamente no trabalho, sob forma de distracções, de sonolência e de necessidade a que é preciso atender, por se não cuidar delas a tempo.
Estou em pleno esforço criador: falta-me uma referência; falta a tinta no tinteiro; esqueci-me de classificar umas notas; um livro, um manuscrito, de que necessito, estão noutro quarto ou soterrados debaixo duma pilha de papéis donde é preciso tirá-los. Uma hora antes, tudo isso se teria feito como que por divertimento, com alegria, com o pensamento na sessão tranquila que dessa sorte eu teria preparado. Neste momento, sinto-me perturbado; o ardor detém-se. Se omiti essas preparações por causa dum trabalho falso, trabalho que a minha intemperança quis salvar, a desgraça é dupla. Em suma: sem verdadeiro repouso, não há verdadeiro trabalho, reina a desordem.
Evitai cuidadosamente, disse eu, no que se refere aos <<instantes de plenitude>>, o trabalho a meias que é repouso a meias e de nada serve. Trabalhai com energia, em seguida distraí-vos, mais que não seja tomai aquele repouso relativo que prepara, favorece ou conclui o trabalho.
O repouso completo será necessário, completo, digo, pelo abandono momentâneo de preocupações laboriosas, com excepção do <<trabalho permanente>>, cuja facilidade e benefícios já conhecemos.
Para S. Tomás o verdadeiro repouso da alma é a alegria, a acção deleitável. Os jogos, as conversações familiares, a amizade, a vida de família, as leituras distractivas nas condições apontadas, a vizinhança da natureza, a Arte fácil, um trabalho manual muito suave, o divagar inteligente através duma cidade, os espectáculos pouco fortes e pouco apaixonados, Os desportos modernos: tais são os elementos de repouso.
Também neste particular cumpre evitar os excessos. Um repouso demasiado longo não só devora o tempo como também prejudica o ardor duma vida laboriosa. Importa sumamente descobrir o ritmo que permite esse ardor máximo aliado ao mínimo de fadiga. Trabalhar muito tempo seguido estafa; interromper-se demasiado cedo é não dar a sua medida. Do mesmo modo, descansar muito tempo seguido é destruir o ardor adquirido; repousando demasiado pouco, não se restauram as forças. Tratai de vos conhecer e de dosear em conformidade com esse conhecimento. Sob esta reserva, os repousos frequentes e curtos, que descansam sem todavia interromperem totalmente o trabalho, são os mais favoráveis.
Ah! Se pudéssemos trabalhar ao ar livre, com a janela aberta para uma bela paisagem, em posição, desde que chega o cansaço, de descansar alguns instantes no meio da verdura ou, se o pensamento estaca, de pedir o parecer às montanhas, à assembleia das árvores ou das nuvens, aos animais que passam, em vez de nos irritarmos esperando, aposto que duplicaria o produto do trabalho e que muito outra seria a sua amabilidade e humanidade.
Somos tão realistas, quando corremos pelo campo e com a alma librada no alto! Kant não deve ter sonhado o *imperativo categórico* num prado, nem Bentham a pretensa aritmética moral, e ao peso que me assaltam durante o trabalho, encontro apenas uma resposta: o trabalho. Qual o conforto para o coração, se ele duvidar da sua obra? O trabalho. Qual o meio de resistir aos inimigos do esforço e aos invejosos do êxito? O trabalho. O trabalho é o remédio, o trabalho é o bálsamo, o trabalho é o ardor. Juntai-lhe o silêncio, seu companheiro, e a oração, sua inspiradora, saboreai as delícias da amizade, e estareis apetrechados para lutar e vencer.

O trabalho equilibra a alma; dá-lhe a unidade interior. Com o amor de Deus, que funda a hierarquia dos valores, realiza ele a subordinação das forças, e a alma estabiliza-se. Fora disso, a necessidade de unidade não conseguirá satisfazer-se senão por alguma mania inferior ou por qualquer paixão, e as fraquezas de toda a espécie retomarão o império.
Com razão se chama a preguiça mãe de todos os vícios; ela é também mãe dos desfalecimentos e das inquietações, pelo menos favorece-as. O sentimento de vitória, resultante do trabalho, combate essa depressão; o gasto rítmico das forças alteia-lhes o tom e regulariza-as, como o entusiasmo da equipa que rema cantando.
A verdade é também defesa que consolida e alegra; com ela consolamo-nos de nós mesmos; a sua descoberta é recompensa, a sua manifestação vingança nobre, nos dias de contradição.

III – Aceitar as provações.

O trabalhador está exposto, entre outros pesares, àquele que porventura é o mais sensível ao intelectual, senão ao homem: a crítica. Quando a crítica é leviana e injusta, ele sofre, tende a irritar-se; se toca no seu ponto fraco e saliente, nas suas produções ou no seu carácter, defeitos que ele quereria esquecer e ocultar aos olhos dos outros, já que os não pode corrigir, é então que se sente ferido.
Que réplica adequada descobrir e que atitude tomar? <<Só encontro uma resposta a todas as críticas, diz Emerson: entregar-me de novo ao trabalho>>[1]. Conta-se também de S. Tomás que, quando atacado, o que lhe sucedia muito frequentemente, se empenhava em firmar posições, em precisar e ilustrar a sua doutrina; e depois calava-se. A agitação e gritaria de crianças barulhentas não conseguiam desviar o *boi mudo da Sicília* do caminho que trilhava.
Corrigir-se e calar-se, eis a grande máxima; os que a praticaram subiram sempre alto; da força dispendida em os derrubar fizeram eles impulsão vitoriosa; com as pedras que lhes atiraram construíram a sua morada.
É pueril querer defender as próprias obras ou estabelecer o valor delas. O valor defende-se a si próprio. O sistema solar não desempata Copérnico e Galileu. A verdade é; as obras de verdade participam do seu ser e do seu poder. Agitar-vos à volta delas é enfraquecer-vos. Calai-vos; humilhai-vos diante de Deus; desconfiai do vosso juízo e corrigi as vossas faltas; em seguida permanecei firmes como o rochedo batido pelas vagas. O tempo e as forças que gastaríeis em sustentar uma obra será melhor empregado em realizar outra, e a paz vale mais do que o êxito banal.
<<O verdadeiro sábio não discute nem se defende, escreve Keyserling; fala ou escuta, afirma ou procura penetrar as significações.>>
Se vos censuram, em vez de reagir dentro ou fora, como o animal que se eriça, observai, como homem, o alcance do que se diz; sede impessoal e íntegro. Se a crítica for justa, haveis de resistir à verdade? Embora, no ponto de partida se revelasse má vontade contra vós, tende a coragem de confessar o vosso erro, e o nobre propósito de utilizar a malevolência que Deus põe ao vosso serviço, porque até o mal está nas mãos de Deus, e a crítica mordaz, que vos fere, concorre para o vosso aproveitamento.
Depois de assim terdes tirado o bem do mal deixai o resto nas mãos do Senhor que julga por vós e a tempo fará justiça. Não presteis mais atenção. <<Não se diz mal, escreve Santo Agostinho, diante daquele que não escuta>>. A inveja é um imposto sobre o juro da glória, da distinção ou do trabalho. O trabalho, invulnerável em si, reclama do trabalhador o seu tributo. Que este o pague e não recrimine. <<As grandes almas sofrem silenciosamente>>, diz Schiller.
Quando nada há que retirar dum ataque, deve a própria pessoa tratar de se retirar incólume, isenta de enfraquecimento e de rancor, e, mais do que isso, engrandecida e melhorada pela prova. A verdadeira força espiritual exalta-se na perseguição; geme, por vem, mas o seu gemido assemelha-se ao de toda criatura que, <<geme e dá à luz>>, como diz o Apóstolo.
A vida intelectual dissemos nós, é heroísmo: quereríeis que o heroísmo não custasse? As coisas valem na proporção do que custam. Adiai para mais tarde o êxito, o louvor, não talvez o

---

[1] Autobiographie, Édit. Régis Michaud, pág. 145. Paris, Colin.

louvor dos homem, mas o louvor de Deus e o da sua corte, que farão da vossa consciência o seu profeta. Os trabalhadores, vossos irmãos na luta, louvar-vos-ão também, a despeito da sua aparente defecção. Entre os intelectuais cometem-se muitas pequenas vilanias e por vezes grandes iniquidades; mas uma classificação subentendida nem por isso deixa de consagrar os valores autênticos, ainda mesmo que a publicidade os esqueça.
Se for preciso diferir para mais tarde a vossa utilidade – quem sabe até se para depois da morte – consenti no sacrifício; a honra póstuma é a mais desinteressada, e a utilidade póstuma satisfaz bastantemente aos verdadeiros fins da vossa obra. Que pretendeis? A gloríola? Nesse caso, não passais de falso intelectual. A verdade? É eterna. Não é mister utilizar a eternidade.
A verdade desvenda-se pouco a pouco; os que a tiram da sombra não têm que lhe pedir a esmola duma auréola; eles servem e é quanto basta; o cingir um só instante a espada dos heróis é já recompensa.
O trabalho em si é valor. Mas o nosso tempo cometeu o crime de o depreciar e de ter substituído a sua beleza por feroz egoísmo. As almas nobres vivem uma vida bela e esperam dela a fecundidade. Trabalham não só pelo fruto, mas pelo trabalho, para que suas vidas sejam puras, rectas e viris, semelhantes à de Jesus, que tomam como ideal. Por isso ao se detêm nas decepções. O amor não teme as decepções, como nem a fé e esperança de sólidas raízes as temem.
Poderemos trabalhar sem ver o resultado da nossa diligência, semear e não colher, nadar para o mar alto e ser atirados para a margem, marchar e encontrar diante de nós apenas espaços ilimitados: quem crê e espera não descoroçoa, quem ama alegra-se, porque o amor prova-se muito mais quando se trabalha pelo prazer da pessoa amada e pelo prazer de lhe render serviços.

IV – Saborear as alegrias.

O trabalho não é só eriçado de contrariedades; comporta igualmente alegrias e traz felicidade, pois só a alegria nos põe em disposição de trabalhar e nos distrai após o esforço.
É preciso viver alegre mesmo no meio das afeições e contradições, a exemplo do Apóstolo: <<*Exulto de alegria no meio das tribulações*>>. A tristeza e a dúvida matam a inspiração, mas só se lhes não resistimos. Desprender-se delas por meio da alegria cristã é reavivar a chama apagada.
<<Os fracos pensam no passado, escreve Maria Bashkirtseff, os fortes tomam a desforra>>. Isto é sempre possível, e Deus, para nos ajudar, permite que repousemos às vezes numa alegria tranquila.
O sentimento da altitude dá ao trabalhador uma alma apertada e ao mesmo tempo feliz, como ao alpinista que trepa às rochas e aos glaciares. As paisagens de ideias, mais sublimes que as dos Alpes, excitam-lhe a embriaguez. <<Ver a ordem do universo e as disposições da divina Providência é actividade sumamente deleitável>>, afirma S. Tomás de Aquino[1].
Segundo o angélico Doutor, a contemplação parte do amor e termina na alegria: amor do objecto e amor do conhecimento como acto de vida; alegria da posse ideal e do êxtase por ela provocado[2].
O intelectual cristão escolheu a renúncia, mas a renúncia enriquece-o mais do que a altiva opulência. Perde o mundo e o mundo é-lhe dado espiritualmente; sobe ao trono onde são julgadas as doze tribos de Israel (Lc., 22, 30). O ideal é, para ele, a realidade íntima, que substitui a outra realidade e lhe absorve as taras na beleza. Despojado de tudo segundo o espírito e muitas vezes pobre efectivo, tem de sobra tudo quanto abandona, porque encontra secretamente a posse magnífica do que deixou. Se se envolve na acção interior a ponto de se esquecer de si próprio, no mais profundo deste sono aparente poderia repetir, como a Esposa: <<*Eu durmo, mas o meu coração vigia*>>. <<*Durante a noite procurei no meu leito aquele a quem o meu coração ama, encontrei-o, não o largarei*>>.
Quando se possuem as disposições requeridas e a alma se consagra a uma obra, quando se

(1) In Psalm, 22.
(2) II^{a} II^{ae}, q.180, art. I.

estuda bem e se lê bem, quando se anota bem, quando se faz trabalhar a inconsciência e a noite, os trabalhos que se preparam são como a semente acalentada pelo sol, como a criança que a mãe dá à luz no meio de dores, mas tão feliz por ter nascido um homem que não mais se recorda dos padecimentos (Io., 16, 21).
A recompensa duma obra é o concluí-la; a recompensa do esforço é o ter crescido.
Coisa notável, o verdadeiro intelectual parece escapar a estas tristezas da idade que infligem a tantos homens morte antecipada. O intelectual é jovem até ao fim. Dir-se-ia que participa da eterna juventude da verdade. Amadurece geralmente muito cedo, mas conserva-se ainda na pujança de vida quando a eternidade o vem recolher.
Esta esquisita perenidade, lote dos santos, faz suspeitar que a essência da santidade e da intelectualidade seja a mesma. Com efeito, a verdade é a santidade do espírito; conserva-o, do mesmo modo que a santidade é a verdade da vida e tende a fortificá-la para este mundo e para o outro. Não há virtude sem crescimento, sem fecundidade, sem alegria; também não há luz intelectual sem que estes efeitos dela derivem. Sábio (*sapiens*), etimológicamente, quer dizer que tem gosto ou discernimento, e o discernimento é um só, compreendendo a dupla regra do pensamento e da acção.

V – Gozar antecipadamente os frutos.

Somos chegados às últimas palavras que convém dirigir ao ouvinte desta curta e demasiado longa teoria da vida intelectual. <<Seguindo este caminho, diz S.Tomás ao discípulo, produzirás, na vinha do Senhor, folhas e frutos úteis todo o tempo da vida. Praticando estes conselhos, alcançarás o que desejas. Adeus>>.
Nobre adeus o que obriga, em favor do estudioso diligente e fiel, a honra da verdade e assegura, a quem cumprir as condições essenciais requeridas, os resultados por que anseia.
Nada podemos augurar a quem não for dotado. Mas, suposta a vocação, assiste-nos o direito de afirmar que a cultura não é filha principalmente do génio; nasce do trabalho, do trabalho qualificado, organizado e aturado, do trabalho que tentámos descrever.
O trabalho fabrica os seus instrumentos. Como o ferreiro que caldeia as ferramentas, assim o trabalho forma os caracteres, dá a solidez e inspira confiança.
Esta confiança, que se funda numa lei das coisas, pertence mais ao trabalho do que ao trabalhador; no entanto este deve igualmente ter fé em si, pois a seu lado está o Deus que disse: <<*Quem busca encontra e a quem bater abrir-se-á*>>. Todos temos a Verdade detrás de nós, e a Verdade empolga-nos pela inteligência; temo-la diante de nós, chama por nós; temo-la acima de nós, inspira-nos.
A alma é igual em todos; o Espírito sopra em todos; o fim e as aspirações profundas são as mesmas para todos; diversos, além da coragem, são apenas os elementos cerebrais mais ou menos livres e activos, mais ou menos ligados. Ora sabemos que com os socorros celestes podemos triunfar de muitas deficiências. A luz pode filtrar-se através das fendas que o esforço alarga; uma vez lá dentro, por si própria estende e corrobora o seu reinado.
Não nos apoiemos em nós; nunca, porém, será demasiada a confiança concedida a Deus em nós. Nunca se concebe ideia demasiado elevada do *eu*, quando esse, *eu* é o divino.
Além do quê, esperamos também dos nossos iniciadores, dos amigos, dos nossos irmãos intelectuais, permanente contribuição. Temos por nós os génios. Os grandes homens não são grandes só para si; levam-nos; a nossa confiança subentende-os. Com o seu auxílio podemos também engrandecer a nossa vida, como eles engrandeceram as suas, tendo em conta a desproporção das forças.
O verdadeiro intelectual não teme a esterilidade, a inutilidade; basta que a árvore seja árvore para produzir frutos. Os resultados chegam por vezes tarde, mas chegam sempre; a alma paga; os acontecimentos pagam. Se não esta em nossa mão igualar-nos com o que admiramos, podemos sempre igualar-nos a nós mesmos. Uma vez mais repetimos: não pretendemos outra coisa.
Cada indivíduo é único: portanto cada fruto do espírito será também único: O único é sempre precioso, sempre necessário. Não faltemos a Deus, que o êxito de Deus será nosso em parte. Eis o que pode consolar a nossa inferioridade e, se produzimos, reconfortar-nos perante o

dilúvio dos livros.
Dai tudo o que possuís e, se fordes fiel a vós, se o fordes até ao fim, estai certos de alcançar a perfeição da vossa obra, - a vossa, digo, a que Deus espera de vós e que corresponde às suas graças, interiores e exteriores. Direis que muitas vidas e muitas obras serão mais belas. Acrescentai: não há vida mais bela para mim, não há vida que lhe seja semelhante.
Só mais uma palavra, que faz parte dos motivos de confiança. Quando se nos exige fidelidade, trabalho aturado e bem regulado, não se pretende excluir todo o desfalecimento; promessas com essa condição se irrisórias. É próprio do homem errar. Mas, de todas as prescrições, retenhamos o essencial o habitual; esse quinhão basta e é indispensável.
Seria para desejar que a nossa vida fosse chama sem fumo e sem escórias, que dela nada se perdesse nem fosse impuro. Mera possibilidade, direis. Mas o possível também é belo, a belos e saborosos seus frutos.
Decidido a pagar, inscrevei no coração, hoje mesmo, se todavia o não fizestes, a resolução firme. Aconselho-vos a escrevê-la igualmente no papel em caracteres lisíveis, e que essa fórmula esteja continuamente diante de vós. Quando, após breve oração, acometeis o trabalho, repetireis cada dia o vosso propósito. Cuidareis de notar especialmente aquilo que vos é menos natural e mais necessário. Se preciso for, recitá-la-eis, a vossa resolução, em voz alta para que as palavras melhor penetrem no espírito.
Depois, acrescentai e repeti com convicção: *<<Se fizeres isto produzirás frutos úteis e alcançarás o que desejas>>*.

ADEUS.